

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Marcelo da Silva

**DA ESCRITA IDEOGRÁFICA AOS EMOTICONS: UM ESTUDO À LUZ DA
HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

São Paulo

2011

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Marcelo da Silva

**DA ESCRITA IDEOGRÁFICA AOS EMOTICONS: UM ESTUDO À LUZ DA
HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos.

São Paulo

2011

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

A Deus, que, nos momentos de aflição, não me deixou desfalecer;

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos, pela sua paciência e compreensão;

À Prof^a. Dr^a. Nancy dos Santos Casagrande (PUC-SP) e à Prof^a. Dr^a. Élide Jacomini Nunes (UPM-SP), pelas valiosas observações e sugestões feitas no Exame de Qualificação;

Aos meus pais e meus irmãos, pelo apoio afetivo e espiritual;

À equipe gestora e aos colegas da Escola Estadual Anecondes Alves Ferreira, que se mostraram interessados e orgulhosos desta produção;

Aos professores e colegas da PUC-SP, que, ao longo do curso de mestrado, muito contribuíram para o meu crescimento intelectual;

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho;

Ao Programa Bolsa Mestrado, pelo auxílio financeiro.

DEDICATÓRIA

À minha querida mãe, na certeza que seu coração está repleto de alegria e orgulho.

*“Porque há doçura e beleza na
amargura atravessada, e eu quero a
memória acesa depois da angústia
apagada.”*

Cecília Meireles

RESUMO

O presente trabalho procurou estabelecer relações entre os emoticons utilizados no chat de texto e as figuras *determinativas* da escrita cuneiforme e hieroglífica, por intermédio da Historiografia Linguística, que (re) constrói o saber linguístico, identificando seu contexto e suas influências na produção do documento, em um determinado tempo histórico e espaço geográfico.

Ao elaborarmos um panorama histórico da escrita, resgatamos as principais características da escrita ideográfica dos sumérios e egípcios com seus *sinais determinativos* que serviam para ajudar os leitores a entender os significados dos textos e também para evitar possíveis ambiguidades. Historicamente, a escrita dos semíticos, gregos e romanos, foi fundamental na formação do nosso atual alfabeto. E no final do século XX e início do XXI surgiu a Internet como veículo de comunicação que oferece novas formas de relacionamento como o chat, em um espaço aberto à interação na mídia digital.

Deste modo, a presente pesquisa constatou que há tanto semelhanças como diferenças entre os emoticons utilizados nos chats e os sinais determinativos dos sumérios e egípcios. Quanto às semelhanças, ambos possuem valor ideográfico, ou seja, transmitem ideias e acompanham palavras com valor fonético. Enquanto os sinais determinativos tinham a finalidade de ajudar o leitor no entendimento das palavras, os emoticons possuem o papel de complementar a mensagem escrita.

ABSTRACT

This study sought to establish relations between the emoticons used in chat text and figures determinative of cuneiform and hieroglyphic, through the linguistic historiography, which (re) constructs the linguistic knowledge, identifying their context and their influence in producing the document, in a particular historical time and geographical space.

When we make a historical overview of writing, we rescued the main features of ideographic writing of the Sumerians and Egyptians with their signals determinative that served to help readers understand the meanings of texts and also to avoid possible ambiguities. Historically, the writing of Semitic, Greek and Roman, was instrumental in shaping our current alphabet. At the end of the twentieth century and beginning of the XXI came the Internet as a communication vehicle that offers new ways of relating to chat in an open space for interaction in digital media.

Thus, this research found that there are both similarities and differences between the emoticons used in chat rooms and signals determinative of the Sumerians and Egyptians. As for similarities, both have ideographic value, or transmit ideas and words with accompanying phonetic value. While the determinative signs were intended to help the reader in understanding the words, emoticons have the role to complement the written message.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - A HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA E OS SEUS FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	7
1.1 Historiografia Linguística e a Interdisciplinaridade.....	8
1.2 Concepção de Historiografia Linguística.....	9
1.3 O recurso científico da metalinguagem.....	13
1.4 Os três princípios básicos da Historiografia Linguística.....	15
1.5 A definição do argumento de influência.....	17
1.6 O nascimento de uma metodologia: a Historiografia Lingüística e sua relação multidisciplinar.....	18
1.7 Concepção de paradigma: rupturas e continuidades na história das ciências.....	20
CAPÍTULO II – PANORAMA HISTÓRICO DA ESCRITA: DO CUNEIFORME AO ALFABETO.....	22
2.1 A origem da escrita e os primeiros registros pictográficos.....	23
2.2 Mesopotâmia e Egito: contextualizando o período.....	27
2.2.1 A escrita na civilização mesopotâmica.....	29
2.2.1.1 Os sinais determinativos da escrita cuneiforme....	34
2.2.2 A civilização egípcia.....	35
2.2.2.1 O hieroglífico.....	39
2.2.2.2 Os sinais determinativos do hieroglífico.....	42
2.3 O sistema de escrita ideográfico.....	44
2.4 O sistema de escrita alfabético.....	49
2.4.1 O alfabeto semítico.....	51
2.4.2 O alfabeto grego.....	53
2.4.3 O alfabeto latino.....	56
2.4.4 O alfabeto latino após o latim.....	58

2.4.5 A variante linguística na escrita alfabética: a ortografia.....	59
2.4.6 A escrita alfabética ortográfica.....	62
2.4.7 A escrita das letras após a criação do alfabeto.....	63
2.4.8 O alfabeto nos dias atuais.....	66

CAPÍTULO III - A ESCRITA NA ERA DIGITAL: FINAL DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI.....67

3.1 A sociedade na era digital: contextualizando o período.....	67
3.2 Breve histórico da Internet.....	74
3.2.1 A trajetória da internet no Brasil.....	77
3.3 O internetês: a linguagem dos internautas.....	79
3.3.1 Uma linguagem diferente da conversa face a face.....	82
3.3.2 Uma linguagem diferente da escrita.....	86
3.3.3 Os efeitos de um novo veículo dentro de uma língua.....	89

CAPÍTULO IV – O EMOTICON NOS DIÁLOGOS DO CHAT: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL COM A ESCRITA IDEOGRÁFICA.....96

4.1 Novos caminhos para a escrita.....	96
4.2 O chat como gênero emergente no meio virtual.....	99
4.3 Concepção de emoticon.....	102
4.4 Os emoticons nas mensagens de bate-papo.....	105
4.5 Aproximações entre emoticons e sinais determinativos.....	110

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....111

BIBLIOGRAFIA.....112

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado à Linha de Pesquisa História e Descrição da Língua, do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, e tem como tema a busca das relações entre os *emoticons*¹ utilizados nas mensagens virtuais, inseridas no contexto da tecnologia digital, com os sinais *determinativos* da escrita ideográfica² utilizada pelas antigas civilizações mesopotâmica e egípcia.

Entendemos como contexto da tecnologia digital, o período presente da história da humanidade em que a comunicação está atrelada ao desenvolvimento da informática e ao advento da rede mundial de computadores – a internet, que traz uma palavra que, há décadas, fazia parte apenas da ficção científica: o espaço virtual ou o *ciberespaço*³.

Neste espaço virtual, há a necessidade de uma comunicação rápida, dinâmica e criativa que atenda aos anseios dos usuários em meio às inovações tecnológicas presentes. Diante disso, novas alternativas lingüísticas foram incorporadas, bem como lembra Crystal (2006, p. 80), *a internet é um veículo eletrônico, global e interativo, e cada uma dessas propriedades traz conseqüências para o tipo de linguagem encontrado lá. O autor acrescenta ainda que há também algumas atividades lingüísticas que são permitidas pelo meio eletrônico que nenhum outro veículo consegue alcançar.*

Desta forma, parece apropriado fazermos um estudo dos emoticons – recursos imagéticos expandidos com o surgimento da internet, que são formas de comunicação que traduzem ou querem transmitir o estado psicológico ou

¹ Do inglês emotin + icons ou ícones de emoção. São combinações de caracteres do teclado do computador que os participantes utilizam nas comunicações escritas na Web.

² Para Diringer (1971, p. 24), as escritas dos antigos mesopotâmicos, egípcios, cretenses e hititas são classificadas, incorreta e frequentemente, como 'ideográficas'. Na verdade, embora possam muito bem ter sido ideográficas na origem, os mais antigos exemplos conhecidos só em parte são ideográficos, apresentando também um elemento fonético, e combinando-se as duas formas de vários modos.

³ Palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O ciberespaço designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Lévy (2007, p. 104).

emocional de quem os emprega, dinamizando a interação dos usuários e auxiliando na construção dos sentidos.

Conforme mostra as figuras 1 e 2, podemos perceber os recursos utilizados na interação via internet, principalmente no gênero chat⁴.

(02:13:08) **Maria Só...ouvindo** fala para **#Maria Qualquer**: Boa Tarde!

(02:14:14) **#Maria Qualquer** fala para **Maria Só...ouvindo**: oi prima....rs....boa tarde...


(02:15:06) **Maria Só...ouvindo** fala para **#Maria Qualquer**: Tudo bem?

(02:15:17) **#Maria Qualquer** fala para **Maria Só...ouvindo**: sim minha linda e vc como está???

(02:16:03) **Maria Só...ouvindo** fala para **#Maria Qualquer**: Bem TAMBÉM RS

(02:16:12) **Maria Só...ouvindo** fala para **#Maria Qualquer**: 

(02:16:15) **#Maria Qualquer** fala para **Maria Só...ouvindo**: então eu fico feliz, por nós duas....rs...

(02:16:21) **#Maria Qualquer** fala para **Maria Só...ouvindo**: 

(02:16:27) **Maria Só...ouvindo** fala para **#Maria Qualquer**: 

Figura 1: Diálogo entre duas internautas com uso de imagem e escrita
 Fonte: Bate-papo UOL – Cidades – SP – Mais de 50 anos Sala 04

(03:42:45) **#Maria Qualquer** fala para **Sutil H**: linduxoooooooooooooooooooooooooooo 

(03:42:55) **Sutil H** fala para **#Maria Qualquer**: LINDUXAAAAA 

(03:42:57)  **#LourdinhaSóOuvir*** fala para **Sutil H**: 

(03:43:04) **Sutil H** fala para **#tom**: 

(03:43:08) **#Dama antiga™** fala para **#Dama antiga™**: Boa tarde DJ!!!!!! 

(03:43:14) **Sutil H** fala para **#tom**: errei desculpe 

(03:43:30) **#tom** fala para **Sutil H**: ainda bem rsss 

(03:43:33) **#tom** fala para **Sutil H**: 

(03:43:36) **#Dama antiga™** fala para **Sutil H**: Boa tarde DJ!!!!!! 

⁴ Em português significa "conversação", ou "bate-papo" usado no Brasil, é um neologismo para designar aplicações de conversação em tempo real.

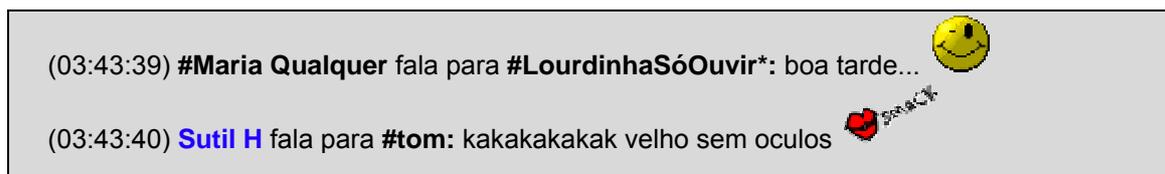


Figura 2: Diálogo entre internautas com uso de imagem e escrita
 Fonte: Bate-papo UOL – Cidades – SP – Mais de 50 anos Sala 04

Quanto aos sistemas de escrita ideográficos, para Cagliari (1996, p. 108), os mais importantes *são a egípcia, a mesopotâmica (suméria), as escritas da região do mar Egeu (por exemplo, a cretense) e a chinesa (de onde provém a escrita japonesa)*. Vale ressaltar ainda, segundo Cagliari (1996, p. 106), que a história da escrita passou por três fases distintas: *a pictórica, a ideográfica e a alfabética*.

Na fase pictórica, a escrita é caracterizada pelos desenhos ou pictogramas que aparecem em inscrições antigas, mas que podem ser vistas, de forma mais elaborada, nos cantos Ojibwa da América do Norte. No entanto, para o cumprimento do trabalho, atentaremos apenas para a fase ideográfica (sinais determinativos) da escrita mesopotâmica e egípcia, auxiliando nossa análise com os emoticons.

Como exemplo de escrita ideográfica, podemos citar a representação do elemento da água para os egípcios  (como uma onda) que reproduz, como bem lembra Sampson (1996, p. 81-82), *a aparência ondulada da superfície da água*.

Com esse pequeno percurso trilhado em torno dos emoticons e da escrita ideográfica (sinais determinativos), podemos nos perguntar se seria plausível supor se os emoticons possuem alguns pontos de similaridade com esses sinais ideográficos. Desta forma, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: há pontos comuns entre os sinais determinativos da escrita mesopotâmica e egípcia e os emoticons usados nas (mensagens) de bate-papo (chat)?

Mediante esse questionamento, a pesquisa parte da hipótese de que os emoticons são uma continuação no tempo e no espaço da escrita ideográfica

utilizada pela civilização egípcia e estabelece como objetivo geral desenvolver um trabalho que contribua para as pesquisas linguísticas relacionadas às produções escritas na Web⁵, mais especificamente, as que se utilizam dos emoticons.

Ademais, a pesquisa tem como objetivos específicos:

- Apresentar os fundamentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística;
- Fazer o levantamento do clima de opinião do período correspondente às antigas civilizações da humanidade mesopotâmia e egípcia, para assim compreender a concepção de sinais *determinativos*;
- Fazer o levantamento do clima de opinião do fim do século XX e início do século XXI, entre os anos 1990 e 2000, para compreendermos o contexto da tecnologia digital;
- Estabelecer relações entre os emoticons e os sinais determinativos da escrita cuneiforme e hieroglífica, definindo semelhanças e diferenças.

O final do século XX (década de 1990); e início do século XXI (década de 2000) testemunhou o surgimento de uma sociedade vinculada à informação e às novas tecnologias. Essa mesma sociedade tem se orientado por novas formas de relacionamento, por novas formas de atividades comunicativas, incluindo os gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital assim como afirma Marcuschi (2005, p. 13) *que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem.*

Ao estabelecermos relações entre os emoticons e os sinais *determinativos* da escrita cuneiforme e hieroglífica, acreditamos em contribuir

⁵ Web (World Wide Web) que em português significa Rede de alcance mundial, também conhecida como WWW.

com os estudos da Historiografia Linguística, uma vez que a HL tem como objeto de estudo a língua inserida em um contexto histórico e social.

Para o cumprimento dos nossos objetivos, fundamentamo-nos nos princípios da Historiografia Linguística presentes nos estudos de Koerner (1996) e Swiggers (1980) e de Altman (2004) em virtude de a autora ter contribuído com os estudos historiográficos no Brasil.

No que se refere ao contexto da tecnologia digital, buscaremos suporte básico nos estudos de Marcuschi (2005), Crystal (2006), Pierre Lévy (1993), para buscarmos alguns conceitos tais como: linguagem da internet, gênero digital (chat) e interação. Para, assim, compreendermos as dimensões fundamentais do contexto e do texto digital.

No que concerne à contextualização das sociedades antigas, mais especificamente sobre sua escrita ideográfica, nos basearemos nos estudos de Cagliari (1987; 1996), Aymand & Auboyer (1993) e Sampson (1996), Diringer (1971), Fischer (2009).

Quanto aos procedimentos metodológicos, após o entendimento dos princípios da HL, estudados em sala de aula, ao longo do curso, colocamos em prática três princípios básicos para a elaboração desta dissertação: *contextualização, imanência e adequação*.

Quanto ao primeiro princípio, contextualizamos o período histórico correspondente à civilização imperial do oriente próximo – Egito. Em seguida, de acordo com o princípio da imanência, fizemos um estudo dos ideogramas. E finalmente, procedemos ao princípio da adequação, fazendo aproximações entre a escrita ideográfica e os emoticons, que são nosso corpus de pesquisa.

Assim sendo, a pesquisa se divide em quatro capítulos, o primeiro conceitua a Historiografia Linguística - que doravante denominaremos por HL – e seus fundamentos teórico-metodológicos, destacando os princípios básicos: contextualização, imanência e adequação e faz ainda um breve histórico da HL,

partindo de um movimento conhecido como *École des Annales*, disseminado por Bloch e Febvre. Godoy (2009, p. 178).

O segundo capítulo faz um panorama histórico da escrita, desde os primeiros registros pictográficos até o alfabeto ortográfico, dedicando-se ao estudo das escritas das civilizações antigas do Oriente Próximo, Mesopotâmia e Egito; além de Grécia e Roma. O capítulo ainda desenvolve o princípio da imanência, no intuito de compreender o contexto de época e sua escrita (ideográfica).

O capítulo III trata do período correspondente à sociedade na era digital, inserindo um breve histórico da Internet no Brasil e dedicando-se ao estudo do internetês como linguagem diferente da conversa face a face e linguagem diferente da escrita.

O capítulo IV desenvolve o princípio da adequação, inserindo aproximações do emoticon com os sinais *determinativos* da escrita cuneiforme e hieroglífica. Além disso, selecionamos para a análise 3 salas de bate-papo da região sudeste, na cidade de São Paulo, distribuídas em 3 faixas etárias, de 30 a 40 anos; de 40 a 50 e mais de 50. Consideramos para critério de escolha, a experiência linguística dos participantes somada ao não contato com as novas tecnologias eletrônicas.

O capítulo ainda trata dos novos caminhos da escrita, neste início de século, no contexto da mídia digital (final do século XX, década de 1990; e começo do século XXI, década de 2000) ainda com fortes vínculos à sua tradição linguística.

Por último, apresentamos a conclusão e a bibliografia.

CAPÍTULO I

A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA E OS SEUS FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os estudos histórico-linguísticos, nas últimas décadas, têm sido marcados, por direcionamentos advindos de autores estrangeiros consagrados, como Pierre Swiggers e Konrad Koerner. No Brasil podemos destacar o trabalho desenvolvido por Altman e pelo Grupo de Pesquisa em Historiografia da Língua Portuguesa, ligado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC/SP e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UPM/SP, liderado pelas Professoras Doutoras Dieli Vesaro Palma e Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos.

Sendo assim, com base nestes autores, procuramos compreender a HL *como uma disciplina à vocação científica que tem como principais objetivos descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo.* (Altman, 2009, p.128). Esta perspectiva permite entendermos como incumbência fundamental da HL a descrição dos princípios e métodos de produção do conhecimento linguístico, e de seus resultados em determinado período histórico.

Com o desenvolvimento da Linguística Histórica, surge a HL como ciência em ascensão, vinculada às áreas do conhecimento, *que concebem a língua em sua relação com a história e a realidade social*, nos revelando uma interlocução com as outras ciências sociais que permite a geração de *novos métodos e técnicas de investigação da língua em fontes documentais.* Nascimento (2005, p. 12).

Importante mencionar o fato de que tal integração das áreas do conhecimento revela diferentes modos de enxergar o objeto língua conforme aspectos: histórico, cultural e identitário de um grupo social. Esta interlocução entre as ciências revela o surgimento de um novo paradigma dentro dos

estudos linguísticos, permitindo-nos elaborar novas discussões acerca de alguns elementos da abordagem histórica da língua.

Outro destaque a ser mencionado pelo presente capítulo é a contribuição da História e da Historiografia

O capítulo A HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA E OS SEUS FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS destaca as contribuições da História e da Historiografia, além de reservar um espaço para estudo do recurso científico da metalinguagem e tem como objetivo principal construir um quadro teórico para se obter uma metodologia de análise a que este trabalho se destina.

1.1 Historiografia Linguística e a Interdisciplinaridade

Quando as ciências humanas passaram pela mudança de paradigma⁶, isto é, as ciências começam a ter um novo olhar para os acontecimentos voltados para o social, o psicológico e o linguístico, a Linguística passou a ver a língua em sua relação com a história e com a realidade social. Para tanto os estudiosos, para alargar seus conhecimentos linguísticos, procuram auxílio em outras áreas do conhecimento. Como bem lembra Swiggers (2009, p. 69-70):

... en vista de la complejidad del objeto de estudio –eso también, relativo al tipo de estudio específico y al periodo de investigación – los historiógrafos de la lingüística, además de ser lingüistas, tienen que mostrar conocimientos más o menos profundos em varios campos: historia em general, filosofía e historia de las ideas [*history of ideas*], antropología y etnología, sociología, teología, retórica, matemáticas, y también em ciencias naturales (por ejemplo, geografía y biología).⁷

⁶ Discutiremos sobre a concepção de Paradigma ainda neste capítulo.

⁷ ...em vista da complexidade do objeto - isso também, relativo ao tipo de estudo específico e ao período de investigação - os historiógrafos da linguística, além de serem linguistas, têm que mostrarem conhecimentos mais ou menos profundos em vários campos: história geral, filosofia e história das ideias, antropologia e etnologia, sociologia, teologia, retórica, matemática, e também em ciências naturais (por exemplo, geografia e biologia). Tradução nossa.

Altman (2004, p. 29) entende a HL *como uma disciplina à vocação científica, que tem como principais objetivos descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento lingüístico em um determinado contexto social e cultural, ao longo do tempo.*

No interior desta perspectiva, Koerner (1996, p. 45) define a HL como um *modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios*, estes que permitem a discussão de questões de metodologia e epistemologia e que são identificados pelo autor como *questões de periodização, de contextualização e com temas relativos à prática lingüística efetiva, com o intuito de identificar diferentes fases de desenvolvimento da língua ou de períodos mais longos*. De acordo com o autor, a Historiografia Lingüística *lida com questões que envolvem os fatores externos que influem ou podem ter causado algum impacto no pensamento lingüístico.*

Diante do exposto, verificamos que a HL procura organizar seus estudos de forma convergente, isto é, adota um olhar sobre a língua enquanto produto histórico-cultural, tornando simultaneamente veículo e expressão de dados socioculturais, ou seja, a linguagem é o foco da HL. Cumpre ressaltar que, nesta perspectiva, abordar a linguagem implica tomá-la como produto histórico cultural resultante de uma complexa trajetória evolutiva ao longo do tempo e do espaço caracterizada por várias tendências ganhando seus respectivos lugares.

1.2 Concepção de Historiografia Linguística

Faremos um breve histórico da HL, a partir do movimento conhecido como *École des Annales*, disseminado por Marc Bloch e Lucien Febvre no ano de 1929, com a publicação do periódico intitulado *Annales d'histoire économique et sociale*⁸, e que trouxe uma renovação para os estudos

⁸ Em português significa Anais de História Econômica e Social, periódico lançado nove meses antes da crise de 1929, na Universidade de Estrasburgo, a publicação se destacava em lançar novas propostas sobre da Teoria da História. Tradução nossa.

historiográficos, isto é, uma mudança no foco da história que até então se preocupava com o feito dos grandes personagens históricos. Sendo assim, observamos o aparecimento de um novo conceito que possibilitou a ruptura com os antigos valores e que trouxe para a comunidade acadêmica um novo paradigma na Historiografia.

Sobre a concepção de HL, é importante salientarmos que sua existência se deve à Historiografia, esta vinculada à ciência História, que, no passado anterior ao atual paradigma, possuía o ofício de cuidar da *narrativa oral dos acontecimentos*, enquanto que a Historiografia *tinha como papel fundamental o registro escrito desses acontecimentos sem problematizá-los ou questioná-los, desde os tempos de Heródoto*⁹. Bastos, (2004, p. 15).

Essas incumbências estavam atreladas ao paradigma da ciência do período, que não considerava *novas espécies de fenômenos*, descartando aqueles que não atendiam às necessidades do paradigma e fugiam dos seus limites. Esses fenômenos *marginalizados*, posteriormente, provocavam conflitos e rompiam com o paradigma que vigorava na comunidade científica. Esses rompimentos propiciavam novas visões que auxiliaram no desenvolvimento da ciência.

Assim sendo, o movimento criado na França, por intermédio de seu periódico denominado *Revue des Annales*¹⁰, ajudou na divulgação das novas idéias sobre a História, aproximando-a dos outros campos do saber como as ciências sociais (a Antropologia, a Sociologia, a Linguística, a Estatística e a Economia) e tornando-a interdisciplinar por excelência.

Para Bastos (2004, p. 16), essa nova concepção, que apareceu com a Escola dos Anais, proporcionou à Historiografia:

⁹ Trata-se do historiador grego, que nasceu no século V a. C. (485? – 420 a. C.), autor da história da invasão persa conhecida como *As histórias de Heródoto*.

¹⁰ Conceituada revista acadêmica de História, publicada na França com o título *Annales d'histoire économique et sociale* (em português, Anais de História Econômica e Social).

... um método interdisciplinar, pelo fato de considerar a colaboração de outras disciplinas, quais sejam: a Sociologia, a Psicologia, a Economia, a Geografia e também a Lingüística, revelando-se, assim, a intenção de registrar os feitos humanos em sua totalidade.

É possível constatar que este movimento, oriundo de uma revista acadêmica, possibilitou uma ampliação na análise histórica, conforme a ampliação da visão histórica que o homem teria de si mesmo e criou um novo paradigma, mudança que se caracterizou como *a revolução francesa da Historiografia*, que impôs um novo olhar para os registros históricos.

E para a HL, essa transformação significou o rompimento de um modelo que enxergava o objeto língua como uma entidade isolada do meio social, desvinculada de uma função social e histórica, visão oposta àquela que toma a língua *como instituição social, distante do caráter meramente sistemático, refletindo uma nova perspectiva da ciência histórica*.

Observamos que o mesmo objeto, neste caso, a língua pode ser estudada em diferentes abordagens e quem melhor para fazer esse estudo se não o historiógrafo, que vê a HL *como uma ciência em ascensão no âmbito da Lingüística* Nascimento (2005, p. 11) e procura fazer uma integração da língua com as várias áreas do conhecimento, inserindo-a na história e na sociedade, sem menosprezar a sua singularidade e autonomia.

E mesmo que essas disciplinas como a História da Linguística, a História das Idéias Lingüísticas e a História da língua sejam identificadas como diferentes, com suas perspectivas, princípios, características e procedimentos também diferenciados, não há oposição entre elas, mas pontos em comum: a língua e sua estreita relação com os elementos históricos e socioculturais, ou ainda, o trabalho historiográfico ligado a um contexto histórico, a um movimento social e intelectual do período, o clima de opinião que, segundo Koerner (1996, p. 51) torna-se *útil para mapear a atmosfera intelectual de um dado período em que certas ideias florescem, são recebidas ou rejeitadas*.

Desta forma, para compreendermos as ideias expressas por um pensador, é necessário adentrarmos no clima intelectual de seu período, com o propósito de buscarmos o clima de opinião e assimilarmos os motivos da vigência de um dado paradigma. Sendo assim, a HL considera o impacto das correntes intelectuais do período sobre o pensamento lingüístico.

Bastos (2004, p. 22) vê na figura do historiógrafo a chance para que este construa um quadro de definições do período analisado, considerando o clima de opinião e as mudanças paradigmáticas ocorridas no campo científico. Além disso, a autora crê como grande responsável pelas revoluções científicas citadas por Kuhn é o clima de opinião, que, quando atrelado às revoluções científicas, torna-se uma nova visão de mundo; quando atrelada à ruptura, torna-se uma anomalia que a difere da visão anterior.

...quando os membros da profissão não podem mais esquivar-se das anomalias que subvertem a tradição existente da prática científica? então começam as investigações extraordinárias que finalmente conduzem a profissão a um novo conjunto de compromissos, a uma nova base para a prática da ciência. (...) Kuhn (2009, [1962] p. 24)

Tais episódios são denominados revoluções científicas ou complementos desintegradores, pois alteram compromissos profissionais vinculados a uma ciência normal ligada à tradição. Neste sentido, a HL teria como objeto de estudos tais revoluções linguísticas com força suficiente para direcionar novos paradigmas aos seus estudiosos. É preciso ainda dizer que a HL como disciplina interdisciplinar necessita do apoio das outras ciências sociais, embora não possam servir como diretrizes para uma metodologia análise de na área.

Vale lembrarmos que essas revoluções científicas deram à História e à Historiografia novas responsabilidades que não eram mais aquelas ligadas ao mero relato e ao registro dos acontecimentos, isto é, a Historiografia passaria por uma nova configuração em suas atividades, deixando de ser aquela Historiografia associada às *'crônicas'*, ou seja, *listas de nomes, datas, títulos e eventos ligados às línguas e à linguagem*, para ser uma Historiografia associada

a uma atividade de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes... Altman (2004, p. 28).

Para Koerner (1996, p. 56-57):

... De fato, em última análise, os historiadores da ciência lingüística terão de desenvolver seu próprio quadro de trabalho, tanto o metodológico, quanto o filosófico. Para isto, um conhecimento meticoloso de teoria e da prática em outros campos revelam-se verdadeiramente muito úteis, mesmo se o resultado for negativo, isto é, se o historiador da linguística descobrir que este ou aquele campo de investigação histórica tem de fato pouco a oferecer em matéria de método historiográfico. ...

Para concluirmos, é importante salientar que a HL não possui ainda uma metodologia plenamente instituída de análise de documentos. Por isso se não for possível organizar um quadro metodológico obtido por meio das ciências sociais, fica o historiógrafo encarregado de seguir seu próprio percurso, partindo de várias direções, seja outras disciplinas ou outras áreas do saber.

1.3O recurso científico da metalinguagem

A metalinguagem pode ser definida como um recurso científico indispensável para os estudos na Historiografia Lingüística. Auxilia o historiógrafo a solucionar problemas referentes ao uso de terminologia moderna na interpretação da língua ou da Lingüística em épocas passadas.

Koerner (1996, p. 58) nos mostra o caso mais famoso de distorção cometida por um lingüista do século XX sobre ideias de autores dos séculos XVII, XVIII, XIX. Chomsky¹¹ em sua obra *A Cartesian Linguistics* (1966) faz esta distorção, ao discutir teorias de períodos passados, tentando torná-las

¹¹ Noan Chomsky, linguista, filósofo e ativista político estadunidense. É professor de Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Seu nome está associado à criação da gramática ge(ne)rativa transformacional, abordagem que revolucionou os estudos no domínio da linguística teórica. É também o autor de trabalhos fundamentais sobre as propriedades matemáticas das linguagens formais, sendo o seu nome associado à chamada Hierarquia de Chomsky.

acessíveis ao leitor do presente e não as distorcendo de sua intenção e significado originais

Para Koerner (1996, p. 59):

... A menos que o único objetivo do historiógrafo seja colecionar antiguidades, isto é, descrever conceitos desenvolvidos muitos anos atrás unicamente nos próprios termos utilizados, ele será tentado a usar um vocabulário técnico moderno na sua análise. Este procedimento 'modernizante', entretanto, tem conduzido a inúmeras e sérias distorções na história da lingüística, e qualquer historiógrafo perspicaz deve perceber as armadilhas e voltar para problema potencial do uso 'metalinguagem'.

Este recurso permite ao historiógrafo da língua fazer as análises de documentos com menos equívocos possíveis, estes provocados pelo uso de termos técnicos modernos. Porém, se torna importante que o trabalho historiográfico aproxime o leitor de hoje às teorias do passado, tornando o documento de fácil acesso.

Ao permitir que as interpretações dos documentos sejam realizadas com menos equívocos – na distorção do significado original, devido ao uso de termos técnicos modernos - o recurso científico da metalinguagem propõe a aproximação do leitor dos dias atuais às teorias do passado. Portanto, o sucesso ou o fracasso de uma pesquisa em HL depende da habilidade do historiógrafo da língua diferenciar o tempo passado do tempo presente, isto é, distinguir as informações e concepções do passado e tentar adequá-las ao momento presente do público leitor.

Ainda sobre a metalinguagem Almeida (2003, p. 92) afirma que:

A metalinguagem pode ser esse recurso e está ao alcance de vários ramos do saber, uma vez que tudo pode ser transformado em linguagem. No que diz respeito à HL, a metalinguagem vai além das fronteiras de um conjunto de tecnologias para descrever as línguas em seus usos ou funções. É um conceito-chave enquanto diferenciador da

linguagem, para que não se confundam os dois níveis em que ela permite operar: enquanto objeto de investigação e enquanto técnica de observação.

O recurso da metalinguagem assegura à pesquisa um distanciamento oportuno que impede equívocos interpretativos, armadilhas originadas no uso de vocabulário técnico moderno para a interpretação do passado, garantindo isenção da análise.

1.4 Os três princípios básicos da Historiografia Linguística

O princípio da *contextualização* diz respeito a um determinado período histórico que move a produção de um documento, este inserido dentro de um contexto histórico-cultural, com suas concepções linguísticas, socioeconômicas e políticas que circulam no momento de sua produção.

Devemos considerar que a época em que um documento é produzido há um intenso diálogo de variadas correntes: filosóficas, políticas, econômicas, científicas e artísticas, que formam o pensamento lingüístico e a mentalidade da sociedade.

Não se pode esquecer que o princípio da contextualização consiste no levantamento do clima de opinião cultural (espírito de época) em que o documento foi produzido, isto é, os valores que direcionam o pensamento do período estudado em estreita relação dos paradigmas.

O primeiro princípio para a apresentação de teorias linguísticas propostas em períodos mais antigos diz respeito ao estabelecimento do 'clima de opinião' geral do período em que as teorias se desenvolvem. As ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período; o 'espírito da época' [*Zeitgeist*] sempre deixou suas marcas no pensamento linguístico. Às vezes, a influência da situação sócio-econômica, e mesmo política, deve igualmente ser levada em conta. Por exemplo, o historiógrafo da linguística deve estar ciente da discussão sobre a 'ordem natural' [da organização sintática] na

França do século XVIII, que tencionava demonstrar a superioridade francesa, e não somente a superioridade linguística. A discussão aconteceu em um clima político de regra autocrática e de aspirações de supremacia da França. (Koerner, 1996, p. 60).

Desta forma, o princípio da contextualização permite que os leitores atribuam sentidos às informações materializadas no documento, auxiliando o historiógrafo da língua a interpretar as informações e relacioná-las com o período histórico em questão.

O segundo princípio é o da *imanência* que diz respeito ao *esforço de estabelecer um entendimento completo, tanto histórico quanto crítico, possivelmente mesmo filológico, do texto linguístico em questão*. (Koerner, 1996, p. 60). Deste modo, o historiógrafo faz o levantamento de informações para compreender o documento, tanto no aspecto linguístico, quanto no aspecto histórico, ao respeitar o momento da produção do texto e, ao ter em vista as concepções histórico-intelectuais da época.

Esse princípio propõe a condução do pesquisador a uma análise integral do documento, isto é, restaurar o seu passado para compreendê-lo, não interferindo com as concepções, dados e terminologias do presente no processo que investiga um documento selecionado.

O princípio da *adequação* está relacionado com a obediência aos dois primeiros princípios e consiste na possibilidade de o historiógrafo da língua fazer aproximações no processo interpretativo do documento com as teorias e terminologias do presente, no intuito de facilitar o entendimento do homem moderno.

Somente depois que os dois primeiros princípios foram seguidos (assegurando, desta maneira, que um pronunciamento linguístico tenha sido localizado e compreendido no seu contexto histórico original), pode o historiógrafo aventurar-se a introduzir, ainda que muito cuidadosamente e colocando seu procedimento de forma explícita, aproximações modernas do vocabulário técnico e um

quadro conceptual de trabalho que permita uma melhor apreciação de um determinado trabalho, conceito, ou teoria. Talvez pudéssemos chamar este ultimo passo de 'princípio de adequação. (Koerner, 1996, p. 60).

Os princípios destacados até aqui e postulados por K. Koerner formam um aparato metodológico que guia o historiógrafo da língua e o auxilia na análise dos documentos históricos, possibilitando um entendimento completo sobre o conteúdo do documento.

1.5 A definição do argumento de influência

O argumento de influência discute o contexto sociocultural que mobiliza as ações do escritor, diante de interferências implícitas ou explícitas que são apreendidas, transformadas e assimiladas por meio das idéias circulantes que o influenciam antes ou no momento da elaboração do texto linguístico.

Koerner (1996, p. 61) salienta:

Raramente é feita uma distinção entre um tipo de influência que diz respeito a experiências compartilhadas, educação, e ao clima de opinião, de um lado, e a influência direta que pode ser documentada com base em referências explícitas, comparação de textos, agradecimentos públicos, e assim por diante. A armadilha do uso descuidado do argumento da 'influência' pode ser ilustrada pela referência a um número considerável de relatos recentes (supostamente) históricos.

Com isso, o documento torna-se um lugar onde convergem diferentes pontos de vista – as experiências individuais responsáveis para elaboração do documento numa estreita relação com as experiências sociais, com o clima intelectual do período. Um compartilhamento entre as experiências sociais – contribuições do passado e do presente – e as experiências individuais.

Vale lembrar que tais experiências compartilhadas pelos grupos sociais são decisivas para descrever e explicar os fatos histórico-linguísticos - fundindo-se de tal modo que às vezes ficam difíceis de serem identificadas, pois proporcionam integrações, diálogos com o contexto e com o posicionamento do produtor do documento. E este aspecto deve ser considerado no processo de interpretação, no momento da compreensão do texto.

Não é possível impedir que as influências acompanhem a constituição de um documento, pois este articula e torna possível a elaboração de eventos históricos, por meio da língua. Assim sendo, o documento é um espaço de diálogo, de interlocução e de transformação de variadas influências que impõem para a sua compreensão e interpretação a necessidade de explorar metodicamente as informações lingüísticas que se manifestam. Portanto o documento se compõe das relações de várias influências que circulam fora e dentro dele, múltiplas influências que podem ser separadas, agrupadas e sustentadas, historicamente, por uma atitude que assimila de forma consciente ou não do autor.

Embora um documento seja o produto de uma cultura numa dada sociedade, recebendo uma multiplicidade de idéias compartilhadas pelos membros de um grupo social, fica difícil detectar quais são as interferências que mobilizam o historiador/autor e quais são os seus reflexos no documento. Diante disso, é importante salientar que o autor, ao fazer exame de suas idéias e ao elaborá-las, consciente ou inconscientemente, no documento, as concebe, partindo de sua vivência, de sua história de vida, mas atrelada ao contexto social da época, ao clima intelectual que esse produtor do texto se constituiu como pessoa e vive.

1.6 O nascimento de uma metodologia: a Historiografia Lingüística e sua relação multidisciplinar

Antes mesmo da consolidação da Historiografia Lingüística como disciplina científica, a Linguística, desde a sua origem, se constituiu como uma ciência histórica. Diante disso, a HL foi incorporando, ao longo de sua curta

trajetória, novos aspectos ao estudo da língua, possibilitando novas abordagens que consideram o homem e a língua numa perspectiva histórica.

Desta forma, ao estudarmos o objeto língua, é possível lançarmos um olhar de inovação, que integra os estudos da linguagem às condições histórico-sociais, conciliando perspectivas linguísticas, históricas e socioculturais e agregando valores no estudo do documento. Verificamos ainda a criação de novas abordagens e de uma nova metodologia para o tratamento da língua, tornando estas informações pertinentes para o pesquisador, ao permitir-lhe que elabore uma nova conduta, dentro de cada ciência, determinando novas ações e assumindo conceitos e metodologias.

Assim sendo, ao considerarmos a língua como produto histórico-social, é criada uma perspectiva de compartilhamento entre a Linguística e a História, áreas divergentes no conhecimento, mas que, juntas e juntando-se a outros campos do saber, são capazes de descrever, explicar e interpretar o objeto língua, numa nova perspectiva, e que, por conseqüência, gera novos saberes.

Assim, constatamos que o interesse da HL, ao adotar uma abordagem inter e multidisciplinar, valorizando as condições sócio-históricas, permitiu uma nova fisionomia à Historiografia que nitidamente passou por um processo de adaptação, desassociando-se do mero registro de acontecimentos históricos sem questionamentos para um estudo baseado em princípios.

Torna-se evidente que o aparecimento de novos paradigmas auxiliou e auxilia na (re) organização das atividades científicas, uma vez que o conceito de paradigma está associado a uma atividade de transformação e ampliação do conhecimento. Imaginemos um estudante que se prepara basicamente para ser membro de uma comunidade científica que atuará posteriormente. Isto significa que tal estudante procura se moldar aos fundamentos de uma ciência normal¹² ou paradigma.

¹² Para Kuhn, ciência normal significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por

O debate sobre a questão de paradigma¹³ já vem sendo realizado desde os anos 70, quando se discutia o objeto língua inserida em determinada época ou em fases de mudanças (momentos de transição) atrelados a aspectos socioculturais. Souza Santos (1987, p.21) define a concepção de paradigma (dominante), ao considerá-lo como:

... um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos).

Na década de 1970, o novo paradigma das ciências direcionou os estudos no meio acadêmico, influenciando o enfoque interdisciplinar das ciências e da HL. As vantagens para a adoção de um olhar amplo se encontram no diálogo que é aberto entre as várias áreas do conhecimento como a Sociologia, a Filosofia, A Antropologia e a Psicologia. No entanto, o caráter interdisciplinar estabelecido nos anos 70 acarreta dificuldades para a HL existentes até os dias de hoje como a adoção de uma metodologia definitiva.

1.7 Concepção de paradigma: rupturas e continuidades na história das ciências

A palavra paradigma tem a sua origem na língua grega *páradeigma* e, conforme a definição do dicionário Houaiss da língua portuguesa (2007), é *um exemplo que serve como modelo; padrão*, e que para a gramática representa *um conjunto de formas vocabulares que servem de modelo para um sistema de flexão ou de derivação*, como exemplo, *na declinação e conjugação*.

alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior.

¹³ A noção de paradigma foi colhida inicialmente de forma distorcida da obra de Thomas S. Kuhn (1962), *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Naquela época, alguns pesquisadores tentaram construir um quadro epistemológico, incluindo questões históricas e historiográficas da língua.

Sobre o paradigma, Kuhn (2009, p. 221) afirma:

Um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma.

Assim sendo, um paradigma é um conjunto de proposições teóricas e práticas compartilhadas pelos membros de uma comunidade científica que coordenam e dirigem atividades. E para Kuhn (2009, p. 20),

... se a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais, então os cientistas são homens que, com ou sem sucesso, empenham-se em contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica. O desenvolvimento torna-se o processo gradativo através do qual esses itens foram adicionados, isoladamente ou em combinação, ao estoque sempre crescente que constituiu o conhecimento e a técnica científica. E a História da Ciência torna-se a disciplina que registra tanto esses aumentos sucessivos como os obstáculos que inibiram sua acumulação.

O saber jamais é descartado, é acumulado ao longo da história da ciência, da história das civilizações que contribuíram e ainda contribuem para a reunião e organização do conhecimento compartilhado e que contribui para o patrimônio cultural, lingüístico, histórico e científico dos homens nas sociedades. O que ocorre nos meios científicos é uma mobilização tanto para a prosperidade e satisfação quanto para o fracasso e frustração.

Deste modo, a sucessão dos saberes desenvolvidos, ao longo do tempo, por meio de várias tecnologias, como a oralidade e a escrita, não foram substituídas, mas aperfeiçoadas pelos muitos povos que passaram e deixaram suas marcas no mundo. As civilizações da região que se estende do Egito até o vale do Indo foram possivelmente as primeiras sociedades a desenvolverem uma linguagem escrita primitiva que alcançaria, séculos depois, a todas as pessoas.

CAPÍTULO II

PANORAMA HISTÓRICO DA ESCRITA: DO CUNEIFORME AO ALFABETO

Embora haja um estudo fragmentado da escrita, isto é, um estudo atrelado às classificações que procuram agrupar diferentes sistemas de escritas, conforme a sua natureza e o grau de seu desenvolvimento obtido por cada uma delas, é preciso esclarecer que tais classificações – mesmo sendo verdadeiramente úteis – devem ser vistas com certa cautela. Somente trata-se de uma conveniência didática e não uma divisão que demarque, de modo rígido e inalterável, as categorias de escrita.

Deste modo, o presente capítulo PANORAMA HISTÓRICO DA ESCRITA: DO CUNEIFORME AO ALFABETO pretende descrever os sistemas de escrita, ao mesmo tempo em que almeja evitar a identificação de ‘estágios’ no uso da escrita, no sentido de constituir um modelo de ‘evolução’, mas ajustá-la com a mudança das línguas, através de o tempo e de *diferentes formas de escrever, às vezes, usadas para acomodar novas e diferentes necessidades*. (Fischer, 2009, p. 110)

Assim sendo, o capítulo está dividido em cinco grupos. O primeiro descreve a *pictografia ou escrita figurativa*, representando a etapa mais elementar da verdadeira escrita. É um sistema de escrita que visa a se afastar das mais antigas formas de escrita embrionária, não se limitando à reprodução de imagens simples e desconexas, mas capaz de mostrar planos sequenciais ou ideias de uma narrativa simples.

O segundo grupo refere-se à escrita ideográfica, mais desenvolvida em relação à escrita figurativa, capaz de transmitir abstrações, ideias ou conceitos vinculados a seus respectivos objetos. O símbolo individual é denominado ideograma, muito semelhante com a escrita figurativa. É considerada uma escrita pura, encontrada entre os habitantes da América do Norte e Central, da África, da Polinésia e da Austrália e Sibéria. Contudo, para o cumprimento do presente trabalho, não atentaremos para essa fase, mas para a seguinte.

Neste terceiro grupo, busca-se corrigir um equívoco na classificação das escritas dos antigos mesopotâmicos, egípcios, cretenses e hititas, que erroneamente são chamadas como ideográficas. Deste modo, embora possam ter sido no começo, ideográficas, os exemplos mais antigos e conhecidos são ideográficos em parte, pois apresentam também um elemento fonético e convivem-se nas duas formas de várias maneiras. Esta fase é denominada como *escrita analítica de transição*. Porém, para o cumprimento do trabalho atentaremos apenas para a civilização mesopotâmica e egípcia.

O quarto grupo é descrito como *escrita fonética*. Pela primeira vez, tem-se a contrapartida gráfica da fala. Em tal sistema de escrita cada elemento corresponde a um som, ou sons, na língua que é representado. Deste modo, é importante estabelecer uma relação direta e inseparável entre as linguagens escrita e falada, sendo a primeira explicada ou lida somente, por meio, de um conhecimento da outra.

Embora seja uma subdivisão da escrita fonética, a *escrita alfabética*, que compõe o quinto grupo do capítulo, assumiu nos últimos três milênios grande importância, a tal ponto de merecer a designação de categoria. Suas vantagens na utilização de letras para representação de sons isolados são tão evidentes que não há necessidade de nos prolongarmos aqui.

2.1 A origem da escrita e os primeiros registros pictográficos

As primeiras manifestações de escrita foram utilizadas e desenvolvidas pelos homens pré-históricos¹⁴ para basicamente exprimir e registrar suas ideias (informações) em um suporte. Por outro lado, sem a escrita, o conhecimento adquirido e transmitido, ao longo de gerações, não existiria, ou se existisse, seria rudimentar e irreconhecível aos nossos olhos. Para Drieger (1971, p. 15), *a escrita é a contrapartida gráfica do discurso, “a fixação” da linguagem falada*

¹⁴ Período Paleolítico é conhecido como o mais extenso período da história humana, o Período Paleolítico abrange uma datação bastante variada que vai de 2,7 milhões de anos até 10.000 a.C.. Desprovido de técnicas muito sofisticadas, os grupos humanos dessa época desenvolviam hábitos e técnicas que facilitavam sua sobrevivência em meio às hostilidades impostas pela natureza.

Fonte: <http://www.brasilecola.com/historiag/paleolitico.htm>

numa forma permanente ou semipermanente. Desta forma, toda a literatura e atividade produzida pelo homem como as leis, a religião, o comércio, a poesia, a filosofia, a história, entre tantas outras, só permaneceram aos nossos dias por intermédio da escrita, esta tão reverenciada pelos povos antigos¹⁵ a ponto de ser atribuída como invenção dos deuses e heróis lendários.

Como já mencionado inicialmente, a escrita pressupõe a existência de uma linguagem falada, oral, utilizada por um longo período sem qualquer variedade de escrita, mas é certo que uma língua articulada já fosse usada nessa época, mesmo não sendo possível comprovar seu grau de complexidade que, por certo já era suficiente para abrigar atividades que caracterizaram um modo de vida pré-urbano, nômade e sedentário. Sendo assim, ao longo de milênios, é certo que as línguas tenham se desenvolvido, se modificado e desaparecido, acompanhando até à extinção as populações que as falavam, não deixando, infelizmente, um vestígio para os futuros pesquisadores as reconstruírem.



Figura 3: Uma pintura rupestre do Período Paleolítico.

Fonte: <http://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/periodo-paleolitico.htm>

¹⁵ Os egípcios, os babilônios, os gregos, os chineses, os indianos e os habitantes pré-colombianos do México e da América Central acreditavam na origem divina da escrita. Diringer (1971, p. 16).



Figura 4: pinturas rupestres, documentos imagéticos do Período Paleolítico.

Fonte: <http://www.brasilescola.com/historiag/paleolitico.htm>

Diferentemente do que acontece com antropólogos e arqueólogos que podem recuperar utensílios históricos, ainda que estejam danificados pelo tempo, o cientista da língua, muitas vezes, não tem à sua disposição a língua como objeto de estudo – perdida ao longo dos séculos - e, conseqüentemente, a religião, o pensamento e o mito desses homens pré-históricos. *São, em grande parte, conjecturais os testemunhos que sobre estes assuntos se obtêm através dos túmulos ou da escultura.* Diringer (1971, p. 16).

Quanto à origem da escrita, é possível afirmarmos que possui um passado relativamente novo, se compararmos com o longo tempo que a humanidade progride intelectualmente. No entanto, torna-se tarefa difícil tentarmos descobrir as possíveis causas de seu aparecimento como da mesma forma é difícil analisarmos as razões para a ocorrência de um evento histórico como uma guerra ou uma revolução. Neste caso, a prudência deve prevalecer, principalmente para as gerações futuras, distantes da origem e do desenvolvimento dessas causas.

Na realidade, não há provas concretas sobre a utilização de qualquer 'sistema completo' de escrita anterior ao século IV a. C. De fato, sabemos que no Período Paleolítico superior foram encontradas pinturas nas cavernas e gravações em objetos de pequeno porte datados de (20.000 anos ou mais a. C.), assim como círculos e variados símbolos utilizados como marcas de propriedade ou funções parecidas. Todavia, não são formas absolutas de escrita, no sentido de uma escrita sistemática, nem é possível fazer relação com os sistemas primitivos conhecidos por nós nos dias atuais. Portanto, *as raízes fundamentais destes são, em todo caso, matéria de conjectura*. Diringer (1971, p. 17).

É importante destacarmos que a motivação maior para essas formas de inscrição gráfica, elementares ou eruditas, está na necessidade humana de 'comunicar' e 'expressar'. Porém, é preciso estabelecer diferenças entre escrita 'embrionária' e escrita 'sistemática', para prosseguirmos em nosso debate. Assim, o registro do homem pré-histórico, ao mesmo tempo em que realiza a comunicação e a expressão, expõe a magia da imaginação, muito importante para o desenvolvimento de um pensamento mais elaborado. Tanto a comunicação como a imaginação estão interligadas e se prolongaram, ao longo do tempo. Por isso, cabe aqui salientarmos que as informações anteriores a esse período não podem ser negligenciadas, mas elucidadas com o propósito de buscar as primitivas experiências do homem, quanto à expressão e comunicação.

Mesmo que haja uma distância (em decorrência do tempo) com as pesquisas atuais, é preciso reconhecer a riqueza dessas informações (em detalhes) que só contribuem para a construção do conhecimento da história de nossa escrita e seu aprimoramento, ao longo de milênios. Para exemplificar, citamos os trabalhos da antropologia moderna que, ao examinar comunidades e povos 'primitivos', recentes ou contemporâneos, revelam novos esclarecimentos acerca das formas básicas de comunicação.

Entretanto, são necessários certos cuidados para não cometermos equívocos, ao combatermos ideias simplificadas *sobre os 'primitivos' e 'rudes'*

graus de civilização, reunir, na categoria a que pertence a escrita, todas as formas de expressão gráfica usadas pelo homem. Diringer (1971, p. 18). Assim sendo, é pertinente lembrarmos que a escrita da Mesopotâmia e do Egito antigo revela, em relação à linguagem, um maior grau de consciência do que possuía o homem do Paleolítico.

2.2 Mesopotâmia e Egito: contextualizando o período

As civilizações da Mesopotâmia e do Egito surgem, sobrevivem e prosperam graças a uma privilegiada localização geográfica em meio à zona de desertos. Suas planícies e vales, ao mesmo tempo em que recebem altas temperaturas vindas dos desertos, abrigam grandes rios que inundam suas margens, permitindo a existência de terras férteis com uma camada de matéria orgânica (húmus) necessária para a vegetação.

Os fatores de êxito na Mesopotâmia e no Egito podem ser atribuídos aos recursos hídricos provenientes dos rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia e Nilo, no Egito. Ademais, o início da exploração dessas terras, partindo de técnicas agrícolas, permite aos homens desse período o controle das águas, combatendo seus excessos e sua escassez, por meio da drenagem dos pântanos e da construção de canais de irrigação e reservatórios, no intuito de disciplinar as terras para a agricultura.

Para a realização dessas grandes obras públicas, é indispensável o trabalho realizado por grandes comunidades. Assim, o êxito dessas civilizações encontra-se na capacidade de organização de seus homens, partindo de *uma estrutura política e social apta a coordenar o estudo, a realização e o emprego de trabalhos de interesse coletivo*. Desta forma, verifica-se a importância de uma hierarquia que distribua ordenadamente os poderes com o propósito de atingir os interesses do grupo.

Para esta finalidade, a religião ocupa papel significativo na execução das atividades coletivas, nas tarefas humildes e repetitivas do dia a dia como, por exemplo, o trabalho com o solo, consolidado e aperfeiçoado, ao longo dos

anos. Portanto, a presença da religião legitima e consolida a liderança dos guias e chefes, dando-lhes uma autoridade que não é posta em dúvida, à prova. Esta autoridade surge com *um conjunto de crenças religiosas que impunham ao homem uma submissão total, uma considerável redução, senão o próprio aniquilamento de sua atividade individual e como que a sua fusão num complexo de trabalho disciplinado.* (Aymand & Auboyer, 1993, p. 42)

Sendo assim, três fatores podem ser destacados para explicar o sucesso das civilizações mesopotâmicas e egípcias:

- condições naturais;
- organização coletiva;
- religião.

Os dois últimos fatores estão atrelados à ação humana, se expandindo e se fortalecendo, ao longo dos séculos. Neste caso, resta saber como tais fatores aparecem e se projetam nas duas sociedades. Trata-se de um enigma de difícil decifração, mesmo que haja a defesa por uma convicção construída pelos aspectos religiosos, forte o suficiente para manter uma ordem social duradoura das massas, ao longo de várias gerações.

Há ainda um fato que nos impressiona: de que duas civilizações constituem-se praticamente no mesmo período histórico, tornando mais difícil para os atuais estudiosos, a tarefa de descobrir qual civilização precede a outra. No entanto, é seguro afirmarmos que a civilização egípcia e a mesopotâmica nascem antes do IV milênio, por volta de 3.200 a. C. e possuem tanto características comuns (técnicas agrícolas), quanto oposições fundamentais (sistema religioso, organização político-social e vida econômica).

Trata-se, evidentemente, de duas civilizações originais, nascidas separadamente, sem transferência nem decalque de uma sobre a outra, com simples adaptações referentes a pormenores. Cada qual, já na sua aurora, postula a aceitação íntima, por parte de centenas de milhares de homens, de um conjunto de doutrinas cuja eficácia, notável, mas incerta antes de sua aplicação, era indemonstrável de

antemão; e sobre este conjunto, entretanto, foi que se edificou esta civilização. (Aymand & Auboyer, 1993, p. 43)

Além disso, o Egito e a Mesopotâmia possuem uma vocação imperial resultante de alguns aspectos como: a própria existência como sociedade, o trabalho com o solo e seus excedentes e uma coesão interna, permitindo-lhes uma superioridade esmagadora sobre seus vizinhos, refletida nas conquistas e nos domínios externos, que são desempenhados de forma desigual, isto é, diferentemente dos mesopotâmicos, os egípcios sentem-se forçados pela sua própria geografia a expandirem seus domínios com o propósito de vigiarem atentamente os desertos limítrofes, garantindo-lhes segurança e tranquilidade na exploração de suas terras.

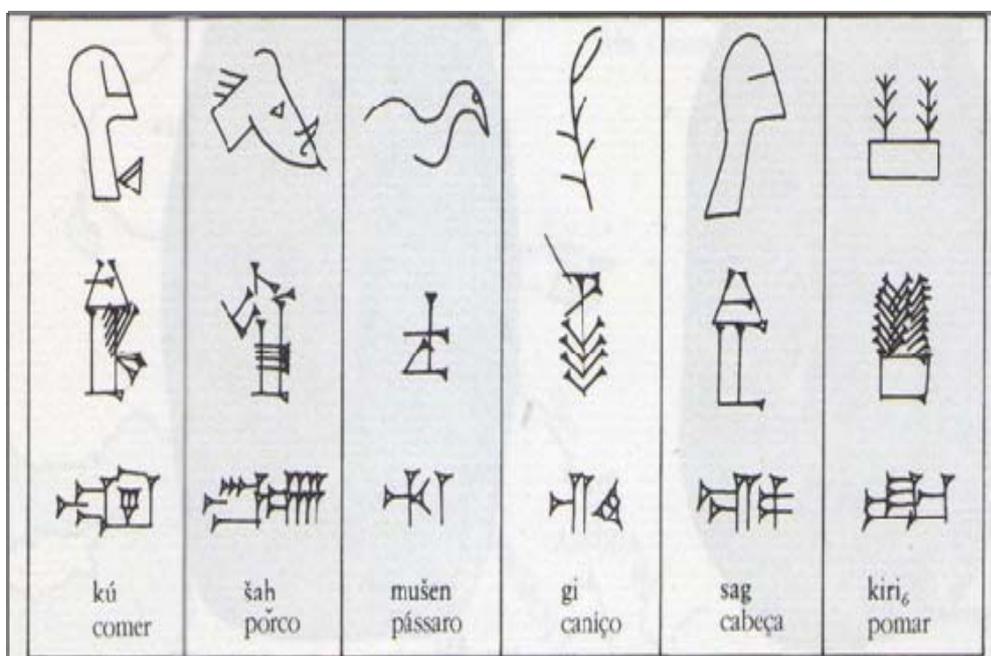
Enfim, o Oriente Próximo é uma região que possui uma singularidade não vista nos territórios banhados pelo Mar Mediterrâneo. Neste local surgem duas grandes civilizações, cuja população oferece um esforço coletivo, tanto no aspecto cultural como na forma de ocupação do território, visto como causa e efeito para sua necessidade organizacional. Em tal contexto se observa um aniquilamento do individualismo diante de uma densidade populacional mais valiosa que uma unidade humana, atendendo a formação de grande Estado territorial dominado por chefes políticos vencidos pela tentação silenciosa dos grandes horizontes, gerando um sonho ilimitado de conquista universal.

2.1.1 A escrita na civilização mesopotâmica

A escrita se inicia na Mesopotâmia, há aproximadamente 3100 a. C., com os sumérios, que já ocupavam a região há pelo menos 5000 a. C. Nessa localidade surgem as primeiras cidades como Ur, Uruk e Lagash, onde são encontrados atualmente o Irã e o Iraque. A Mesopotâmia se localizava próxima dos rios Eufrates e Tigre e isto explica o desenvolvimento da agricultura que ajudou a estabelecer os povos na região e o aparecimento da escrita em (suportes), nos tabletes ou almofadas de barros que mais tarde apareceriam também em madeira, metal e pedras. Para Fischer, (2009, p. 108-109)

É possível que a ideia da escrita tenha surgido uma única vez na história humana, e depois imitada por muitas sociedades. Até bem recentemente, a maioria dos pesquisadores acreditava que esse surgimento havia ocorrido somente no sul da Mesopotâmia (hoje, sudeste do Iraque). Porém, novos indícios arqueológicos tornam urgente a consideração de que a escrita primitiva se desenvolveu num território mais amplo, que se estende do Egito até o vale do Indo.

Assim sendo, seria mais prudente pensarmos que a invenção da escrita partiu de uma área mais extensa que a Mesopotâmia, onde inspirou outros povos a criar seus próprios sistemas de escrita de maneira semelhante, embora com as devidas adaptações nos usos dos símbolos gráficos, conforme as diferentes línguas. É provável que fora da Mesopotâmia, a escrita tenha aparecido na China, por volta de 1300 a. C., na América Central com o povo Maia, cuja escrita é ainda, em grande parte, desconhecida e no Egito, há aproximadamente 3000 a. C. Deste modo, os outros sistemas de escrita seriam descendentes desses quatro sistemas.



gin/gub andar/em pé	anše asno	gu ₄ boi	dug pote	šu mão	gišimmar tamareira
še cevada	ud dia	áb vaca	pú poço	a água	ku ₆ peixe

Figura 5: Tábua de sinais cuneiformes, que mostra para cada sinal a forma pictográfica (cerca de 3.000 a. C.), uma representação cuneiforme antiga (cerca de 2.400 a. C.) e a forma do assírio tardio (cerca de 650 a. C.), todas viradas em 90 graus, e o equivalente fonético em sumério e o significado.

O sistema de escrita sumério tinha por preocupações atender as necessidades básicas do dia-a-dia e o seu primeiro uso se concentrou provavelmente nas mensagens oficiais. Outros usos tinham como propósito as ações comerciais que envolviam tarefas de contabilidade e o estabelecimento

de contratos. Essas funções básicas atribuídas à escrita dos sumérios podem induzir o público contemporâneo à ideia de que nos dias atuais esses usos de caráter básico estão em segundo plano diante de uma escrita a serviço da produção da literatura, como a poesia ou qualquer outro texto com maior projeção e valor estético. Para Sampson (1996, p. 48), esta visão é equivocada, pois:

Mesmo na Europa dos 20s., em que a escrita literária é muito difundida, ela é sem dúvida ultrapassada, em quantidade e importância, pelo enorme número de documentos de natureza mais prática: anúncios de emprego, notificação de impostos, jornais, revistas especializadas, etc., etc. na Suméria a escrita era uma tecnologia avançada, como normalmente são as tecnologias, destinadas a solucionar os prementes problemas materiais; é claro que não devemos estabelecer uma analogia entre a escrita suméria e a informática de nossa cultura, ou associarmos o escriba sumério, que era um respeitado funcionário burocrático, com o atual analista de sistema. É verdade que os computadores estão sendo usados em tarefas humanistas, tais como a investigação da autoria das epístolas de São Paulo, ou permitindo aos compositores que usem novas técnicas para produzir música, mas suas aplicações originais diziam respeito a campos mais técnicos ou práticos, tais como a ciência, os negócios e a defesa, que continuam a ser suas funções básicas.

Esta escrita, quando fazia uso para as necessidades básicas do cotidiano e com um caráter prático, que refletia situações administrativas, não poderia, de forma alguma, ser considerada deficitária e insuficiente. Ela simplesmente se encontrava em um dado estágio inicial que procurava atender, limitadamente, ao contexto da época. E mesmo a língua grega, vista como a língua de um povo que valorizava o intelecto, por muitos anos, fez usos limitados com a sua escrita.

Sendo assim, é importante percebermos que a escrita é uma tecnologia que passou e continua a passar por variadas situações e épocas, estas responsáveis por lançar convenções nos usos e nas práticas sociais e, que,

possivelmente, são destinadas para outras práticas como a expressão do pensamento e a atividade lúdica.

É nesse contexto que provavelmente a escrita apareceu, por meio de tarefas práticas como a administração e a contabilidade, controlando as quantidades relacionadas aos fenômenos da natureza, aos animais e, posteriormente, a tratados e documentos governamentais. É desse contexto de manusear os números com o auxílio de talhos, ossos e pedras, que nasceria a necessidade de registrar as imagens do cotidiano, em desenhos nas paredes das cavernas que significavam algo para quem os criava, mas que ainda não se caracterizavam como sistema de escrita. Para Cagliari (1987, p. 165), a escrita foi criada:

No momento em que alguém teve que explicar para um estranho o que significavam aqueles desenhos, ele se pôs, de certo modo, a lê-los, por exemplo, contando uma história que os desenhos representavam. Nesse momento, o desenho deixou de ser uma simples figura e passou a ser uma representação da linguagem e, portanto, uma escrita. A técnica de representação da linguagem estava descoberta.

A leitura permitiu o nascimento da escrita e esta pode ser definida como *a representação gráfica da linguagem*, Cagliari (1987, p. 165). E tal linguagem tem como objetivo a comunicação. Desta forma, a leitura permitiu um desenvolvimento grandioso e rápido da escrita, quando esta foi interpretada por alguém que se dispôs a ler. Por isso, Cagliari ainda afirma:

(...) essa talvez seja uma das razões por que a escrita, em todas as partes do mundo, sempre se nos apresenta como algo “sempre muito evoluído”, ou seja, parece que as pessoas sempre escreveram tudo o que quiseram. Em outras palavras, a escrita nunca foi um obstáculo para a expressão da linguagem, e isso se deve fundamentalmente à ação da leitura.

Deste modo, a escrita pode ser vista como uma espécie de chave libertadora da linguagem, permitindo um estreitamento entre escritor e leitor. A

escrita sempre existiu para possibilitar a leitura de alguém e quanto maior se torna a distância entre escrita e fala mais ela se torna mais arbitrária.

2.2.1.1 Os sinais determinativos da escrita cuneiforme

Com o objetivo de evitar ambiguidades, foi adotado pelos escribas sumérios um grupo de sinais denominados *determinativos*. Para Driinger (1971, p. 42).

Eram colocados antes ou depois das palavras com significado ambíguo, não se pronunciavam e serviam apenas para indicar a classe geral ou a categoria a que pertencia a palavra - pássaros, números, substantivos próprios masculinos, divindades, países, formas do plural, e assim por diante.

Veja o quadro a seguir com alguns exemplos de sinais determinativos.

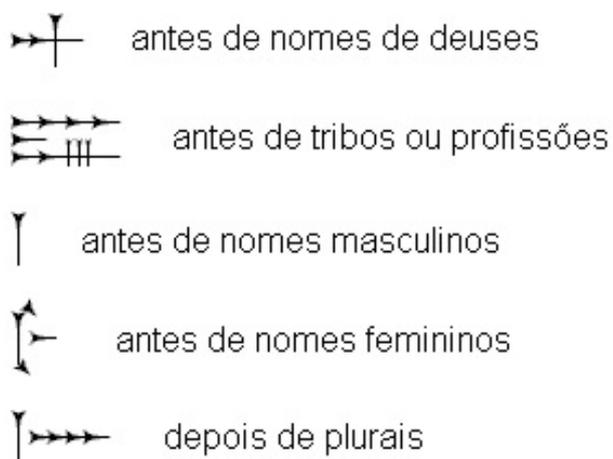


Fig. 6: Sinais determinativos da escrita cuneiforme

A criação destas figuras determinativas não era recente, mas aproveitados de ideogramas já existentes na escrita. Deste modo, este sistema

foi muito útil aos sumérios, por mais difícil que possa parecer para nós. Vale lembrarmos que nosso sistema de escrita de nossos dias que está inserido em um contexto da tecnologia digital pode perfeitamente ser objeto de espanto daqui a 1.000 anos.

Havia ainda outra forma de figura determinativa secundária que foi utilizada como complemento fonético, sinal utilizado como fonograma que, acompanhado de um vocábulo polífono¹⁶, elucidava seu valor fonético. Tais complementos fonéticos serviram também para elucidar o sentido de um ideograma sempre que este ficava diversificado. Por exemplo, quando o símbolo para designar o vocábulo *perna* tinha seu emprego associado ao significado de *andar e estar parado*.

2.2.2 A civilização egípcia

A civilização no Egito surge na segunda metade do IV milênio a. C., permanecendo viva, ao longo de 3.500 anos. No período de dominação romana, há ainda o culto, conforme os ritos¹⁷ tradicionais, aos deuses egípcios, através da construção de templos consagrados, cujas paredes possuem os textos litúrgicos, na forma de caracteres hieróglifos¹⁸.

Em relação à religião dos egípcios, ela desaparece apenas com o advento do cristianismo, permanecendo intacta, ao longo dos anos, sob o

¹⁶ Diz-se dos caracteres que podem representar muitos sons ou articulações. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/definicao.php?palavra=pol%EDfono&id=27161>. Acesso em: 29 jul.2011. 1920:15.

¹⁷ O termo rito pode ter vários sentidos, no sentido mais geral é uma sucessão de palavras, gestos e atos que, repetida, compõe uma cerimônia (religiosa, na maior parte das vezes). Embora siga um padrão, o rito não é mecanizado, pois pode atualizar um mito e, assim, segue ensinamentos ancestrais e sagrados. Origem: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rito>>. Acesso em: 26 ago. 2011, 15:00:10.

¹⁸ Nome dado a algumas escritas com caracteres pictográficos e, particularmente, à escrita egípcia decifrada em 1842 pelo francês Jean Champollion. Outras escritas além da egípcia têm sido assim denominadas, como a escrita minóica, existente no 2º milênio a. C. em Creta e também a que surgiu na Anatólia, no século XV a. C., empregada pelos neo-hititas. O termo hieróglifo quer dizer “escrita sagrada” (*hieros*, “sagrado” e *glyphein*, “gravar”), designação baseada na concepção que os gregos tinham de que o hieróglifo era utilizado para fins religiosos, em inscrições monumentais ou nos túmulos. Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos.

domínio de vários povos estrangeiros. De maneira inútil, as civilizações provenientes da Líbia, da Etiópia, da Assíria, da Pérsia, da Macedônia e de Roma, ao dominarem a região, não são capazes de impor suas crenças, manifestadas apenas para o uso pessoal.

Desta forma, a longevidade da civilização egípcia não é superada por nenhuma outra civilização, permitindo, assim, um sólido enraizamento. No entanto, a esse respeito, afirmam Aymand & Auboyer (1993, p. 49):

a persistência não significa imutabilidade. No curso de tão longa duração, verificam-se, não apenas uma, mas muitas linhas de evolução, em diversos sentidos e em todos os setores. Mesmo a religião, conservadora por definição, fornece vários exemplos deste fato, e podemos calcular que transformações mais graves e mais numerosas devem ter afetado a vida econômica e social, mormente durante as dominações estrangeiras.

Ao longo de 3.500 anos, o povo egípcio não mantém a mesma vitalidade, testemunhando períodos de glória e crescimento, bem como de decadência e estagnação. Para exemplificar tal situação, sucedem-se três “impérios” egípcios, desde o início do III milênio, com a III e a IV dinastias – período de construção das grandes pirâmides – até o final do século XIII a. C., quando desaparece a XIX dinastia, com o faraó Ramsés II, no período denominado Império Novo.

Posteriormente, nos séculos VII e VI, no intervalo de tempo entre o fim da dominação da Assíria e o controle da Pérsia, a nação assiste, na dinastia saíta, a um período de recuperação econômica e cultural, adquirindo, assim, um pouco de sua vitalidade. Constatamos, então, que a história do Egito é marcada por oscilações, traçada por uma linha do tempo constantemente interrompida pela tragédia da decadência e pelo deslumbramento da prosperidade. Conforme, Aymand & Auboyer, (1993, p. 49)

Embora a crença na idade de ouro, num estado de coisas ideal, que só se realizou num passado mítico, manifeste-se em muitos povos, é

raro ao menos que estes nela se inspirem para orientar a sua conduta. Parece que só aqueles cuja religião particularmente vigorosa consubstancia toda a existência, comandando todos os atos e todos os pensamentos, voltam às costas voluntariamente à evolução, que deploram, por verem nela uma perversão.

Esta nostalgia do passado e lamento em relação aos novos tempos podem ser explicados pela difícil realidade vivida por alguns egípcios que julgam como a causa de seus males a desobediência às regras religiosas, diferentemente da realidade esperada e favorecida pela ação divina ou também *pela impiedade ou ignorância de seus contemporâneos, que acabam punidos pela privação das graças outrora dispensadas aos maiores*. Aymand & Auboyer, (1993, p. 49)

Diante disso, compreendemos tal comportamento como efeito do impulso natural de um povo, preso a seu passado de glórias e tentado a sentir saudades de uma época áurea, não preparado e não confiante para seguir em frente, rumo ao progresso da civilização, mas estagnado, numa persistência em tentar resgatar uma época inexistente, vivida somente em sonhos.

Segundo o historiador grego Heródoto¹⁹, o Egito é uma “dádiva do Nilo” - recurso natural importante para a existência de toda a vida humana, animal e vegetal dependente de suas águas e do humo trazido por sua cheia, que coincide com o período de calor mais intenso, nos meses de junho a outubro. Por isso, estes fatos explicam, em parte, a nostalgia da população egípcia gerada pela evocação de seu passado próspero. O historiador Heródoto ainda considera - diferentemente de seu antecessor Hecateu de Mileto – a importância do rio Nilo, não somente para a região do Delta, mas para todo o Egito, onde se tem um oásis em meio ao deserto do nordeste da África. Para Aymand & Auboyer, (1993, p. 52)

¹⁹ Considerado o “pai da história”, Heródoto foi um geógrafo e historiador grego, continuador do trabalho do também historiador e geógrafo Hecateu de Mileto, nascido no século V a.C. (485?–420 a.C.) em Halicarnasso (hoje Bodrum, na Turquia). É autor do livro *As histórias de Heródoto*.

O Egito é, antes de tudo, o próprio Nilo, com sua faixa líquida que fornecia, na Antiguidade, o único meio de comunicação com as terras ribeirinhas por ele anualmente alagadas e que são as únicas que têm vida, em toda a região: cerca de trinta mil quilômetros quadrados úteis para o homem – aproximadamente a extensão da Bélgica – dispostos ao longo de mil quilômetros em linha reta – ou ainda algo mais, levando-se em conta as curvas, porque o Vale não é retilíneo.

Desta forma, a fim de obter um melhor aproveitamento com as cheias do rio Nilo, pequenas províncias ou comunidades chamadas de *nomos*²⁰ se unem para organizar e estender a inundação benéfica, por meio da construção de diques e canais de irrigação. Com o tempo, inicia-se uma oposição originada pelas aglomerações distribuídas na região entre o Alto Egito ou Vale, ao sul, com atividades essencialmente rurais, e o Baixo Egito ou o Delta, ao norte, com cidades mais numerosas e mais importantes, próximas do mar, voltadas para o comércio.

Consequentemente, esta divisão entre os dois reinos revela-se danosa à vida material da população, impedindo *o aproveitamento racional dos recursos da região* e reduzindo *os recursos exigidos pela prática da religião tradicional*. Aymand & Auboyer (1993, p. 53). Assim sendo, compreende-se os lamentos gerados pela lembrança de um passado, quando o bem-estar coletivo é assegurado por uma ordem regular.

Deste modo, a aversão dos egípcios à idéia do progresso pode ser explicada pelo isolamento geográfico da civilização, afastada das influências externas pelas fronteiras naturais como as cataratas do Nilo, ao sul; os desertos no estreito corredor do Vale; e por fim, uma linha costeira limitada. Somam-se estes dados com a ausência de povos vivendo nas proximidades destas fronteiras. Para Aymand & Auboyer (1993, p. 54)

Isto não quer dizer que o Egito, de maneira contínua, tenha ficado livre de qualquer preocupação. Salvo nos desertos “arábico” e “líbico”, que bordejam o Vale, particularmente áridos e, tanto quanto possível,

²⁰ Palavra de origem grega, que se refere a uma divisão administrativa do Antigo Egito. Os *nomos* são chefiados por um líder, chamado nomarca.

despovoados, os egípcios não puderam satisfazer-se com uma vigilância do tipo policial. No sul, bem como no norte, ao redor do Delta, particularmente a nordeste, onde o istmo²¹ de Suez liga o país à Ásia, em várias ocasiões tiveram de lutar para poderem defender-se e libertar-se. Mas estes perigos exteriores, que se manifestaram, aliás, mui tardiamente, só provocaram, antes do início do primeiro milênio, crises afinal de contas passageiras. Nada de comparável, seguramente, aos extenuantes esforços que tantos outros povos foram incessantemente obrigados a desenvolver.

Portanto, o isolamento da civilização egípcia provocado por sua localização geográfica faz vir à tona um sentimento de orgulho talvez não exclusivo, mas certamente genuíno, que caracteriza o apreço da civilização às suas tradições nacionais e que aviva o saudosismo do período áureo, ainda sem o receio das ameaças estrangeiras. Estas de certo modo subtraem a pureza autônoma da civilização egípcia, na época das campanhas militares do faraó Tutmés III, que expande seu domínio até o rio Eufrates.

2.2.2.1 O hieroglífico

O termo hieróglifo se origina de *(uma posterior denominação grega errada para o termo 'entalhe sagrado')* de uso principalmente monumental ou ritualístico. (Fischer, 2009, p. 113). Tal designação representa, *em parte, um erro, até porque o mesmo tipo de escrita foi utilizado para 'pintar' inscrições na madeira, loiça de barro e outros materiais, além da pedra, e para documentos 'escritos' em papiro.* Diringer (1971, p. 48).

Todavia, há um pouco de verdade na ideia grega, por serem os caracteres hieroglíficos um tipo de escrita monumental e religiosa, desenhada, pintada e utilizada em inscrições formais nas paredes de templos e túmulos. Posteriormente, se desenvolveu para formas mais simples de escrita, como o *hierático*, adotada para uso diário, uma variação mais cursiva que podia ser pintada em papiros e placas de barro. Mais tarde, com a influência grega, essa

²¹ Um istmo (do grego *ισθμός*) é uma porção de terra estreita cercada por água em dois lados e que conecta duas grandes extensões de terra.

escrita se transformou no alfabeto demótico²², um tipo de escrita popular e usada para os assuntos do dia a dia. Vale lembrar que apenas os sacerdotes, pessoas da realeza e os escribas tinham acesso à arte da leitura e da escrita desses sinais sagrados.

É provável que os hieróglifos egípcios sejam o sistema organizado mais antigo do mundo, embora não seja ainda possível atribuímos a paternidade do hieróglifo à civilização egípcia, dúvida que permanece até os dias de hoje e que alimenta amplas discussões entre os estudiosos. Mas é certo que, *em Abidos, o mais antigo centro de poder do Alto Egito, os egípcios do local usavam uma escrita logográfica²³ ou hieroglífica mais refinada já em 3.400 a. C.* (Fischer, 2009, p. 113).

Os hieróglifos egípcios foram usados durante 3500 anos e, devido ao grande número de sinais que foram criados (aproximadamente 6900 sinais), ao longo de três milênios, a leitura se tornou complexa e o uso impraticável. Além disso, as invasões dos vários povos estrangeiros, ao longo do tempo, provocaram alterações na língua e na escrita que incorporaram novos elementos, como por exemplo, a entrada do grego e do latim, por intermédio de seus respectivos impérios. O cristianismo também teve um papel desintegrador, pois ao desconsiderar o politeísmo, contribuiu para que o conhecimento sobre a escrita hieroglífica se perdesse no século V depois de Cristo.

Entretanto, é importante destacarmos que a escrita hieroglífica atingiu o máximo grau de desenvolvimento, ao longo da primeira dinastia egípcia, e se se manteve imutável durante 3.000 anos. No período que data a *Tábua de*

²² Nome dado a uma modalidade de escrita egípcia, cursiva, surgida no século VI a. C. e assim denominada pelo historiador grego Heródoto para enfatizar o seu caráter popular. O demótico é essencialmente a escrita empregada pelos servidores públicos do Egito antigo que a utilizavam nos documentos jurídicos e administrativos. Alguns textos épicos, entretanto, foram também escritos em demótico, bem como outros de feição mitológica e funerária. Durante quase mil anos, essa escrita permaneceu como a única verdadeiramente cursiva, isto é, corrente. Uma das mais importantes utilizações do demótico está na famosa inscrição bilingue e tríltera da Pedra de Roseta. Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos.

²³ Esta escrita permite que um glifo represente um único morfema (a menor unidade linguística significativa, como 'mão') ou uma palavra inteira ('chacal', como no primitivo hieróglifo egípcio). (Fischer, 2009, p. 108).

Narmer, um dos mais antigos exemplares, encontrada no Alto Egito, a inscrição é mais ou menos pictográfica e pouco depois no Egito se desenvolveu uma escrita fonética com a implantação de determinativos para acabar com as ambiguidades dos polífonos. De acordo com Diringer (1971, p. 50).

Havia ao todo três classes de caracteres hieroglíficos: ideogramas, fonogramas e complementos fonéticos, e determinativos. A utilidade dos ideogramas é mais ou menos de auto-explicação, especialmente porque esses símbolos se mantiveram nitidamente picturais no decurso da história da escrita hieroglífica. Entretanto, depois das primeiras fases da escrita egípcia, apareciam por vezes ideogramas isolados, mas sempre acompanhados pelo equivalente fonográfico para a mesma palavra, por um complemento fonético ou mesmo por outro ideograma servindo de determinativo.

Os hieróglifos eram basicamente consonantais e continham sinais fonéticos e ideográficos, não possuindo sinais gráficos para as vogais, como nos últimos alfabetos semitas, embora fossem pronunciadas (e corretamente) pronunciadas na leitura das inscrições ou dos manuscritos para que a narrativa fosse percebida. Para Diringer (1971, p. 51), *é simplesmente incorreto presumir que uma linguagem escrita, com a particularidade econômica de omitir as vogais, cause qualquer espécie de dificuldade aos que estão acostumados a lê-la, snd bstnt smpls lr st xmpl.*

Sobre a história da decifração da escrita egípcia, é interessante notar que até o início do século XIX, não se podia ler uma palavra sequer. Muitos estudiosos como os italianos Valeriano e Mercati, no século XVI, bem como Kircher, no século XVII, não tiveram sucesso. E embora, no século XVIII, Warburton, De Guignes e Zoega não decifrassem o enigma da escrita, ao menos, conseguiram dar o primeiro passo para a decifração.

Em 1799, o capitão M. Boussard, do exército de Napoleão no Nilo, encontrou no Forte de S. Julião da Roseta, situado na embocadura desse rio, a inscrição que hoje conhecemos por Pedra de Roseta e que se encontra no Museu Britânico. É um decreto sacerdotal em

honra de Ptolomeu V Epifano, desenhado em 197/196 a. C. em duas línguas e três escritas: textos egípcios em hieroglífico (14 linhas) e demótico (32 linhas) e ainda uma seção semelhante em grego (54 linhas). Curiosamente, esta parece ter sido o texto original do decreto, o que é bastante interessante, sendo as versões egípcias uma tradução livre a partir dela. Diringer (1971, p. 55).

A partir destes textos, veríamos grandes progressos no trabalho de decifração, mesmo com uma danificação considerável na parte hieroglífica da Pedra. Sendo assim, os estudiosos Akerblad (sueco) e o físico, médico e egiptólogo britânico Thomas Young (1773-1829) alcançaram progressos na decifração do demótico e posteriormente do hieroglífico.

O triunfo final, no entanto, viria com o francês Jean-François Champollion, considerado o pai da Egiptologia²⁴, que desde criança mostrava interesse por línguas e aos dezesseis anos já dominava o latim, o grego, o hebreu, o árabe, o chinês, entre outros idiomas. Champollion tornou-se professor de História em 1809, na cidade universitária de Grenoble, na França e seu interesse por línguas orientais, em especial, pelo copta, o direcionou a incumbência de se dedicar à decifração, entre os anos de 1822 a 1824, da então recém- descoberta *Pedra de Roseta*.

2.1.1.1 Os sinais determinativos do hieroglífico

Assim como o cuneiforme na Mesopotâmia, na escrita egípcia também havia símbolos hieroglíficos que podiam ter vários significados. Na língua portuguesa isso não é diferente - pensemos na palavra manga - que pode significar tanto o fruto da mangueira quanto a parte do vestuário onde se enfia o braço. Ainda podemos pensar em mais vocábulos que apresentam variados significados.

²⁴ Termo pelo qual se designa a ciência responsável pelo estudo da civilização egípcia e uma área da arqueologia e da história antiga e que teve como ponto de partida a ocupação francesa do Egito pela expedição de Napoleão Bonaparte (1798-1810). Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos. Antonio Carlos do Amaral Azevedo. (1999, p. 169).

Entretanto, como saber qual significado está sendo utilizado? Neste aspecto, somente pelo contexto da frase, conseguiremos resolver tal dúvida. Caso lêssemos um livro com a oração: “Eduardo adora chupar manga” e “A manga da camisa está amarrotada”, não ficaríamos com nenhuma dúvida quanto ao significado das orações. Todavia, se apenas aparecesse a palavra manga, de forma isolada, ficaremos com certeza sem pistas para descobrir seu significado.

Deste modo, essa situação foi descrita para chegarmos à época dos antigos escribas egípcios que davam pistas aos leitores, acrescentando símbolos especiais de figuras no fim das palavras para auxiliar o leitor no entendimento da palavra usada. Esses símbolos também foram chamados de *sinais determinativos* ou *figuras determinativas*, pois ajudavam a determinar (compreender) o que a palavra significava.

Assim sendo, as figuras determinativas colocadas no final de uma palavra têm até hoje a função de indicar em que classe semântica se enquadra a palavra que elas determinam. Por exemplo: os nomes das estrelas e de qualquer vocábulo relacionado a elas terminavam com a figura de uma estrela.

As figuras determinativas também podem ter um significado estendido. Assim, a figura de um rolo de papiro que era o livro egípcio da época, escrevia a palavra para rolo assim como para as palavras relacionadas à escrita ou ainda para palavras abstratas como (verdade, beleza, sabedoria), por serem ideias que poderiam ser escritas em um papiro.

Os determinativos auxiliam também o leitor a diferenciar vocábulos semelhantes como o verbo “escrever” representado pela figura de ferramenta de escrita do escriba. A mesma figura é utilizada para o vocábulo escrita e escritor. Somente sendo possível diferenciá-los pelos símbolos determinativos usados no fim da palavra.

Esses símbolos finais determinativos são essenciais porque as palavras que têm as mesmas consoantes podem significar muitas

coisas diferentes. A palavra escrita como *nfrt* pode significar uma “mulher bonita” ou uma “vaca” (você não vai querer misturar as duas!). Os símbolos db podem escrever as palavras “figo” ou “hipopótamo” – uma grande diferença. Os egípcios sabiam o que elas significavam por causa da figura no fim da palavra – uma cesta de frutas ou um hipopótamo. Parkinson (2006, p. 34).

Há também a possibilidade de sabermos por meio dos determinativos, como a sociedade egípcia pensava acerca das coisas e como eles as agrupavam. Assim, um grupo de figuras utilizado como determinativo para vocábulos como “pessoas” apresenta um homem e uma mulher sentados. O homem sempre vem na frente, pois os homens no antigo Egito eram considerados mais importantes que as mulheres.

Em resumo, os sinais determinativos são diferentes dos demais hieroglíficos. Não possuem valor fonético, quando aparecem no fim de uma palavra. Tem como finalidade, identificar um sentido ou seu real significado. Por fim, os determinativos servem para localizar o fim de um vocábulo, já que na escrita egípcia não há espaços para separação entre eles.

2.3 O sistema de escrita ideográfico²⁵

O sistema de escrita ideográfico é caracterizado pela escrita de desenhos chamados ideogramas, que, ao longo da história, foram perdendo alguns dos traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se, posteriormente, uma mera convenção da escrita.

Equivocadamente tal sistema é visto como mais primitivo que o sistema de escrita fonográfico por ser historicamente o primeiro a surgir, mas basta ver, como exemplo, o caso da língua chinesa que até os dias atuais utiliza esse

²⁵ Sistema de escrita denominado por Diringer (1971, p. 24) como *escrita analítica de transição*, incluindo as escritas analíticas do Médio Oriente antigo, como o cuneiforme dos sumérios e o hieroglífico egípcio.

sistema como forma de escrita. Ademais, é possível vermos o uso diário desse sistema de escrita em conjunto com o sistema alfabético (letras).

Basta observarmos as placas de trânsito, os números, os avisos nas estações de metrô, nas rodoviárias, as indicações de portas de banheiro para constataremos que a ideia de escrita primitiva é errônea e preconceituosa. Ocorre que em nossa cultura, a diferença entre a escrita ideográfica e a escrita com as letras está no seu uso e na sua função.

Por exemplo, quanto aos avisos e placas de trânsito, é mais prático e funcional utilizar o sistema ideográfico para tornar mais eficiente a percepção e interpretação dos motoristas. Porém, seria extremamente complicado produzir um texto ou documento ideograficamente, pois neste caso, a utilização de uma determinada palavra ou o som de uma palavra é imprescindível para o entendimento do leitor.



Figura 6: aviso



Fig. 7: placa de trânsito

Torna-se mais difícil e pouco prático para um motorista em uma situação de trânsito perceber rapidamente a informação contida na figura 3. Enquanto a ideia transmitida na figura 4 é mais importante do que as palavras exatas que poderiam ser inúmeras tais como:

- Proibido estacionar;
- É proibido parar o carro aqui;
- Ninguém pode parar o carro aqui;
- Se eu estacionar o carro neste lugar, posso levar uma multa.

Assim sendo, a interpretação não precisa ser literal no sistema ideográfico, pois basta a captação da ideia básica por parte do leitor daquilo que o escritor quer transmitir. Outro exemplo de escrita ideográfica muito comum em nossa sociedade concerne às indicações nas portas de banheiro, que tanto podem ser vistas pela forma escrita WC FEMININO e WC MASCULINO, bem como pela forma de desenhos representando um homem (no banheiro masculino) como uma mulher (no banheiro feminino) ou ainda outras imagens como luvas e bolsas (no feminino) e bengalas e chapéus (no masculino). Tal

tipo de escrita ideográfica é chamada de figurativa ou (pictográfica). A seguir alguns exemplos:



Figura 8: telefone

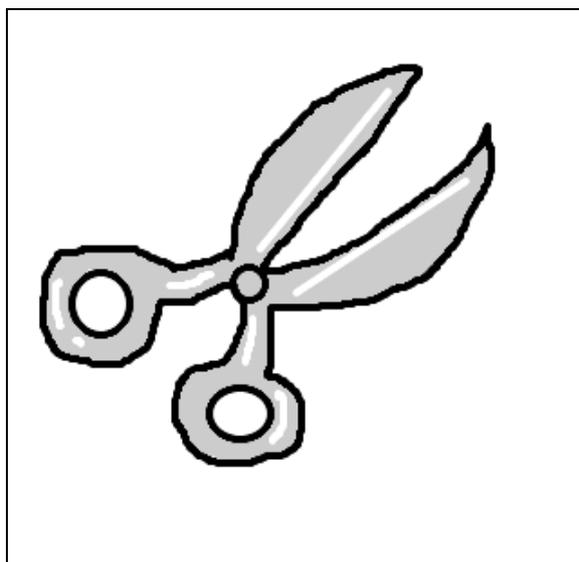


Figura 9: tesoura

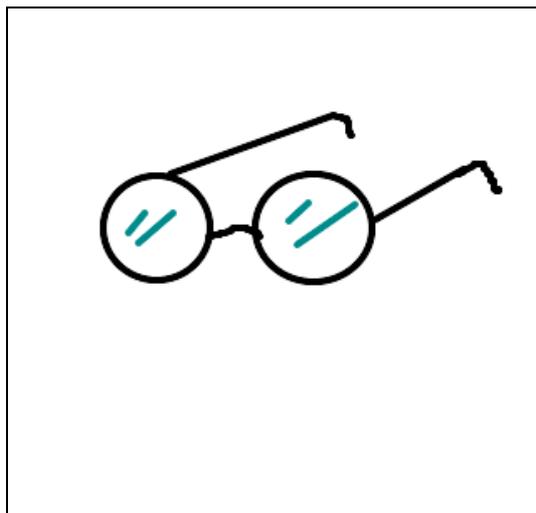


Figura 10: óculos

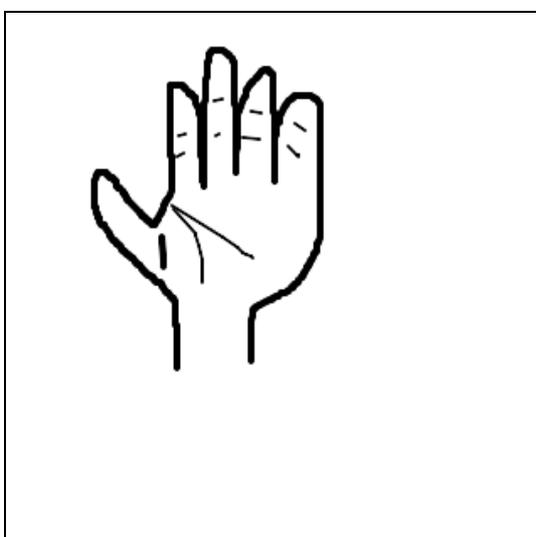


Figura 11: mão

Como já mencionado inicialmente, o ideograma foi perdendo aos poucos seus traços mais representativos e se tornou uma convenção de escrita, tem como marca diferenciadora em relação ao pictograma sua modificação pelo tempo e espaço em comum acordo estabelecido por pessoas de uma comunidade lingüística. Para Cagliari (1996, p. 108), a maior diferença entre a escrita pictórica e a ideográfica se encontra no fato de que *os pictogramas não estão associados a um som, mas à imagem do que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade.*

As escritas ideográficas mais importantes são a mesopotâmica (suméria), a egípcia (também chamada de hieroglífica), as escritas da região do mar Egeu

(escrita de Creta) e a chinesa (de onde provém a escrita japonesa). No entanto, para este trabalho, optaremos por estudar somente a escrita da região do Oriente Próximo²⁶, Mesopotâmia e Egito, por considerarmos ser a mais representativa do sistema ideográfico.

Na escrita ideográfica, algumas figuras deram origem às letras do alfabeto atual, por exemplo, a letra *A* representava a cabeça de um boi na escrita dos egípcios, outro exemplo é a letra *M* que representava as ondas do mar, a letra *O* representava a figura de um olho. Mais adiante no item que trata da origem do alfabeto, veremos com mais detalhes esta história.

2.4 O sistema de escrita alfabético

A característica, que marca a fase alfabética, encontra-se no uso das letras, que assumem atualmente, um valor fonográfico, mas que, num passado remoto, foram ideogramas e possuíam valor ideográfico. Isto significa que mesmo antes de as letras existirem já havia uma ideia de uma escrita alfabética.

Nos dias de hoje, as letras estão organizadas num conjunto conhecido como alfabeto. O seu nome provém do grego *alphabetos* e do latim *alphabetum* e é a junção das duas primeiras letras do alfabeto grego *alfa* e *beta*, que são atualmente as letras *A* e *B*. Centenas de anos antes disso, já havia na língua fenícia as letras Alef e Bet, a primeira se assemelhando com a cabeça de um (boi touro)  (Aleph) e a segunda com uma forma linear com linhas arredondadas e retilíneas ⁹ derivadas de um pictograma proveniente da imagem da planta de uma casa e que provavelmente recebeu influência do Beth do povo hebreu.

²⁶ Termo que abrange alguns países da orla do Mediterrâneo, em sua grande maioria de população islâmica. Em termos geopolíticos, é uma das áreas mais instáveis do planeta, cenário de guerras freqüentes (Israel contra Estados árabes vizinhos, Iraque contra Irã, Iraque contra Kuwait, Guerra do Golfo, Guerra do Iraque etc.) inclui um país africano (o Egito), um país transcontinental (a Turquia, dividida entre a Europa e a Ásia) e países do Sudeste da Ásia, de Israel ao Irã. Também é chamado de Oriente Próximo, Médio Oriente ou Próximo Oriente. Disponível em: Enciclopédia do estudante: geografia do mundo (2008, p. 262).

Antes do aparecimento do alfabeto, formado do alfabeto latino, adotado no continente europeu e originado do alfabeto grego, existiam os silabários, que eram um conjunto de sinais específicos, representando os sons das sílabas. Este sistema representou uma mudança em relação ao sistema ideográfico, pois se reduzia o número de caracteres, na passagem dos ideogramas para as sílabas. Além disso, a construção do significado se dava pelo som das palavras e não mais pelas ideias. E conforme Cagliari (1999, p. 166) afirma:

Além da mudança do ponto de partida para a escrita, que passou do significado para o som das palavras, aconteceu algo a mais, que foi a mudança no nome dos caracteres. Antes, cada pictograma tinha o nome da própria palavra que representava. Nos silabários, os sons prevaleceram sobre os significados na designação dos nomes dos caracteres, ficando os significados num plano secundário. Somente por razões históricas alguém se lembrava de que o nome de um caractere silábico tinha tido antes um significado próprio, ligado a um pictograma. Este aspecto tem passado despercebido nos estudos sobre a origem do alfabeto, mas tem uma importância fundamental. Se o sistema de escrita precisava representar os sons e não os significados, o melhor tipo de caractere não era o silábico, uma vez que trazia redundâncias facilmente detectáveis.

Portanto, as sílabas não poderiam atender às necessidades da escrita, pois traziam redundâncias como no exemplo de PA, BA, TA, AS, LA e PE, BE, TE, SE, LE, RE, etc. Uma simplificação do sistema de escrita, que representasse a fala, estava garantida, permitindo uma nova organização no conjunto das letras e criando novos grupos de caracteres como A, E, P, B, T, S, L, R, etc. Essa nova organização consistiu de uma passagem do sistema ideográfico para o sistema fonográfico, encontrando algumas dificuldades como nos mostra a história dos sistemas silábicos no Oriente Médio.

Estes sistemas de sílabas do Oriente Médio se originaram com os sumérios no ano aproximado de 3.200 a. C., que, posteriormente, com a dominação do povo acadiano (2000 a 600 a. C.), se modificaram para a escrita cuneiforme. Naquela época, tanto os acadianos quanto os egípcios falavam

uma língua semítica como atualmente temos o árabe e o hebraico, que são línguas que possuem uma ideia central na combinação de consoantes. No caso das línguas ocidentais como as neolatinas, indo-europeias e as anglo-germânicas, a ideia central se encontra na raiz das palavras e as ideias secundárias se encontram nos afixos (sufixos e prefixos).

2.4.1 O alfabeto semítico

O termo semita tem sua origem no nome *Sem*, que na história bíblica, foi um dos filhos de Noé, responsável pela construção da arca que abrigou sua família, durante o dilúvio na terra. Os semitas seriam os descendentes de Sem e contribuíram culturalmente na formação das três grandes religiões monoteístas que existem no mundo de hoje, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Os semitas eram compostos por vários povos como árabes e hebreus e com uma família de línguas que incluíam o acadiano, o fenício, o hebraico, o aramaico, o etíope, entre outros.

A escrita dos povos semitas nasceu da necessidade comercial praticada no entorno da região mediterrânea e, embora os semitas não estivessem ligados culturalmente *aos dois pólos de civilização* da época, logo perceberam que seria conveniente unir os dois principais sistemas de escrita provenientes desses pólos, o sistema egípcio, no nordeste da África e o sistema cuneiforme, na Mesopotâmia, pois, se por um lado, havia a simplicidade dos silabários cuneiformes, com uma quantidade mínima de caracteres com os quais se escrevia todas as palavras, havia também a maior facilidade de leitura nas formas gráficas do sistema egípcio, que atendiam às necessidades da escrita no cotidiano. Cagliari (1999, p. 168)

Começou, então, a aparecer uma escrita com caracteres egípcios escrevendo línguas do Oriente Médio. Como eram línguas que estavam sendo escritas pela primeira vez, nada mais conveniente do que usar as vantagens gráficas dos caracteres egípcios com as vantagens funcionais da escrita cuneiforme que, há muito, já havia abandonado a maioria dos caracteres ideográficos e determinativos em favor de um silabário com poucos caracteres.

O arqueólogo e egiptologista britânico Flinders Petrie (1853-1942) descobriu no ano de 1904-1905 no monte Serabit El Khadin, na península do Sinai, no Egito, documentos que continham uma escrita (dos povos semitas) em proto-sinaítica datada de 1.500 a. C. e que, provavelmente é anterior ao alfabeto fenício.

Esta escrita foi estudada em pormenores pelo egiptólogo londrino Alan Gardiner (1879-1963), que constatou haver semelhanças entre os hieróglifos egípcios e a escrita cuneiforme desse alfabeto, desta forma, colocando um fim nas incertezas que existiam sobre a origem das formas gráficas das letras que eram, possivelmente, atribuídas a qualquer tipo de sistema de escrita do mundo.

Ao longo da história, esta escrita proto-sinaítica certamente influenciou os sistemas de escrita de vários povos, todavia, por falta de documentos, um verdadeiro quebra-cabeça continua, impedindo a construção de um percurso histórico e linguístico entre sistemas do passado e os atuais.

Por outro lado, a civilização fenícia, localizada no outro extremo Oriente Médio, onde fica atualmente o Líbano, tinha *na escrita um instrumento importante de seu trabalho com o comércio ao redor do Mediterrâneo*. Cagliari (1999, p. 168-169). E, apesar de terem sido influenciados pela cultura da bem sucedida sociedade egípcia, assíria e babilônica, o povo fenício, domesticamente, manejava uma escrita mais simples, mais prática e mais útil. Tempos depois, no século XIII, período dos textos mais antigos, ao que tudo indica seu sistema de escrita já estava definido, possuindo somente 22 letras.

Posteriormente, várias escritas como o árabe, o hebraico, o aramaico e o grego tiveram como base o sistema de escrita fenício. Quanto à língua grega, esta deu origem ao alfabeto latino, que deu origem às *escritas nacionais da maior parte dos povos europeus*. Diringer (1971, p. 170). Assim, com uma quantidade mínima de caracteres e *com formas gráficas de fácil desenho*, os semitas do Oriente Médio, conforme Cagliari (1999, p. 169):

(...) fizeram uma lista de palavras, de tal modo que cada uma delas começasse por um som diferente, tendo, no total, a representação de todas as consoantes no início destas palavras. Além disto, estas palavras deveriam ter como significado algo que fosse associado diretamente com hieróglifos egípcios que poderiam ser usados para representar os sons do início destas palavras. A primeira palavra da lista era boi, que se dizia 'alef', e o hieróglifo egípcio escolhido era o desenho da cabeça de um boi. A segunda palavra foi beth, que significa casa, e que ficou associada ao hieróglifo que representava casa em egípcio. Obviamente, em egípcio, estes hieróglifos estavam associados às mesmas ideias, mas não aos mesmos sons. Por exemplo, casa, em egípcio dizia-se 'per' e não 'beth'.

A descrição com os caracteres, com os significados e com os nomes revela a criação do alfabeto, ao mostrar a passagem de um sistema de escrita (com desenhos) que representa palavras inteiras, para um sistema de escrita que busca os sons da fala. Assim, é possível observar que as letras **A** (alef) e **B** (beth), que designavam boi e casa, respectivamente. Em ambos os casos, trata-se de uma mudança que transformou os hieróglifos em caracteres representantes do som.

Deste modo, com o estabelecimento do alfabeto, por meio de um princípio acrofônico²⁷, havia facilidade para decifrar e produzir a escrita. Todavia, a eficácia do alfabeto, no auxílio para representar foneticamente todas as línguas do mundo duraria alguns séculos e esbarraria no problema da variedade linguística, que Cagliari (1999, p. 170) descreve como *variação dialetal da fala das pessoas*.

2.4.2 O alfabeto grego

Na história da escrita alfabética do Ocidente, é necessário mencionarmos a importante contribuição dos gregos, ao adotarem e adaptarem sua escrita

²⁷ Para Cagliari (1999, p. 145), o princípio acrofônico foi responsável pela formação do alfabeto e é a chave da decifração desse sistema de escrita. Implica numa lista de palavras que começavam com sons diferentes, de tal modo que todos os sons da língua fossem contemplados. Com os semitas, o nome das letras era o nome das palavras (alef, beth, entre outras) e com os romanos, esses sons iniciais representados por caracteres, daria origem ao alfabeto.

procedente do alfabeto semítico, criando as bases para o ao alfabeto utilizado no mundo de hoje. Mesmo que tenha sido mais uma adaptação do que uma invenção, *aperfeiçoaram-na em tal grau que foi durante três mil anos, apenas com ligeiras modificações, um veículo incomparável de expressão e comunicação de homens das mais diversas línguas e nacionalidades*. Diringer (1971, p. 145).

Muitos pesquisadores defendem a ideia de uma adaptação do alfabeto grego, efetuada por volta do século X ou IX a. C., embora haja intensas discussões motivadas por falta de evidências. Por outro lado, conforme registros do historiador Heródoto, Cadmo, um fenício, que viveu de 1350 a 1209, instalou-se com a família na Boécia e fundou a cidade de Tebas. Ali começou a escrever com 16 caracteres o grego, no idioma fenício. Posteriormente, surgiram novas letras, introduzidas por Palamedes, no período da Guerra de Tróia. Depois, o poeta Simôdenes de Ceos (556-468 a. C.) contribuiu com mais 4 letras, completando o alfabeto grego. Essas histórias misturam lendas e fatos históricos, porém para Cagliari (1999, p. 171):

(...) é fato indiscutível que os gregos, que séculos antes tinham usado um sistema de escrita chamado hoje de Linear B²⁸, passaram a usar o sistema de escrita fenício naquela data. O sistema fenício foi adaptado e uma das dificuldades iniciais que tiveram que superar foi o fato de o grego, ao contrário do fenício, ser uma língua que compunha as palavras com prefixos e sufixos e não trocando vogais dentro de um radical formado por três consoantes.

Para resolver o problema, os gregos logo descobriram que, além das consoantes, precisariam de caracteres que representassem também as sílabas das vogais. De acordo com Cagliari (1999, p. 168)

Além das três vogais do sistema semítico, o grego tinha outras, cuja identificação não era detectada facilmente por meio de uma escrita consonantal, como no caso das línguas semíticas. O fato de colocar

²⁸ Segundo Sampson (1996, p. 64), a escrita Linear B, usada para escrever o grego arcaico, constitui *um exemplo relativamente puro de escrita silábica* e bastante incompleta, porém *sistemática e coerente com suas próprias limitações*.

letras representando consoantes e vogais, uma ao lado da outra, compondo as sílabas, deu ao sistema de escrita o verdadeiro alfabeto.

Deste modo, o autor descreve uma ideia, defendida por muitos estudiosos, de que o verdadeiro alfabeto se inicia entre os gregos. Estes que se esforçam para adaptarem os nomes das letras, apoiando-se no princípio acrofônico. Diante disso, o glifo consonantal semítico hebraico '*aleph*', cujo pictograma original reproduzia um 'boi', passou a ser chamado de *alfa* e o '*beth*', que passou a ser chamado *beta*. Assim sendo, *os gregos montaram seu novo 'alfabeto', uma palavra composta das duas primeiras letras gregas alfa e beta, para uma reprodução ainda mais fiel da língua grega como ela era falada.* Fischer (2009, p. 122).

Os gregos, no final desse processo, estavam pela primeira vez (na história da escrita) diante de um pequeno e prático alfabeto de letras com consoantes e vogais individuais, cuja combinação, em sequências, formaria palavras inteiras. O mesmo método permaneceu, desde essa época, essencialmente o mesmo, há quase 3 milênios, usado até hoje, confirmando assim sua utilidade e sucesso. Como já dissemos inicialmente, a história da escrita alfabética do Ocidente teve a grande contribuição dos gregos.

Atualmente, todas as escritas da Europa ocidental e oriental derivam do alfabeto grego. É do nosso conhecimento que europeus pré-alfabetizados, ao entrarem em contato com o alfabeto grego, ou tomaram como base a ideia da escrita grega ou adotaram o alfabeto grego, com ou sem modificações. Por exemplo, o sistema único de *runas*, elaborado pelas primitivas tribos germânicas, com 24 sinais usados, mais frequentemente em enterros, foi um empréstimo da escrita grega. O mesmo ocorreu com o primitivo irlandês e o galês que, ao entrarem em contato com a escrita alfabética, elaboraram sua própria escrita, chamada *ogham*, que acabou sucumbindo com o surgimento do alfabeto latino.

2.4.3 O alfabeto latino

Cabe aqui destacarmos que a mais importante adaptação do alfabeto grego foi realizada pelos romanos em aproximadamente 600 a. C., ao terem contato com uma escrita baseada no alfabeto grego em território italiano, por meio dos vizinhos etruscos que ali estavam instalados. Vale lembrar que os romanos fizeram poucas modificações do original grego. Eles começaram com um alfabeto de 21 caracteres que, posteriormente, chegou a 26 letras.

Roma, fundada em 753 a. C., com sua história que remonta há 2.800 anos, se tornaria o centro de uma grande civilização que dominou o mediterrâneo por centenas de anos e no período de decadência, entre outros fatores, seria invadida por tribos germânicas, dando início à Idade Média. Em 509 a. C., inicia-se a República Romana e, em 451 a. C. foi elaborada a Lei das 12 Tábuas (*Lex Duodecim Tabularum* ou *Duodecim Tabulae*, em latim)²⁹. A Pedra Preta do Foro Romano é considerada a mais antiga inscrição conhecida na língua latina datada do ano 600 a. C.

Os romanos assimilaram 21 letras do total de 26 caracteres etruscos. Houve mudanças para algumas letras na sua forma gráfica e também no seu valor fonético. Cagliari (1999, p. 176) descreve o processo de modificação fonética da seguinte forma:

Depois que houve uma mudança fonética significativa no latim, distinguindo fonemicamente os sons [k] e [g], a letra C, que originalmente representava o [g], passou a representar o [k]; a letra K, que representava [k], caiu em desuso e foi substituída pela letra C. Para representar, então, o som de [g], os romanos passaram a anotar a letra C com uma pequena barra vertical na parte inferior, no final da curva, dando origem, assim, à letra G. A invenção do G foi atribuída a Spurius Carvilius Ruga (230 a. C.). Do *ipson* grego, os romanos ficaram apenas com a forma V, representando um segmento labial consonantal ou vocálico. Posteriormente, com a distinção fonêmica entre estas duas realizações, a letra V ficou para

²⁹ Antiga legislação que deu origem ao Direito Romano. Era a constituição da República Romana.

o segmento consonantal e a forma arredondada U para a vogal. A forma grega Y limitou-se à escrita de palavras de origem grega.

A história nos relata que alguns eruditos e imperadores, como Cláudio, tentaram criar algumas letras, no intuito de ficarem famosos, porém tais iniciativas não deram certo. A história também nos relata que os romanos elaboraram uma escrita cursiva com formas gráficas alteradas em relação às letras capitais escritas nos monumentos. Alguns documentos foram encontrados em Pompeia em 1875, com um tipo de escrita chamado *pugillares*. No ano de 1973, foram encontradas no norte da Inglaterra, em um poço de um forte romano, tabuinhas com a mesma escrita.

Vale também destacarmos que os romanos mudaram os nomes das letras (tendo como propósito o princípio acrofônico) que passaram a ser monossílabos iniciados com o som mais representativo da letra. Nessa época o alfabeto passou a ser conhecido como *abecê*, por causa do nome das primeiras letras: a, bê, cê, dê, entre outras. No tempo do gramático Varrão (116-27 a. C.), havia duas formas de pronúncias para algumas letras como EF, EL, EM, ER, ES. Diringer (1971, p. 160-161).

Depois da conquista da Grécia pelos Romanos, no século I a. C., os símbolos gregos Y e Z foram adotados como y e z, com o fim de simplificar a tradução das palavras gregas para o latim, e colocados no fim do alfabeto. Antes deste evento, mas já quando assumiria mais ou menos a sua forma definitiva, o alfabeto latino era o seguinte: A, B, C, (com o som k), D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, P (forma original de R, derivada da letra grega ró), S, T, V, X. A adição de Y e Z aumentou para vinte e três o número de letras do alfabeto.

Apesar das tentativas de Vérrio Flaco e do imperador Cláudio de adicionarem outras letras, o alfabeto latino permaneceu praticamente inalterado, recebendo atualizações de letras latinas já existentes como é o caso das letras U, W e J. Assim sendo, o alfabeto latino após o primeiro século a. C. se adaptou às novas línguas e suas letras se transformaram externamente nos estilos cursivos como o semicursivo minúsculo italiano, a

escrita merovíngia, a escrita visigótica, a escrita alemã pré-carolíngia, o insular ou anglo-irlandês, a caligrafia carolíngia ou Carolina, entre outras.

2.4.4 O alfabeto latino após o latim

O latim clássico era a língua oficial do Império Romano, utilizada como meio escrito da administração e da cultura do império que se expandia por toda a Europa, parte da Ásia e norte da África. Tornou-se, depois, o meio escrito e falado da Igreja Cristã e de toda a educação no ocidente.

Ao longo do tempo, já no século XVIII, o latim sobreviveria como língua de erudição e, no século XX, era a língua da liturgia católica romana. *Negligenciada por muitas décadas, o latim clássico está hoje passando por um ressurgimento dinâmico como segunda língua ou língua adicional na Europa e na América do Norte.* (Fischer, 2009, p. 152).

O latim popular falado continuou a passar por modificações, no tempo e no espaço, dando origem à família linguística românica falada em várias regiões por séculos até serem finalmente registradas em documentos: francês, italiano, provençal, espanhol, português, catalão, romeno, entre outras.

Mesmo com o surgimento das línguas românicas ou neolatinas, como já citado anteriormente, o alfabeto latino permaneceu sem grandes alterações. Nesse período, o nome das letras manteve a forma misturada de dizer os nomes em latim, alterando em parte o princípio acrofônico. Posteriormente, nem sempre foi possível, com a introdução de novas letras, respeitar o princípio acrofônico. A letra H (*agá*) conhecida pelos romanos como *adspiratio*, representava sons variados ou, com mais frequência, formava dígrafos modificados pelo valor fonético da letra anterior.

Quanto à letra W, no Brasil chamada de *dábliu* e em Portugal chamado de *duplo vé*, já aparece em documentos no ano de 692. Originou-se da escrita de dois V e foi difundida, por meio de manuscritos na Alemanha, nos séculos XI e XII, e posteriormente, no século XVII passou a representar uma consoante

diferente e foi acrescentada no alfabeto. Como citado anteriormente, a letra Y veio do grego, por intermédio dos romanos.

A letra J foi criada pelos escribas na Idade Média, ao perceberem que escrevendo II góticos juntos era semelhante ao U, para haver uma distinção entre os dois casos, o segundo I começou a ser grafado com uma pequena curva para a esquerda, dando origem a letra J. O pingo no I apareceu no século XIV, proporcionando à letra um aspecto gráfico mais fácil para o reconhecimento na escrita gótica.

Há casos como o surgimento da escrita minúscula que passou a ter a barra vertical do T aumentada em 1467. Outro caso foram as duas formas gráficas da letra S que apareceram na escrita *fracture* da Alemanha como B. Há também o surgimento na Península Ibérica da letra Ç, na época da formação das línguas neolatinas, representando o mesmo som das letras *thorn* e *wynn* do antigo inglês. A grafia mais antiga da letra Ç tinha o C com sua parte inferior recebendo um pequeno z.

Por último, é importante ressaltarmos que algumas línguas modificaram algumas letras – nas formas gráficas – com o propósito de obterem novos caracteres para a representação de sons que não possuíam letras próprias no alfabeto romano. Como exemplo, temos a língua tcheca, a norueguesa, a sueca e o espanhol. Quanto ao uso de acentos para diferenciar qualidades fonéticas, estes vieram do árabe, influenciando a língua portuguesa na Idade Média.

2.4.5 A variante linguística na escrita alfabética: a ortografia

Enquanto os semitas: os egípcios, os assírios e os babilônicos eram grandes civilizações e contavam com sistemas de escritas consolidados, outros povos menores, que viviam no Oriente Médio, passaram a escrever somente após a criação da escrita alfabética. Assim sendo, *a adaptação do sistema existente para escrever uma língua ágrafa procurava manter as funções das letras, variando localmente a forma gráfica de alguns caracteres.* Cagliari (1999, p. 173)

Embora, não tenha havido grandes mudanças, como ocorrera com os gregos, os usuários da escrita precisavam resolver um desafio, envolvendo variantes ou dialetos, conforme a localidade, tanto nas línguas semíticas como na língua grega. Para os gregos, essas variantes podiam ser reunidas em quatro grandes grupos dialetais: o Arcádio, o Eólio, o Jônico e o Dórico. O Ático, dialeto falado em Atenas, prevaleceu pela sua importância histórica e cultural e ficou conhecido como *koiné*, que significa língua comum, posteriormente, tal significado foi alterado para linguagem do povo, contrapondo à ideia de linguagem das altas classes sociais.

Com tal diversidade linguística, o alfabeto estava fadado a desaparecer, pois já não era possível ter nele um sistema de escrita útil numa sociedade com tanta variação dialetal para uma mesma língua. Mas a escrita acabou sendo salva pela *ortografia*. Com a introdução da noção de ortografia no uso da escrita alfabética, era possível neutralizar as variantes dialetais, e as palavras passaram a ser escritas de apenas uma forma. Obviamente, a ortografia de uma língua depende basicamente do prestígio da forma que espelha e a língua passa a ter uma ortografia mais regular e estável quando surge alguma obra clássica para servir de modelo. Foi o que aconteceu com o grego antigo. Foi o que aconteceu muitos anos depois com a escrita das línguas derivadas do grego e do latim. Cagliari (1999, p. 174)

Deste modo, ainda que a invenção do alfabeto tenha contribuído para o desenvolvimento dos sistemas de escrita, na prática, encontrou obstáculos e não foi capaz de resolver o problema da variação linguística. Vale lembrar que, na origem, o objetivo do alfabeto era escrever as palavras pelos sons das consoantes e das vogais, tarefa esta fácil, pois bastava que se observassem os sons enquanto se falava. Entretanto, o mais importante era a representação de palavras, que trazem os significados da linguagem, e não as vogais e as consoantes.

Assim sendo, os usuários de todas as línguas logo perceberam que as palavras variavam de pronúncia de um dialeto para outro. Por exemplo, algumas pessoas falam *tchia*, outras falam *tia* (sem o chê); outras, ainda, falam

muítcho em vez de *muito*; uns falam *drento*, *nóis fumo imhora memo* e outros dizem *dentro*, *nós fomos embora mesmo*, e assim por diante. Por isso, os dialetos apresentam variadas formas de pronúncias para vocábulos que possuem o mesmo significado.

Para escrevê-las a solução é congelar as sequências de letras que as palavras possuem. Assim, as línguas selecionam uma forma de escrita para cada vocábulo e todos os falantes de todas as variantes precisam escrever de uma forma apenas, mesmo que possam falar e ler estes vocábulos com diferentes pronúncias. Diante disso, podemos considerar a ortografia como uma forma *neutra* de escrever as palavras, provocando em todos nós dificuldades - em maior ou menor grau - para sabermos quais letras devem ser usadas em certas palavras. De acordo com Cagliari (1999, p. 98)

A ortografia assumiu a escrita das palavras para neutralizar estas variações e estabelecer um padrão de escrita que fosse único para todos os falantes, independentemente da maneira como cada um fala o seu dialeto.

Então, numa dúvida de ortografia, o instrumento ideal para nos auxiliar é o dicionário e não o alfabeto. Claro que conhecer o alfabeto é um importante passo em nossa vida, mas conhecer a ortografia é importante para realizarmos uma bem sucedida atividade de escrita e leitura. Vale lembrarmos que a ortografia permitiu que colocássemos as letras nas palavras como um chinês que coloca os traços nos caracteres de sua escrita. Em ambos os casos, os falantes se guiam pelo significado e não pelos sons da fala.

Assim sendo, dizemos que o alfabeto é um sistema fonográfico, pois concerne à representação da linguagem feita pelos sons, isto é, a veiculação de significados das palavras é feita no momento da leitura que permite ao usuário reconhecer primeiramente os sons da palavra representada. Após a identificação da palavra, recupera-se automaticamente a ideia que o escritor quis transmitir, pois *todo signo lingüístico tem dentro de si, ligados*

indissoluvelmente, um significante (sons) e um significado (ideias). Massini-Cagliari (Ibid., p. 26)

Por outro lado, dizemos que um sistema de escrita como o chinês é ideográfico, porque se baseia na nossa observação das ideias das palavras para escrevermos e depois na nossa procura pelos sons com que vamos pronunciá-las. Desta forma, a ortografia do alfabeto e da escrita chinesa permitiu um equilíbrio para quem escreve diante destes dois sistemas de escrita. Por exemplo, para saber se é *concerto* ou *conserto*, ou ainda *mesa* ou *meza*, é necessário conhecer as letras que os vocábulos possuem e não apenas observar como são pronunciadas.

2.4.6 A escrita alfabética ortográfica

A escrita representa a linguagem oral e atende à finalidade da leitura que dá acesso à mensagem do texto escrito, (literário, informativo) transformado em oral por meio da leitura. Não há uma dicotomia – língua escrita e língua falada, mas há usos específicos para essas duas modalidades de linguagem, isto é, desconsiderando o aspecto gráfico, aquilo encontrado em um texto escrito é na realidade pertencente ao uso oral.

Não se pode negar o valor atribuído à escrita pelas sociedades do mundo atual que induzem pessoas a acharem que a escrita tem mais importância que a fala. Na verdade, a escrita é um uso sofisticado da própria fala, cristalizada graficamente. E essa cristalização na escrita só foi possível pelo aparecimento da ortografia que possibilitou um congelamento na grafia das palavras e fez com que perdesse *sua característica básica de ser uma escrita pelos segmentos fonéticos, passando a ser a escrita de “uma palavra de forma fixa”, independente de como o escritor fala ou o leitor diz o que lê*. Cagliari, (1999, p. 66)

Para o estabelecimento da ortografia, a noção de palavra, no sentido da unidade da escrita teve um papel muito importante, pois a palavra representa a

segmentação da fala, esta por sua vez tem suas pausas, ao seguir a variação de altura chamada de entonação ou entoação.

Contatamos que a ortografia nasceu para anular as flutuações, as dúvidas sobre com qual letra escrever tal vocabulário, como *lichu* ou *lixo*, *nicho* ou *nixo*. A ortografia foi concebida para fixar as formas de se escrever as palavras para os falantes de dialetos variados.

Existe, na nossa sociedade, a crença de que a ortografia das palavras refletiria a pronúncia “correta das palavras, o que é um preconceito, já que a ortografia não representa a fala de ninguém, pois tem a função de anular a variação linguística, na escrita, no nível da palavra. Massini-Cagliari (1999, p. 31)

Tal afirmação nos ajuda a compreender a real função da ortografia para o sistema alfabético-ortográfico, que é o de assumir a escrita das palavras, neutralizando as variações e estabelecendo um padrão de escrita para todos os falantes da língua portuguesa, desconsiderando o modo como cada falante pronuncia o seu dialeto.

2.4.7 A escrita das letras após a criação do alfabeto

Nos dias de hoje, os materiais da produção escrita antiga que chegaram até nós foram feitos de um material durável, como pedras, metais, cerâmicas e tabletes de barro (por exemplo, dos sumérios e acadianos). No Egito era usado o papiro para escrever, na China, inventaram o papel e em Roma utilizavam pequenas “tabuinhas”.

É importante destacarmos que o material sobre o qual se escreve tem influência na forma dos caracteres. Assim sendo, os chineses utilizavam pincéis e seus caracteres apresentavam uma forma gráfica com *traços de pincéis*. Os sumérios e acadianos imprimiam marcas de estilete no barro, em decorrência disto, esta escrita ficou conhecida como cuneiforme. Os egípcios utilizavam os papiros para escreverem com finos palitos. Na Idade Média, era comum o uso

das penas de aves que ilustravam os livros e permitiam um traçado mais arredondado para as letras romanas, que receberam o nome de letras unciais.

Outro dado curioso concerne à velocidade de escrita, de acordo com o material utilizado. Havia também um cuidado especial com a escrita de caráter público que precisava de um capricho especial, diferentemente da escrita de caráter individual que normalmente era mais relaxada.

Após a invenção do alfabeto, as letras sofreram uma mudança funcional, com a ortografia estabelecida das palavras e mudanças gráficas. Cagliari (1999, p. 180)

As variações gráficas foram tantas que este fato trouxe à tona uma ideia que não tinha se mostrado na sua plenitude: as letras são *unidades abstratas* e não simples rabiscos, representando vogais e consoantes. Conseguimos reconhecer, nas milhares de formas da letra A, que se trata da letra A, e não de outra letra, porque todas estas formas diferentes desempenham uma mesma função na ortografia das palavras.

Por isso, a necessidade de uma unidade maior de escrita que permita aos usuários uma correta interpretação dos caracteres, mesmo diante de uma enorme variedade de formas gráficas. Tal unidade é a palavra que, associada à ortografia permitiu construir uma referência interpretativa de caracteres. Como exemplo, a leitura de manuscritos com garranchos só é possível pela capacidade que temos de fazer associações entre os garranchos e as sequências de letras, formando possíveis vocábulos. Sem o conhecimento de uma ortografia, ficaria difícil fazer a leitura cursiva da maioria das pessoas.

Ao visualizarmos uma palavra escrita de várias formas, com letras traçadas com formas gráficas diferentes, como **A** e **a**, **B** e **b**, para nós parece fácil e familiar porque conseguimos categorizar as letras e afirmar que **A** e **a** fazem parte da categoria da letra **A**, **B** e **b** que pertencem à categoria da letra **B**, e assim por diante. Por isso, podemos afirmar que, no aspecto gráfico, a letra é uma unidade abstrata, não é concreta, isto é, o seu aspecto físico, material e

gráfico é apenas um suporte, pois quando se aponta para uma letra, neste caso, o **A** não tem a característica de um desenho em particular, mas um conjunto de desenhos que podem receber o rótulo de tal letra.

Nesse sentido, as letras do alfabeto possuem um padrão de *design*, isto é, possuem alguns aspectos em comum, quanto às suas variações na constituição da letra. Por exemplo, a letra **C** se assemelha sempre com um meio círculo. Embora seja necessário prestar atenção no fato de que todas as possibilidades que existem na escrita de uma letra apenas são possíveis, devido à noção abstrata que se tem da letra. Mas o que define abstratamente o que seja uma letra, além de seu aspecto gráfico (**categorização gráfica**), é o seu aspecto funcional.

A categorização funcional das letras concerne ao valor que cada uma delas possui no sistema de escrita, ou seja, o que é determinante para chamarmos uma letra de A não é somente o seu aspecto gráfico, mas o fato de ela poder assumir posições no sistema de escrita da língua portuguesa que o sistema reserva para a entidade abstrata da letra A ou valor de A.

No sistema de escrita o fator que fornece o valor para cada letra é o *nome* que ela recebe, ao recitarmos o nosso alfabeto numa ordem o nome de cada letra e este nome representa um som. Observamos nesse caso o princípio acrofônico. Entretanto, este princípio não pode prever todas as funções que cada letra pode assumir no sistema de escrita, assim, no caso da letra A, por exemplo, nem sempre poderá assumir o som de A. Devemos considerar que há outros sons na língua que a letra A representa como /ã/ na palavra *cama*, o som de /ai/ na palavra *paz* e o som /u/ como na palavra *fizeram* (fizéru).

Portanto, o que determina o valor para cada letra no nosso sistema que integra tanto o sistema ideográfico, quanto o sistema fonográfico é a ortografia, que determina a categorização funcional para cada letra no sistema, em uma relação que se dá pelas letras e sons do que pelo próprio alfabeto.

2.4.8 O alfabeto nos dias atuais

O aparecimento de novas formas gráficas para as letras do alfabeto romano, ou estilos de letras representa, na verdade, o aparecimento de novos alfabetos. Não se trata mais de enfrentar o desafio da variação linguística (ou dialetal), assim como da *categorização funcional* – bem solucionado pela ortografia, mas da variação na forma gráfica das letras, criando para o sistema uma obrigatoriedade de impor uma *categorização gráfica*.

Passaríamos a chamar de letra **A** toda forma gráfica que fosse aceita para ocupar um espaço (um lugar) nas palavras que a ortografia reserva para a letra **A**. Tal princípio teve uma ampla adesão a tal ponto de aparecer as mais variadas formas gráficas para as letras, como já é possível verificar nos dias atuais, ao olharmos uma folha de jornal, revista ou folheto publicitário.

Neste universo da escrita, além das letras, no propósito de facilitar a leitura, apareceram muitas marcas como os sinais de pontuação e uma infinidade de ícones, pictogramas, símbolos e sinais. Para Fischer (2009, p. 110).

Mesmo mais de 2.000 anos depois, o atual alfabeto latino, descendente dos mais antigos hieróglifos egípcios, ainda está experimentando, simultaneamente em muitas línguas diferentes, a adição de um novo sistema de sinais externos – ou, devido a novas tecnologias, a expansão semântica de sinais antigos – como %, ¥, ™, ©, e mais recentemente, @ e // com a internet.

Constatamos, portanto, que os sistemas de escrita são capazes de preservar, padronizar, enriquecer, determinar e gerar novos processos orientados pela língua e para a língua - falada e escrita. Nesse sentido, os sistemas de escrita acumulam novas aquisições que se sobrepõem às antigas. Um *princípio acumulativo* que torna o sistema caótico e altamente complexo, porém adequado ao mundo moderno que já testemunhou no passado a criação de um alfabeto com pretensões de ser um sistema simples com 21 letras e que hoje assiste à era digital, à era dos computadores.

CAPÍTULO III

A ESCRITA NA ERA DIGITAL: FINAL DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI

O presente capítulo trata de A ESCRITA NA ERA DIGITAL: FINAL DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI, contextualizando o período referente à sociedade no contexto da tecnologia digital, marcado pela renovação linguística engendrada pelo surgimento da rede mundial de computadores – a Internet – na década de 1960.

Apresentaremos um breve histórico do período correspondente ao final do século XX, da década de 1960 a 1990; e começo do século XXI, década de 2000, quando encontramos uma escrita motivada pelo aparecimento da tecnologia da Internet, *que acrescentou à língua falada e escrita um veículo de comunicação linguisticamente novo*. Crystal (2006, p. 17).

Em seguida, descreveremos a história da Internet e sua implantação no Brasil, tornando-se, gradualmente, um novo espaço de comunicação social que abrigaria uma nova linguagem, um novo dialeto que seja capaz de atender aos interesses e objetivos de seus usuários. Ainda discutiremos as diferenças entre o internetês - CMC (*netspeak*) com a conversa face a face do cotidiano e o internetês com a linguagem da escrita.

Por último, refletiremos sobre os efeitos de um novo veículo dentro de uma língua, em especial a língua portuguesa, constatando mudanças no caráter formal da língua e as influências do meio sobre ela, em um constante processo de transformação.

3.1 A sociedade na era digital: contextualizando o período

Os anos de 1990 marcam o início de uma revolução linguística, não somente pela presença efetiva da rede mundial de computadores, mas também por sua extraordinária capacidade de revelar *uma nova variedade estilística da*

linguagem e proporcionar uma alternativa nova para as modalidades em que a comunicação humana pode ocorrer. Crystal (2006, p. 76). Além disso, é admirável observar, num curto espaço de tempo, os usuários, em contato com esta nova tecnologia - criarem, adaptarem e expandirem suas inovações linguísticas numa escala mundial como a gíria³⁰ e o jargão³¹, bem como as “inadequações” cometidas principalmente pelos jovens contra as normas linguísticas – como a ortografia e a pontuação.

É pertinente lembrarmos que tais “inadequações” já são vistas por muitos estudiosos da língua como variedades linguísticas motivadas pela tecnologia da Internet que oferece para nós (usuários) uma terceira forma de comunicação diferente da fala e da escrita, que emerge no contexto da tecnologia digital, reunindo características das duas modalidades. Entretanto, de acordo com Marcuschi (2004, p. 19), *a ideia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas.* Tal posicionamento ganha sustentação, se considerarmos que, *em parte, a escrita não consegue reproduzir muitos fenômenos da fala, tais como a prosódia³², a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros.* Marcuschi (2000, p. 17).

Para Crystal (2006, p. 76) há *uma fala escrita* ou ainda *uma estranha mistura de escrita com conversa*, constatando haver certa dificuldade na caracterização dos termos. O autor cita como exemplo um episódio do desenho animado *Os Simpsons*, quando o personagem Homer pergunta aos amigos do trabalho *o que é um e-mail*, Lenny responde que *é uma coisa de computador*,

³⁰ A gíria representa o uso de um vocabulário informal não padronizado – tanto na forma de palavras quanto de expressões – para manipular criativamente a fala por uma variedade de motivos. (Fischer, 2009, p. 226).

³¹ Os jargões, cuja definição é passível de muita controvérsia, devem ser aqui entendidos como uma linguagem técnica banalizada, pelo uso largamente ampliado e pelas formações neológicas abusivas, visando a certos efeitos, em particular aqueles decorrentes do prestígio lingüístico do vocábulo. O assunto liga-se, também, às relações entre linguagem e o status do falante, campo estudado pela Sociolingüística. (Prete, 1984a, p. 26).

³² Prosódia (originário do grego προσωδία) é o estudo do ritmo, entonação e demais atributos correlatos na fala. Ela descreve todas as propriedades acústicas da fala que não podem ser preditas pela transcrição ortográfica (ou similar). Quando ocorre um erro de prosódia, isto é, quando há uma transposição do acento tônico de uma sílaba para outra, ocorre uma silabada.

como *ãhn*, uma carta elétrica, ao passo que Carl complementa que se trata de um telefonema silencioso.

Posicionamo-nos a favor de uma linguagem da Internet que não pode ser descrita como *uma língua escrita na tela*, mas como uma comunicação que mescla modalidades, que impõe uma escrita criativa, inovadora, na busca de uma identidade que a distingue de outros veículos. Além disso, observamos que a linguagem da Internet, por intermédio dos gêneros textuais emergentes, procura recuperar e reunir práticas sociais já existentes, tais como, o diálogo no cotidiano, a carta e o diário, e que tais práticas comunicativas geram similares no ambiente virtual, tais como, o bate-papo no chat, o e-mail³³ e o *blog*³⁴. Como exemplo, temos o e-mail, já conhecido como “fala escrita”, ao cruzar características como a conversa e a carta. Sendo assim, é possível que estejamos diante de uma verdadeira revolução linguística, cuja magnitude não foi ainda assimilada pela sociedade.

Apoiamo-nos na ideia da revolução linguística por entendermos que as revoluções não ocorrem com tanta frequência, mesmo porque foram poucas as ocasiões, ao longo da história, em que um meio de comunicação afetasse de tal forma uma sociedade. Assim, lembremos que, nos primórdios, o primeiro meio de comunicação usado pela humanidade foi a fala, que apareceu entre 30 mil e 100 mil anos e, que, num período posterior, há cerca de 10 mil anos, surgia em algumas localidades do mundo a escrita. Desta forma, esses dois meios de

³³ E-mail ou correio eletrônico é o programa que permite trocar mensagens entre usuários. Não é necessário que o destinatário esteja conectado à Internet no momento em que a mensagem for enviada. Um aviso, indicando quantas mensagens novas existem, será apresentado assim que o usuário se conectar à Rede. É possível enviar simultaneamente cópias de mensagens para várias pessoas e também guardar as mensagens enviadas. Pode-se ainda usar o correio eletrônico para participar de listas de distribuição.

³⁴ Corruptela de *weblog*, expressão que pode ser traduzida como “arquivo na rede”. Os *blogs* surgiram em agosto de 1999 com a utilização do *software* Blogger, da empresa do norte-americano Evan Willians. O *software* fora concebido como uma alternativa popular para publicação de textos *online*, uma vez que a ferramenta dispensava o conhecimento especializado em computação. A facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos em rede foram – e são – os principais atributos para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de auto-expressão. A ferramenta permite, ainda, a convivência de múltiplas semioses, a exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (músicas, principalmente). Atualmente, a maior parte dos provedores não cobra taxa para a hospedagem de um *blog*.

comunicação mantiveram a raça humana em constante interação a ponto de ela evoluir e se distinguir dos outros animais do planeta.

Claro que tal interação foi ganhando outras formas e sendo facilitada pelo surgimento de novas tecnologias tais como a prática da agricultura, da astronomia, da medicina e dos transportes, bem como a invenção da roda e do parafuso e a conquista do fogo e da mineração. E mais recentemente não podemos nos esquecer das tecnologias da comunicação tais como a utilização do satélite artificial, da fotografia, da tecnologia de áudio e som, da impressão, do telégrafo e da internet que contribuíram para o desenvolvimento da modalidade oral e escrita da língua.

Se pensarmos na internet como veículo de comunicação, veremos que *ela não é mais do que uma associação de redes de computador que compartilhando padrões comuns, que permite que às mensagens serem enviadas de qualquer computador central (ou host)³⁵ em uma rede para qualquer host em outra.* Crystal (2006, p. 77). Nos dias atuais, a internet é a maior rede de computadores do mundo com aproximadamente 1, 970, 836, 397 usuários, de acordo com o site Internet World Stats, e fornece um grande número de serviços para que muitas pessoas entrem em contato umas com as outras, por meio várias técnicas e três são as funções que identificaremos a seguir:

1. A world wide web (ou web) é a reunião de todos os computadores ligados à Internet³⁶ que possuem documentos acessíveis mutuamente pela utilização de um protocolo-padrão (o protocolo de transferência de hipertexto, ou simplesmente o http³⁷ em língua

³⁵ Computador ligado permanentemente à Rede que mantém um repositório de serviços para outros computadores na Internet. Também chamado de nó.

³⁶ Com inicial maiúscula, significa a rede de computadores originalmente criada nos EUA, que se tornou uma associação mundial de redes interligadas por meio dos protocolos da família TCP/IP. Com inicial minúscula, significa genericamente uma coleção de redes locais e/ou de longa distância, interligadas por roteadores.

³⁷ O HyperText Transfer Protocol é um protocolo de aplicação responsável pelo tratamento de pedidos e respostas entre cliente e servidor na World Wide Web. Ele surgiu da necessidade de distribuir informações pela Internet e para que essa distribuição fosse possível foi necessário criar uma forma padronizada de comunicação entre os clientes e os servidores da Web e

inglesa). Foi inventada em 1990 com o propósito de permitir que físicos do campo da energia de diferentes instituições compartilhassem dados, no entanto com o passar do tempo se espalhou para outras áreas e nos dias de hoje possui uma abrangência que auxilia na interação multimídia entre usuários de computador em qualquer localidade do planeta. Entre suas várias funções, podemos incluir as referências enciclopédicas, arquivística e catalogação e ainda para nossa disposição uma lista com notícias, vídeos, jogos, redes sociais, filmes, anúncios, transações comerciais, entre outros meios de diversão e de acesso ao conhecimento.

2. A mensagem eletrônica ou e-mail (correio eletrônico) é a utilização de sistemas de computador para a transferência entre usuários de mensagens enviadas entre caixas de correio particulares (diferentes das mensagens enviadas entre grupos de bate-papo. Mesmo que ocupe pouco espaço na rede em comparação com um grande número de páginas na web, ela é vista por John Naughton³⁸ como “o óleo que lubrifica o sistema”. Possui ainda um caráter diverso, abrangendo mensagens pessoais e institucionais de dimensão e objetivos variados.
3. Grupos de bate-papo são conversas contínuas sobre assuntos específicos, organizado em “salas”, em sites determinados da Internet, em que usuários interessados no tópico podem participar. Há dois tipos de situação, uma em tempo real (sincrônica)³⁹ e outra em tempo postergado (não-sincrônica). Na situação chamada sincrônica, o usuário acessa uma sala de bate-papo e participa de um diálogo contínuo, em tempo real, enviando suas intervenções por meio de um nome ou apelido ou ainda um *nick* - nome de origem inglesa que significa apelido carinhoso de Nicolas. Esse nome é

entendida por todos os computadores ligados à Internet. Com isso, o protocolo HTTP passou a ser utilizado para a comunicação entre computadores na Internet e a especificar como seriam realizadas as transações entre clientes e servidores, através do uso de regras básicas.

³⁸ Jornalista irlandês, acadêmico e escritor residente no Reino Unido desde 1968.

³⁹ O que se realiza ao mesmo tempo; simultâneo; concomitante; síncrono; coincidente; coexistente.

inserido na tela que se move de forma permanente junto com as intervenções dos outros usuários (participantes). Na situação chamada não-sincrônica, as interações são preservadas em um tipo de formato e ficam à disposição dos usuários que as solicitarem, de modo que possam entender os assuntos ou adicionar suas intervenções a qualquer momento, mesmo que ocorra uma passagem considerável de tempo.

É importante percebermos que essas três situações não são exclusivas, mas podem ser combinadas ou ainda serem usadas uma dentro da outra, por exemplo, alguns sites da rede possuem grupos de discussão, os fóruns⁴⁰, e também links de e-mail e estes possuem anexos da rede.

O mundo da Internet é extremamente fluido, com usuários explorando suas possibilidades de expressão, introduzindo combinações novas de elementos e reagindo aos desenvolvimentos tecnológicos. Mas uma coisa é certa. Essas três funções, em suas diferentes formas, facilitam e dificultam nossa capacidade de comunicação de modos que são fundamentalmente diversos dos encontrados em outras situações semióticas. Crystal (2006, p. 79).

O autor procura esclarecer que muitas das práticas linguísticas e expectativas que conhecemos associadas à língua escrita e falada não se realizam mais, pois, com o avanço das tecnologias, novas práticas surgem, trazendo para a sociedade um potencial de comunicação, que, por consequência, pode vir a se tornar um problema para ela. Por exemplo, há a necessidade de as pessoas aprenderem as regras de uso do e-mail, dos grupos de bate-papo ou, ainda, das regras de construção de uma página da web que tenha funcionalidade.

Todavia, não há regras que registrem os bons modos de comportamento universalmente aceitos e estabelecidos pelo uso das gerações. Mesmo porque ainda não há um consenso acerca das possibilidades trazidas por esse novo

⁴⁰ Fórum de discussão é uma ferramenta para páginas de Internet destinada a promover debates através de mensagens publicadas abordando uma mesma questão. Também é chamado de "comunidade" ou "board".

meio de comunicação que é a Internet, que não só revela uma nova variedade estilística de linguagem, mas também uma alternativa para as modalidades em que a comunicação humana pode ocorrer. Para Crystal (2006, p. 76), essa *alternativa é tão nova que não possui ainda um nome com o qual todos estejam de acordo - comunicação mediada por computador (CMC) e comunicação eletrônica foram sugeridos – e também não existe um termo aceito para o tipo de língua revelado por ela (o termo que uso é netspeak).*

Tal novidade evidencia o contraste existente no campo das comunicações entre o suporte tela e o suporte papel, pois é do conhecimento de todos que a escola, ao ensinar o gênero carta para seus alunos, de forma até rotineira, segue recomendações de livros didáticos (manuais) e propostas curriculares. E não há até o exato momento um guia que forneça orientações sobre o caso de *netspeak*⁴¹, cujas convenções possivelmente sejam ensinadas nas escolas futuramente.

Com a criação da Internet, a linguagem utilizada nesse meio recebeu a influência fundamental do caráter eletrônico desse canal, pois as opções de comunicação do usuário são determinadas pela natureza do *hardware*⁴² tão essencial para a entrada na Internet. Deste modo, um conjunto de caracteres de um teclado pode determinar a capacidade linguística produtiva (tipo de informação que pode ser emitida) enquanto o tamanho e a configuração da tela podem definir a capacidade linguística de recepção, ou seja, o tipo de informação que pode ser visto. Assim sendo, tanto aqueles que emitem como aqueles que recebem se vêem envolvidos linguisticamente pelas características do aplicativo e hardware de Internet que os une.

Por isso, é pertinente salientarmos que há certas atividades linguísticas que lidam muito bem com o veículo, enquanto outras não conseguem lidar de modo algum. *Há também algumas atividades linguísticas permitidas pelo meio*

⁴¹

⁴² Designação genérica de todo tipo de equipamento de informática, por exemplo, microcomputador, discos rígidos, memória, impressora, scanner, entre outros.

eletrônico que nenhum outro veículo consegue alcançar. É por isso que nos parece apropriado falar em “revolução”. Crystal (2006, p. 80).

3.2 Breve histórico da Internet

Durante a Guerra Fria, um período marcado por *testes de bombas nucleares, conflitos em diversas regiões do planeta e uma acirrada corrida espacial* Carvalho & Cukierman, (2003, p. 2), o governo dos Estados Unidos criou uma agência de fomento às pesquisas, a ARPA (*Advanced Research Projects Agency*), que tinha como propósito recuperar a liderança perdida para os soviéticos.

Um dos projetos desta agência, *em convênio com algumas universidades escolhidas a dedo*, estava relacionado à segurança nas comunicações em caso de uma ofensiva nuclear, interligando vários centros estratégicos através de uma rede de computadores, a ARPANET, que, inicialmente, interligou quatro instituições, distantes e isoladas entre si, criando conexão entre seus departamentos de pesquisa. Nessa primeira fase, idealizada em 1969, foram escolhidas quatro universidades norte-americanas como sites: a Universidade de Los Angeles (UCLA), o Instituto de Pesquisa de Stanford (SRI), a Universidade de Santa Bárbara (UCSB) e a Universidade de Utah. Carvalho & Cukierman, (2003, p. 2).

No final da década de 1970, já é possível observar o funcionamento de algumas outras redes, sem o auxílio direto do governo americano, mantidas por instituições acadêmicas que tinham a responsabilidade de manter *sua ligação ponto-a-ponto com o próximo nó da rede*. Carvalho & Cukierman, (2003, p. 2). Sendo assim, havia uma alternativa de comunicação entre os pesquisadores destes institutos que não tinham vínculo, por razões financeiras e/ou políticas com a ARPANET.

Na década de 1980, vários usuários americanos começaram a compartilhar seus microcomputadores pessoais com outros usuários, através

de modems⁴³ conectados às linhas telefônicas, fora das redes acadêmicas. Estes usuários trocavam arquivos e reuniam-se em grupos virtuais, mas ainda não se comunicam entre si até meados de 1984, quando, por meio de uma rede de conexão discada conhecida como FIDONET⁴⁴, os computadores passaram a trocar arquivos de mensagens entre usuários de diferentes países.

Vale lembrarmos que, somente nos anos 80, o nome Internet começa a ser utilizado, quando muitos usuários já estavam conectados através do mesmo protocolo, *Transmission Control Protocol/Internet Protocol* (TCP/IP), que foi desenvolvido desde 1973, como patrocínio da ARPA, e que foi testado e aperfeiçoado, durante os anos de 1970, com destaque às facilidades de interconexão entre redes diferenciadas.

Vale também lembrarmos a diferença existente entre Internet e *Web*⁴⁵ (ou *World Wide Web* – WWW), que significa *rede de alcance mundial*, cujo sistema de documentos em hipermídia⁴⁶ é interligado e executado pela Internet. Seu criador, Sir Timothy John Berners-Lee, formado em Física em 1976 pela Universidade de Oxford, trabalhou em meados de 1980, no CERN⁴⁷, (*Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*) ou (*Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear*), onde propôs um projeto baseado na ideia do hipertexto com o propósito de facilitar a troca de informações entre os pesquisadores. Enquanto a Internet, em uma acepção mais ampla, é o conjunto de redes de

⁴³ Equipamento acoplado ao computador para permitir conexões com a linha telefônica. O modem transforma os dados enviados pelo computador em sinais que podem ser transmitidos pela linha telefônica e vice-versa. A velocidade do modem é medida em bits por segundo (bps). Para acessar a Web, a velocidade mínima recomendável é de 28.800 bps.

⁴⁴ Uma rede mundial que interliga PC's. Transfere também um tipo próprio de correio eletrônico (existindo normalmente a possibilidade de enviar uma carta para alguém na Internet) e grupos de discussão (conferências é o termo exato) próprios. Digamos que é uma espécie de internet bastante limitada em termos de interação, difusão, rapidez e heterogeneidade, quando comparada com a verdadeira Internet, mas, é claro, possui uma identidade própria.

⁴⁵ Área da Internet que contém documentos em formato de hipermídia, uma combinação de hipertexto com multimídia. Os documentos hipermídia da WWW são chamados de páginas de Web e podem conter texto, imagens e arquivos de áudio e vídeo, além de ligações com outros documentos na rede. A característica multimídia da Web tornou-a a porção mais importante da Internet.

⁴⁶ A definição formal de hipermídia une os conceitos de hipertexto e multimídia. Ou seja, um documento hipermídia contém imagens, sons, textos e vídeos, como qualquer título multimídia. Além disso, usa ligações de hipertexto para permitir que o usuário salte de um trecho do documento para outro ou até mesmo para um documento diferente. O termo hipermídia também é utilizado como sinônimo de multimídia.

⁴⁷ Considerado o maior laboratório de física de partículas do mundo.

computadores ligados em um mesmo protocolo (TCP/IP), ou, ainda, segundo Dicionário Houaiss, como:

Rede de computadores dispersos por todo o planeta que trocam dados e mensagens utilizando um protocolo comum, unindo usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, institutos militares, bibliotecas e empresas de toda envergadura.

Contudo, para facilitar a troca de informações entre os computadores, foram criados vários programas/protocolos com essa finalidade, por meio da proposta do criador da *Web*. Tais programas/protocolos (URL – *Uniform Resource Locator*, HTML – *HyperText Markup Language*, HTTP – *HyperText Transfer Protocol*, o próprio WWW, domínios “.com”, “.br”, “.gov”, “.edu”, entre outros.) possibilitaram que a informação fosse organizada de forma que todos os sistemas operacionais pudessem ter acesso a ela. Ademais, permitiu que tais informações fossem cruzadas e conectadas umas as outras (hipertexto), definindo, nos dias de hoje, como a Internet deveria ser utilizada.

Para explorar ao máximo o potencial da *Web*, em 1994, Tim Berners-Lee, apoiado pela CERN, com suporte da (DARPA *Defense Advanced Research Projects Agency* - antiga ARPA) e da Comissão Europeia, fundou um consórcio internacional denominado *World Wide Web Consortium* (W3C) responsável pela criação de normas que assegurem o crescimento da *Web*.

Conforme informações da *Internet World Stats*⁴⁸, no mês de setembro de 2009, 1,73 bilhões de pessoas tinham acesso à Internet, número que representa 25,6% da população do planeta. De acordo com a pesquisa, quase 420 milhões de usuários pertencem ao continente europeu, mais da metade de sua população. Na Oceania, mais de 60% da população está conectada à rede, enquanto que no continente africano, esse número se reduz a 6,8%. Na América Latina e Caribe, aproximadamente 175 milhões de pessoas estavam conectadas à Internet, sendo que o Brasil possui 67,5 milhões de usuários.

⁴⁸ Site que reúne informações relacionadas à internet.

3.2.1 A trajetória da Internet no Brasil

Os serviços de telecomunicações no Brasil, até o final da década de 1990, eram dominados por empresas estatais do grupo Telebrás que incluíam a EMBRATEL (Empresa Brasileira de Telecomunicações) e várias operadoras regionais. Até 1989, o monopólio sobre os serviços de transmissão de dados estava sob responsabilidade da EMBRATEL com pouca oferta de serviços de valor adicionado das operadoras. Posteriormente, começaram a competir com a EMBRATEL, oferecendo serviços de comunicação de dados, a nível regional.

Em meados da década de 1970, houve uma expansão e modernização da infra-estrutura de telecomunicações, tanto a nível local como de longa distância. No final da década de 1980, as regiões mais populosas do Brasil já recebiam uma malha de mais de 23.000 km de troncos de micro-ondas, estes já em processo de conversão para a transmissão digital. Por outro lado, grande parte do país era servida por uma comunicação via satélite doméstico, por meio de estações terrestres.

Visando integrar os esforços institucionais na área de redes de computadores, gerar um know-how de âmbito nacional nesta área, promover o intercâmbio de software e informação científica através da integração de laboratórios de computação locais, foi criado, em dezembro de 1979, o Laboratório Nacional de Redes de Computadores (LARC) (CARVALHO & CUKIERMAN, 2003, p.06).

Mais tarde, a LARC tornou-se Rede Nacional de Pesquisa RNP⁴⁹ e integrou várias redes acadêmicas do país, com possibilidade de acesso às redes de instituições do exterior. Entretanto, apesar do interesse inicial do governo, apenas em meados de 1994 houve o comprometimento por parte do governo para implantar a internet no Brasil. Assim sendo, a EMBRATEL ficaria responsável por cuidar da criação e do desenvolvimento da estrutura para a exploração comercial da Internet com o uso do protocolo TCP/IP com o auxílio

⁴⁹ Projeto pioneiro lançado em setembro de 1989 pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) com o objetivo de construir uma infra-estrutura de rede Internet nacional de âmbito acadêmico. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Nacional_de_Ensino_e_Pesquisa
Acesso em: 28 ago. 2011. 23:58:10

da RNP. Ainda nesse ano, ocorre o lançamento de um serviço experimental de acesso à Internet via linha discada pela EMBRATEL, que se tornaria definitivo em 1995.

Na época de seu lançamento, a RNP tinha como objetivo capacitar recursos humanos de alta tecnologia e difundir a tecnologia Internet por meio da implantação do primeiro *backbone*⁵⁰ nacional, cuja infra-estrutura teve como objetivo conectar vários pontos de uma rede. A inauguração do primeiro *backbone* da Internet ocorreu em 1991 com o objetivo de atender apenas entidades acadêmicas. Posteriormente em 1995, o governo através da EMBRATEL começou a montar um backbone para fornecer serviços de conexão a empresas privadas (provedores de acesso) conectados de forma permanente ao backbone.

A Internet brasileira pôde testemunhar uma nova fase a partir de 1997, à medida que aumentou o número de acessos à rede atrelada a uma necessidade de uma infra-estrutura mais rápida e segura, exigindo do governo maiores investimentos em novas tecnologias. Contudo, em virtude da carência de infra-estrutura de fibra-óptica que abrangesse todo o território brasileiro, inicialmente, foi optado pela implantação de redes locais de alta velocidade, usufruindo da estrutura de algumas regiões metropolitanas. Deste modo, em 2000, como parte desses investimentos, foi implantado o *backbone* RNP2 com o propósito de conectar todo o território brasileiro a uma rede de alta tecnologia. Nos dias de hoje, o RNP2 conecta as 27 unidades federativas, interligando mais de 300 institutos de ensino superior e de pesquisa no Brasil.

A RNP alcançaria em 2002 outra conquista com o então presidente da república que a transformou em uma entidade social com maior autonomia administrativa para executar deveres e, por consequência, o poder público ganhou meios de controle mais eficazes para avaliar e cobrar os resultados. Entre os objetivos dessa reestruturação, estão o fornecimento de serviços de

⁵⁰ Em português, significa espinha dorsal.

infra-estrutura de redes IP⁵¹ adiantadas, a implantação e a avaliação de novas tecnologias de rede e suas disseminações, e, por último, a capacitação de recursos humanos na área de segurança de redes, gerência e roteamento.

Segundo dados da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, o comércio eletrônico no país movimentou 13,60 bilhões de dólares em 2010. Para os usuários de internet residenciais, a média de tempo online durante o mês de junho foi de 22 horas e 26 minutos, número maior que em outros países como França (19 horas e 34 minutos), Estados Unidos (19 horas e 05 minutos), Austrália e Japão (ambos com 17 horas e 55 minutos). Quanto à audiência na internet brasileira em 2010, o número de pessoas aproximado foi de 73,7 milhões, a partir de 16 anos, e 80,3 milhões a partir de 12 anos, conforme o IAB (Interactive Advertising Bureau). De acordo com dados do Ministério da Ciência e Tecnologia, dos 60 milhões de computadores utilizados, estima-se que 80,7% possuem acesso à internet em 2011.

3.3 O internetês: a linguagem dos internautas

O nascimento do internetês está atrelado ao surgimento da Internet, que emergiu no contexto sócio-histórico da tecnologia digital como veículo que oferece uma terceira forma de comunicação diferente da conversa face a face e da escrita, ao mesmo tempo em que agrega características de ambas, em uma linguagem com modificações e adaptações para melhor servir a seus usuários com interesses e objetivos em comum. Sendo assim, é possível afirmarmos que o internetês é a demonstração da criatividade de jovens internautas em inventar um código próprio para fins comunicativos, que reforça suas identidades e que se difere do português padrão utilizado no Brasil.

⁵¹ Sigla de Internet Protocol (IP). Protocolo responsável pelo roteamento de pacotes entre dois sistemas que utilizam a família de protocolos TCP/IP, desenvolvida e usada na Internet. Cada computador na Internet (chamado de host) tem pelo menos um endereço IP que o identifica exclusivamente na Rede. Dicionários - UOL Tecnologia. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/dicionarios/>>. Acesso em: 28 ago. 2011. 23:50:40.

É inegável que a disseminação da internet nas camadas mais altas da população brasileira, e em fase de popularização, vai criando uma nova forma de expressão, engenhosa, repleta de gírias, abreviaturas e palavras transpostas com significado claro, mas diferentes do registro formal da língua portuguesa. É assim que nascem os dialetos. (Fruet, Winch, Fagan, Zemolin, 2009, p. 102).

Este dialeto possui um caráter universal, ao quebrar as barreiras geográficas e culturais, com uma linguagem que, muitas vezes, só os ‘iniciados’ conseguem entender. Deste modo, os usuários que acessam as salas de bate-papo, os *blogs* e os *e-mails*, utilizando o português culto brasileiro, isto é, escrevendo textos com pontuações corretas e seus devidos acentos, acabam por revelar não pertencerem àquele grupo de internautas.

Diante disso, os diálogos nas salas de bate-papo são produzidos em uma linguagem informal e descontraída, em uma língua escrita usada como código e em uma língua falada usada como forma de expressão. Alguns exemplos práticos retirados de diálogos a seguir. *TC CMG* – tecla comigo; *C E ZICA CARA* – você é zica cara; *poriço que vc não viu* – por isso que você não viu; ou ainda *KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK* e *RSSRSRRS* que significam gargalhadas.

O princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos fonéticos. Isso se dá pela necessidade de tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal como é na língua falada. Isso resulta em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual. (Fruet, Winch, Fagan, Zemolin, 2009, p. 103).

Cabe aqui ressaltar que o internetês ainda está passando por alterações gráficas e, que, futuramente, pode se tornar mais padronizado. Por exemplo, as vogais, são quase dispensáveis, em virtude de algumas consoantes carregarem em si mesmas o som de vogal. Assim, *cadê* vira *kd*; ninguém *tonna-se* *ngm*; *depende* vira *dpnd*; fim de semana vira *vira fds*. Há também as palavras com transformação onomatopéica, como: *FALA AÍ SEGUNDA*

DIVISÃO. RSSRSRRS; affffff,lamentávelllllll; acordaaaaaaaaaaaaaaaaa 🙄;
lixo msms e outros vocábulos que simulam o choro e gargalhada como em
buáááááááá e hehehehehehe; hmmm.

Não podemos nos esquecer de outro componente da linguagem conhecido como emoticons, que são símbolos que representam a emoção de quem está se expressando, como exemplo, temos: *era seu irmao rs* 🙌; *-*:

oi; 😊; ok 🙄; 😞 oooooeee; 🍷🍷🍷

Vale lembrar que o internetês não é uma exclusividade da língua portuguesa, mas um fenômeno observado também em outros países, uma vez que a infra-estrutura de comunicações se desenvolveu na Ásia, na África, na América do Sul, refletindo a distribuição da presença linguística no mundo real. Desta forma, a Internet oferece espaço, não só para a língua inglesa, mas para todas as línguas do mundo, atendendo a um novo contexto de comunidades falantes que dispõem da tecnologia digital de *caráter multilíngue*. (Crystal, 2006, p. 96)

Outro aspecto para mencionarmos diz respeito às características desse dialeto que traz, por meio das conversas nas salas de bate-papo, a informalidade e a forma descontraída, próxima da linguagem coloquial, não obedecendo à norma culta da língua. Deste modo, é necessário esclarecermos que o internetês é diferente da língua escrita e da língua oral, embora possua semelhanças entre a escrita e conversa face a face. Por isso não temos ainda uma classificação específica, por ser recente e por se constituir de uma mistura de ambas. Trata-se de um *gênero híbrido*.

Para concluirmos, temos observado que o internetês tem dividido opiniões entre os especialistas acerca de suas mudanças e de sua propagação nos meios virtuais. Para o professor universitário Deonísio da Silva, é preciso fazer uma defesa da norma culta da língua portuguesa que segundo ele é *assassinada a tecladas*. Compartilhando da mesma posição, há os fragmentos

no texto de Jerônimo Teixeira (*apud* Fruet, Winch, Fagan, Zemolin, 2009, p. 106), ao defender que *a palavra escrita nunca foi usada tão intensamente antes, embora sofra ataques deformadores diários nos blogs e chats.*

Por outro lado, os linguistas, defendem que a escrita cibernética é mais uma forma de comunicação, pois, de acordo com Orlandi (*apud* Fruet, Winch, Fagan, Zemolin, 2009, p. 106), *os jovens estão crescendo nessa linguagem funcional. Se eles usam um meio eletrônico é porque querem ser rápidos. Não vejo perigo.* De forma semelhante, Lajolo (*apud* Fruet, Winch, Fagan, Zemolin, 2009, p. 106) acredita que a nova escrita na internet esteja promovendo um surto de políglotas, pela capacidade de os jovens se expressarem de maneiras diferentes conforme a situação, o contexto.

Assim, a linguagem está em constante processo de transformação, não representando, em nenhum momento, ameaça à língua, mas alterações, conforme mudanças no contexto histórico, social e cultural e conforme o modo que cada indivíduo elabora sua expressão.

3.3.1 Uma linguagem diferente da conversa face-a-face

Embora haja situações digitais mais próximas e semelhantes de uma conversa face-a-face, como é o caso das salas de bate-papo e e-mails, é possível encontrarmos diferenças fundamentais entre a CMC (comunicação mediada por computador) também chamada *internetês* ou *netspeak* e uma conversação face-a-face. A primeira delas está relacionada a uma consequência da própria tecnologia – a ausência de um retorno simultâneo - que impede as pessoas de ouvirem umas as outras e trocarem olhares entre si, ou ainda, de reagirem e de se comportarem com os seus interlocutores, conforme os estímulos audiovisuais.

É importante salientarmos que o êxito de uma conversa depende de os participantes fornecerem retorno imediato um ao outro, utilizando os movimentos do corpo, da cabeça, dos olhos e da boca (sorrisos) em conjunto com uma variedade de vocalizações como *ahã, é, claro, hum, ah*, que servem

para informar o locutor acerca de seu desempenho numa conversa, evitando, possivelmente, que esta se torne formal e artificial, pouco motivadora e cansativa.

Tal diferença entre a conversa face-a-face e o internetês torna a interação pelo bate-papo, por meio das mensagens, completa e unidirecional, uma vez que não se pode reagir à mensagem enquanto ela está sendo digitada, pelo motivo óbvio de que o interlocutor não tem conhecimento do encaminhamento da mensagem enquanto o texto não chega. Ademais, não há como o locutor saber sobre a eficiência de sua mensagem no momento que a escreve – se vai haver compreensão ou se vai haver necessidade de correções. Por isso, tais características já tornam as mensagens digitais muito diferentes da conversação no “mundo real”.

A segunda diferença está relacionada às limitações temporais da tecnologia como, por exemplo, o ritmo de uma interação na Internet - mais lento que numa situação de fala, invalidando algumas características (propriedades) da conversa. Nos e-mails e grupos de bate-papo não-sincrônicos, o retorno a um estímulo pode levar segundos ou meses. Desta forma, o ritmo da troca está atrelado a alguns fatores como o computador do usuário receptor, a velocidade da conexão, a personalidade e os hábitos do usuário, a frequência com que responde suas mensagens, e por último, o contexto dos interlocutores (acesso ao computador).

Além disso, o tempo de espera ou *lag* – termo de origem inglesa que se refere a atrasos que podem ocorrer na comunicação entre computadores, podendo ser ampliado a outras situações como a comunicação via satélite - é um fator significativo em muitas situações como a incerteza em relação ao intervalo entre o envio da mensagem e seu recebimento. Como exemplo, o efeito *lag* pode ser verificado, quando vemos um jornalista no exterior, ao vivo, levando algum tempo para responder as perguntas que lhe são feitas do estúdio.

Assim sendo, mesmo as interações mais rápidas da CMC não são capazes de acompanhar a velocidade e a previsibilidade de uma conversa por telefone ou face-a-face. Os obstáculos relacionados ao *lag* tornam as interações nas salas de bate-papo muito diferentes de seus similares comunicativos convencionais, causando certa frustração na cadeia comunicativa para os participantes - emissor e receptor.

Desse modo, para Crystal (2006, p. 83), *as estratégias linguísticas que expressam nossas trocas em conversas face a face são muito menos confiáveis em grupos de bate-papo*, devido a razões técnicas que podem gerar ambiguidades, silêncios inesperados em uma conversa podendo ser traduzidos como distrações do próprio usuário com o mundo real-virtual ou uma simples ausência sua na frente do monitor ou ainda por não querer responder.

Encontramos também diferenças fundamentais entre a CMC e a conversa face-a-face, referentes às questões de retorno e de turnos de fala. A diferenciação está baseada nas propriedades formais de veículo – *tão acentuadas que se tornam difíceis para as pessoas seguirem a recomendação de que devem “escrever como falam”*. Crystal (2006, p. 85). Destas, a principal propriedade está no controle do *tom de voz*, “não é o que se diz, mas a forma como se diz” – variações vocais em torno da entonação, da ênfase, na velocidade, no ritmo, na pausa, entre outros efeitos.

Claro que várias tentativas vêm sendo utilizadas com o propósito de substituir o tom de voz na tela, como por exemplo, a utilização exagerada de ortografia, pontuação, letras maiúsculas, espaçamento e símbolos (recursos imagéticos) para o destaque. Para exemplificar, notamos a utilização de letras repetidas (*aaaaahhhh, claaaaro*), sinais de pontuação repetidos (*quem????, ei !!!*) e certas convenções para expressar destaque (como na palavra **verdadeira* questão*). Tais características procuram criar certa expressividade, no entanto a quantidade de significados transmitidos por elas é insuficiente e se restringem a noções grosseiras como o excedente de ênfase, da surpresa e da perplexidade. Assim sendo, variações menos exageradas não são possíveis de serem representadas.

Tal carência de características da expressividade ainda pode ser observada no modo como a CMC necessita de expressões faciais, gestos e convenções de postura corporal que são tão essenciais para a manifestação de opiniões e atitudes pessoais e para a moderação dos relacionamentos sociais. Deste modo, para sanar uma limitação da *netspeak* em seu início, foram introduzidos os *smileys* ou *emoticons* que são combinações de caracteres do teclado, organizadas para mostrar uma expressão facial de emoção. Os dois modelos básicos demonstram emoções positivas e negativas e a ausência do nariz pode significar somente uma questão de velocidade da digitação ou gosto pessoal.

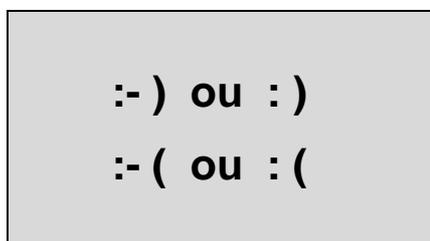


Fig. 12 - Smileys ou emoticons

Fonte: Crystal (2006)

É importante reconhecermos que os *smileys* são extremamente engenhosos, artísticos e úteis, porém grosseiros, na medida em que procuram capturar algumas das características básicas da expressão facial. De todo modo, podem ajudar a prevenir impressões equivocadas oriundas das intenções do emissor. Ao olharmos uma expressão facial em sua individualidade, temos uma infinidade de interpretações (felicidade, diversão, humor, deleite, simpatia, piada, entre outras) que somente perdem sua ambiguidade, caso venham acompanhadas de um contexto verbal. Sem a devida precaução, podem nos levar a fazer interpretações equivocadas, como, por exemplo, num sorriso que acrescentamos a uma fala contrariada. É possível que o sorriso tome uma direção errada.

O aparecimento dos *smileys* nas interações por e-mail ou em salas de bate-papo mostra a natureza sem fala do veículo que os usuários estão participando. Para Crystal (2006, p. 86), *os smileys se expandiram como forma de se evitar as ambiguidades e as percepções errôneas que surgem quando se*

faz a linguagem escrita carregar o peso da fala. Neste sentido, é possível observarmos um distanciamento entre o *netspeak* e a linguagem escrita. Embora haja esforços consideráveis da comunicação mediada por computador para indicar expressões faciais e tons de voz. Futuramente, o aperfeiçoamento da tecnologia interativa permitirá que outros participantes sejam vistos e ouvidos enquanto falam, de modo que algumas dessas limitações serão extintas. Assim sendo, vale lembrar que algumas propriedades do meio eletrônico nos capacitam a utilizar a língua de uma forma diferenciada da fala tradicional.

3.3.2 Uma linguagem diferente da escrita

Se o *internetês* - como linguagem revelada pela CMC – não possui as mesmas propriedades da fala, é possível que ele mantenha algumas características da escrita? Em primeiro lugar, consideremos o caráter limitado do espaço da escrita tradicional, isto é, sua imobilidade e permanência na página que a torna invariável no sentido de que, se voltarmos repetidas vezes a ela, encontraremos o mesmo texto, sem alteração em caráter gráfico. Sendo assim, podemos constatar de imediato que a comunicação mediada por computador não é como a escrita convencional, pois uma “página” na web possivelmente varia conforme cada busca, cada atualização, mudança de patrocinador ou ainda uma mudança do projeto gráfico com novas características.

Esta escrita não é necessariamente estática em consequência das opções técnicas acessíveis que dão ao texto mobilidade na tela para desaparecer, reaparecer, mudar de cor e assim por diante. Outras possibilidades existem, do ponto de vista do usuário, como, por exemplo, interferir no texto de vários modos que não estão disponíveis no texto tradicional. Quando uma página é baixada para a tela do usuário, é possível ter seu texto com cortes, acréscimos revisões, anotações e até mesmo uma reestruturação, de modo que o resultado pareça vir da mesma fonte que o original.

Tais fatos têm causado preocupação nos responsáveis pelas questões de propriedade, direitos autorais e falsificação. Há também outras situações da Internet que revelam distinções da escrita tradicional em relação à restrição do espaço. Os e-mails são inicialmente imóveis e permanentes, porém, apagá-los com frequência é um comportamento esperado, no intuito de facilitar o seu gerenciamento. Ademais, é possível ainda modificar eletronicamente as mensagens com uma facilidade e impossibilidade de detecção que não são possíveis de serem alterados na escrita tradicional.

Talvez uma das mais importantes características observadas na comunicação mediada por computador e que a torna mais distante do texto convencional seja o link do *hipertexto*⁵², um salto que os leitores podem dar de uma página ou site para outro. Xavier (2006, p. 171) entende o hipertexto como *uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade*. Para Crystal (2006, p. 88).

Ele é a propriedade funcional mais importante da web, sem a qual o veículo não existiria, e encontra paralelos em algumas das convenções do texto escrito tradicional. O uso de notas, por exemplo, é um tipo de link de hipertexto primitivo, que faz o olho se mover de um pedaço da página para outro, ou de uma página para outra (se as notas estiverem reunidas no final do livro, como no presente volume).

Outro exemplo de hipertexto primitivo são as citações bibliográficas ou referências cruzadas, como, por exemplo, ('ver p.88'), mas é evidente que tais características são exceções da linguagem escrita tradicional, pois é possível facilmente recordarmos de textos que não possuem nenhuma nota ou citação. Ao contrario dos textos da web que não poderiam existir sem seus links de

⁵² Organização de unidades de informação por meio de associações interligadas. Um documento de hipertexto possui ligações (links) para diversas partes do mesmo documento ou para documentos diferentes. As ligações normalmente são indicadas por meio de uma imagem ou texto em uma cor diferente ou sublinhado. Ao clicar na ligação, o usuário é levado até o texto interligado. O hipertexto foi o principal conceito usado na criação da Web, que pode ser descrita como um enorme pacote de informações interconectadas por ligações de hipertexto. Dicionários – UOL Tecnologia. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/dicionarios/>>. Acesso em: 27 ago. 2011. 22:23:20.

hipertexto. Deste modo, é possível verificar que a linguagem escrita tradicional não possui a flexibilidade e centralização dos links de hipertexto na Internet.

Em relação às interações de e-mail e de grupos de bate-papo, em que ocorre certa pressão proveniente da necessidade da comunicação rápida e dinâmica, carente de uma planejada e elaborada construção identificada com a escrita tradicional não pode ser encarada como uma categoria revolucionária. O que vemos é uma interação de pessoas felizes que valorizam o dinamismo, enviando mensagens sem nenhuma revisão, com erros de digitação, ausência de pontuação e outras inadequações resultantes da pressa ou de uma deficiência em digitar textos. Todavia, tais ocorrências raramente interferem no entendimento dos usuários que procuram ser mais ousados - principalmente aqueles com menos idade - para assim, despertarem atenção no grupo.

Dessa forma, o *netspeak* é mais assimilado como uma linguagem escrita direcionada à fala do que uma linguagem falada que foi escrita. Contudo, pensar numa convencional dicotomia é um equívoco, pois a comunicação mediada por computador não é igual à modalidade oral ou à modalidade escrita, mas carrega certas propriedades seletivas e adaptáveis existentes nas duas formas. Por outro lado, ela também realiza coisas que não estão presentes nos dois meios, oferecendo novos desafios na administração das informações. Como exemplo, consideremos a *persistência* de uma mensagem conversacional em sala de bate-papo que permanece na tela por um período de tempo, antes mesmo da chegada de outras mensagens que a façam subir e desaparecer na tela.

Esta propriedade de comunicação não está disponível na fala, pois, o usuário, ao entrar na conversa depois de uma contribuição, ainda pode vê-la, fazer uma reflexão e reagir sobre ela. No entanto, se compararmos com texto tradicional, essa persistência tem uma duração relativamente curta. Cabe também observarmos que os sistemas fornecedores de arquivos de mensagens na ordem em que foram constituídas e recebidas pelo servidor podem ver uma conversa que já foi finalizada ou ainda buscar um tópico com tema específico

diferentemente do que ocorre numa conversação face a face (não gravada) bem como o índice convencional dos livros.

O *netspeak* pode ser visto como uma nova espécie de comunicação, no sentido de não somente agregar características da fala e da escrita, mas também por fazer certas coisas que nenhum dos dois fazem. Muito além de seu caráter híbrido de fala e de escrita, ele resulta da aproximação entre dois veículos existentes há muito tempo. Assim sendo, os textos eletrônicos não podem ser comparados com outras formas de textos, pois exibem alguns aspectos como a fluidez, a simultaneidade (ao estarem à disposição de um número incalculável de máquinas) e a não degradação com cópias.

Ainda conseguem transcender as limitações já conhecidas de propagação do texto e possuem fronteiras porosas, mais acessíveis (devido ao modo como um texto pode ser integrado a outros textos por meio dos links. Por isso, alguns desses recursos apresentam efeitos para a língua, e esses são combinados com outros recursos referentes à fala e à escrita, tornando assim o *netspeak* um verdadeiro “novo veículo” de comunicação.

3.3.3 Os efeitos de um novo veículo dentro de uma língua

As consequências linguísticas oriundas de um novo veículo de comunicação vem em dose dupla. A primeira delas é quando o meio inicia uma mudança no caráter formal das línguas que fazem uso desse novo meio e a segunda é quando o meio oferece novas oportunidades para que as línguas o utilizem. Das duas, a primeira tem ganhado um maior destaque por conta do tipo de linguagem encontrado na Internet e nas tecnologias próximas a ela, como a telefonia móvel (telefones celulares).

A suposta falta de respeito pelas convenções da língua escrita tem assustado alguns estudiosos mais conservadores, que enxergam tal fenômeno como indício de deterioração dos padrões. Para exemplificar, temos as mensagens de texto citadas como um problema à parte e uma preocupação com as crianças do futuro que perderão a capacidade de escrever conforme as

regras gramaticais. Todavia, o hábito dos mais jovens abreviarem palavras nas suas mensagens, utilizando a técnica denominada *rébus*⁵³ como em (v'6s= vocês) ou ainda na língua inglesa (b4 *before*=antes), as abreviações (tb, tbn ou tbém=também) e indicações fonéticas (blz=beleza) não é recente.

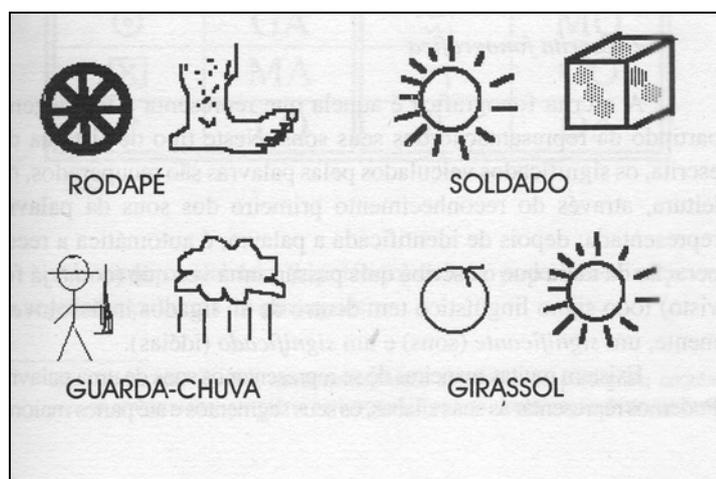


Fig.13 – Técnica rébus

Devemos lembrar que as pessoas usam esses recursos há tempos e jogos de rébus são encontrados em revistas de palavras cruzadas. Na verdade, essas abreviações servem para satisfazer as necessidades de se produzir um texto econômico em uma tela com limite de caracteres e ao desejo dos jovens de pertencerem a um grupo, mesmo porque esses recursos perdem seu propósito quando ficam distantes do contexto da tecnologia, seja o telefone celular ou o computador. Conforme Crystal (2006, p. 92).

O fato de que alguns garotos possam começar a usar suas abreviações em lugares onde elas não têm qualquer propósito – como em redações escolares – deve ser vigiado, naturalmente. Mas é isso que a escola precisa fazer. Tem sido um princípio do ensino moderno de língua – seja estrangeira ou língua materna – inculcar nas crianças um senso de responsabilidade e propriedade linguísticas. E as crianças precisam ser ensinadas – se não

⁵³ (Do latim: RES “coisa”; REBUS= “pelos coisas”). Embora o nome *rébus* não seja familiar, as brincadeiras com este tipo de escrita podem ser encontradas em muitos livrinhos infantis e suplementos infantis de jornais, principalmente em “cartas enigmáticas”. (Massini-Cagliari, 1999, p. 25).

desenvolverem essa intuição espontaneamente – que as abreviações nas mensagens de texto desempenham uma função útil, onde o espaço é pequeno e a rapidez um fator crítico, mas não em outros lugares.

O temor de que as abreviações usadas pelos jovens possam invadir os textos escolares chega a ser desnecessário, se considerarmos que há discernimento entre os alunos sobre as duas possibilidades de produção escrita, a primeira mensagem com texto abreviado, simplificado e empregado na web (nas redes sociais) e nos telefones celulares, produzido para uma determinada situação e com propósito relevante em seu meio, que, por sua vez, se contrapõe à segunda mensagem, elaborada para fins acadêmicos e produzida de acordo com a norma padrão da língua.

Há também variações no sistema de escrita dos adultos, assim como dos jovens, em seus e-mails, utilizando um sistema muito reduzido, com ausência de contraste tipográfico como, por exemplo, nas três características a seguir: *o predomínio do tipo minúsculo* em muitos locais: nos e-mails e nos grupos de bate-papos, recebendo frases inteiras sem letra maiúscula para marcar o início de sentenças e nomes próprios; *uma pontuação minimalista*, completamente ausente em alguns e-mails e grupos de bate-papos, variando muito da característica de quem escreve, enquanto uns usuários seguem a manutenção da pontuação tradicional; outros a utilizam quando necessário, para evitar ambiguidade e alguns não a usam, ou em virtude da velocidade de digitação ou por não perceberem que um dos efeitos pode estar na ambiguidade e, por último, *a prática da ortografia*, que torna a escrita diferente em sua grafia, fora dos padrões, altamente condenada pelos críticos, que defendem uma escrita tradicional. Em muitos casos, os erros de ortografia em um texto na web (email ou chat) não são um indicativo de falta de escolaridade (embora possam ser), mas como efeito de uma digitação imprecisa, resultante de uma “conversa”.

Tais variações resultam de uma nova tecnologia revolucionária de comunicação, ao trazer novas convenções para o meio. Vale lembrar que, ao

longo da história, com o surgimento de outras tecnologias o mesmo ocorreu. Quando apareceu a primeira máquina tipográfica de impressão também conhecida como prelo criado por Johann Gutenberg que em 1450 adaptou a prensa utilizada na produção de vinho para uma máquina impressora. Desta forma, novas manifestações da língua escrita apareceram, incluindo novos padrões de *layout*⁵⁴ e pontuação e ainda uma padronização gradual da ortografia.

Do mesmo modo, o aparecimento do telefone trouxe novas convenções de interação discursiva, por exemplo, (dizer alô para atender a chamada, especificar ou confirmar o número). Ou, ainda, quando a radiodifusão iniciou suas atividades, houve uma imensa diversificação da língua falada, no que resultou em um modo peculiar para fazer a previsão do tempo e para fazer os comentários esportivos. E nos dias de hoje, o mesmo fenômeno ocorre com a Internet, *na qual a tecnologia motivou desde o início novos tipos de expressão*. Crystal (2006, p. 93).

Por exemplo, os usuários, familiarizados com a web, acostumados com o uso indiscriminado de letras minúsculas interpretam as mensagens escritas com letra maiúscula como gritos. Por isso, textos no modo caixa alta, assim como asteriscos e espaçamento, são evitados, por acrescentarem uma ênfase extra e por infligirem uma convenção já estabelecida na rede. Outro fenômeno observável é uma utilização maior de símbolos que não pertencem ao sistema de pontuação convencional, como o #. Há também as estranhas combinações, envolvendo sinais de pontuação como (para expressar pausa) reticências (...), hífen repetidos (- - -), o uso seguido de vírgulas (,,,) ou simplesmente o excesso.

Outro fenômeno observável é uma utilização maior de símbolos que não pertencem ao sistema de pontuação convencional, como o #. Há também as estranhas combinações, envolvendo sinais de pontuação como (para

⁵⁴ Esboço de anúncio que é submetido à aprovação do cliente, com indicação da forma e disposição de seus elementos visuais mais importantes (títulos, mancha do texto, ilustração etc). Dicionário Houaiss. Editora Objetiva.

expressar pausa) reticências (...), hífens repetidos (- - -), o uso seguido de vírgulas (,,,) ou, como consequência de ênfase e atitude, uma utilização excessiva na pontuação (!!!!!!!) e (\$%!.).

É pertinente lembrarmos que a Internet contribuiu com novos vocábulos provenientes do uso global da língua inglesa, oferecendo um grande número de palavras e expressões necessárias para atender a demanda de situações, operações, atividades e grupos restritos ao mundo virtual, *tornando esse um dos mais criativos domínios lexicais do inglês contemporâneo*. Crystal (2006, p. 94).

Acrescentamos que processos análogos ocorram com outras línguas, pelo menos com aquelas que estão presentes na Internet. Além disso, o inglês, como língua universal da Internet, não pode ser credenciado como língua 'oficial', uma vez que, em grande parte, a internet não é regulamentada, com exceção de alguns países, como a China, que exercem um forte controle (censura) na rede. Para Fischer (2009, p. 268).

Alguns alegam que o Inglês domina a internet devido ao 'imperialismo' econômico e político dos países de língua inglesa. Porém, o inglês prevalece na internet porque ela é a criação de países que falam o inglês e porque, no início do século vinte e um, o inglês é o idioma mais popular como segunda língua do mundo. O fato de a internet ter evoluído dentro de um meio que conta principalmente com a língua inglesa foi uma circunstância histórica, e não arquitetada.

Para Fischer (2009), o predomínio do inglês na Internet se deve ao fato desta ter sido criada por um país de língua inglesa e por ser a segunda língua ou língua adicional para muitas pessoas. A circunstância histórica a que o autor faz menção é, provavelmente, a do período da Guerra Fria⁵⁵, que

⁵⁵ Expressão empregada para caracterizar estado de constante hostilidade nas relações internacionais entre países sem assumir a forma de conflito aberto ou de luta propriamente dita. A designação assumiu particular relevo a partir de 1948, por força do agravamento do antagonismo político entre os Estados Unidos e a União Soviética. A guerra fria começou a definir-se após a segunda guerra mundial quando, aos poucos, se formou um clima de tensão inspirado fundamentalmente nas posições ideológicas de cada uma dessas potências.

propiciou a criação de uma rede de comunicações conhecida como ARPANET⁵⁶, cuja posse permaneceria nas mãos de militares e acadêmicos por muitos anos, para só depois, dar origem à rede mundial de computadores, com a presença do grande público.

É fato que a Internet, o e-mail e os newsgroups (grupos de discussão) afetam de forma ativa o vocabulário das línguas em todo o mundo. A língua inglesa adicionou uma quantidade considerável de itens lexicais a seu vocabulário – ou ampliou o sentido de palavras mais antigas – até então desconhecidas: *bit* (dígito binário), *browser* (um software projetado para o usuário, utilizado para o exame de recursos da internet), *clicar* (utilizar o ‘mouse’ para acesso de sites), *cyberespaço* (série de recursos de informações acessíveis na internet), *e-mail* (mensagens que os usuários mandam uns aos outros), *hipertexto* (qualquer texto que possua ‘links’ para outro texto), *modem* (de *modulador*, *demodulador*, o dispositivo que conecta o computador a uma linha de telefone e permite a comunicação entre computadores) entre outros. Assim sendo, grande parte dos países modernos está emprestando esses vocábulos oriundos da língua inglesa para o idioma local.

Em breve, veremos sistemas de reconhecimento de voz, permitindo ao usuário falar diretamente com um computador e obter uma resposta vocal, possivelmente veremos a realização de traduções simultâneas e, na presente data, já é possível constatar um número cada vez maior de pessoas com envolvimento e dedicação cada vez maiores com a escrita, em lugar da fala. Esta é a realidade para estudantes, funcionários de escritórios, jornalistas, editores, escritores, pesquisadores, programadores, bolsistas universitários, entre outros.

Na Idade Média, somente os escribas eram encontrados em seus escritórios localizados nos conventos. Entretanto, nos dias de hoje, no mundo

⁵⁶ Sigla de Advanced Research Projects Agency Network. Rede criada em 1969 pela ARPA (atualmente Defense Advanced Projects Research Agency ou DARPA) em consórcio com as principais universidades e centros de pesquisa dos Estados Unidos. Dicionários - UOL Tecnologia. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/dicionarios/>>. Acesso em: 29 ago. 2011. 22:31:10.

desenvolvido, um número maior de residências possuem um computador, tornando a vida dos homens mais centrada e mais restrita aos textos eletrônicos e às redes sociais de relacionamento, tornando a interação imediata - face a face - mais distante. Surge um tipo de linguagem baseada no contato superficial: *uma 'língua escrita oral'*, que também mudará com a evolução da nova tecnologia. Fischer (2009, p. 270).

CAPÍTULO IV

O EMOTICON NOS DIÁLOGOS DO CHAT: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL COM A ESCRITA IDEOGRÁFICA

4.1 Novos caminhos para a escrita

No mundo das telecomunicações e da informática, novos caminhos para o pensamento e para a convivência estão sendo elaborados. Na verdade, a relação do homem com o trabalho e com a inteligência depende *da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos*. Lévy (1993, p. 7).

Vemos uma informática avançada absorvendo a escrita, a leitura, a visão, a audição, a criação e a aprendizagem do homem. Também vemos a inviabilidade na concepção de a pesquisa científica sem o auxílio de uma aparelhagem complexa que permite a redistribuição das antigas divisões entre a experiência e a teoria.

Por isso, é cabível pensarmos que no final do século XX e início do século XXI emerge um meio de comunicação, de pensamento e de trabalho para as sociedades denominado *ciberespaço*, atrelado à nova configuração de *tecnologias intelectuais* associadas a um contexto histórico, político, econômico e social que influencia a maneira do homem conhecer o mundo, a forma de representar seu conhecimento e transmiti-lo por intermédio da linguagem.

É pertinente destacarmos que o homem, ao longo de sua trajetória, no propósito de suprir suas necessidades, sempre procurou recursos (instrumentos) para facilitar seu cotidiano. Por exemplo, à medida que os cálculos ficavam complexos, novas ferramentas eram criadas, de modo que se pode afirmar que, entre a modernização da sociedade e as mais recentes tecnologias, há uma forte relação recíproca ou de causa e efeito.

No que se referem às mais novas tecnologias, na década de 1970, mais precisamente no ano de 1975, testemunhamos a fundação da maior rede mundial de informática, a Microsoft pelos adolescentes Bill Gates e Paul Allen. No fim da década de 1980, no ano de 1989, vimos Tim Berners-Lee criar a *World Wide Web* (WWW), que deu origem à Internet. Depois disto, vemos frequentes lançamentos de sistemas operacionais, novos *hardwares* e *softwares*, novas linguagens, novas “ondas” na sociedade de hoje.

Tais eventos disseminaram a mídia e a multimídia, e, a partir disso, assistimos a incessantes lançamentos no setor de computação, de programação, e em especial da comunicação, provocando como consequência, um círculo vicioso de consumismo. Assim sendo, no cenário atual, há uma dominação das culturas globalizantes e do comércio de ilusões, que são consumidos por uma multidão em busca de facilidades para seus afazeres cada vez mais mecanizados. Para Lévy (1993, p. 8).

O século XX só elaborou reflexões profundas sobre motores e máquinas operatrizes, enquanto que a química, os avanços da impressão, a mecanografia, os novos meios de comunicação e de transporte, a iluminação elétrica transformavam a forma de viver dos europeus e desestabilizavam os outros mundos. O ruído dos aplausos ao progresso cobria as queixas dos perdedores e mascarava o silêncio do pensar.

Não há dúvida de que as novas tecnologias contribuíram para facilitar a comunicação e a interação das pessoas. Tais inovações tiveram como antecessores os livros, o telégrafo, o cinema, o rádio, o telefone, a televisão, os jornais, os museus e o computador que colaboraram para que esse acontecimento intersemiótico ocorresse nos dias de hoje.

Na Internet, os usuários podem inserir seus textos, fotos, imagens, sons e participar de uma comunicação em tempo real com diversos usuários e em espaços variados. Com isso, apareceu um segmento de empresa que oferece acesso a muitos usuários, os *cybers*, ambientes de jogos e entretenimento, que são frequentados por crianças, jovens e adultos.

O ambiente virtual trouxe a integração das pessoas ao mundo, por intermédio de viagens virtuais, da interação virtual em tempo real pela *WebCan*⁵⁷, escrita e fala, simultaneamente, pelo *Skype*. Há, portanto, mais qualidade, mais rapidez na interação e na procura de informação, conhecimento e entretenimento, um aumento gradual da eficiência na prestação de serviços oferecidos pelas lojas virtuais.

Não podemos nos esquecer de o conjunto de gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital que são *relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita*. Para Marcuschi (2005, p. 13).

Em certo sentido, pode-se dizer que, na atual sociedade da informação, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Se bem aproveitada, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las, mas ainda não sabemos como isso se desenvolverá.

Vale lembrarmos que a Internet reuniu em um só ambiente as interfaces hipermídia, hipertexto e multimídia que mudaram o modo de ler, construir e interpretar textos, em uma relação entre tecnologia e cultura. Vale também lembrarmos que a Internet está disseminada na sociedade, disponível em todo meio social: na escola pública, na universidade, no trabalho e na rua. Assim sendo, é o maior e mais importante veículo de comunicação e informação que surgiu desde a implantação da televisão.

Deste modo, dando prosseguimento ao presente trabalho, veremos a seguir o gênero chat emergente da mídia digital que desenvolve uma conversa em tempo real e que resulta de uma transmutação do diálogo cotidiano.

⁵⁷ Qualquer câmera de vídeo usada para transmissão de imagens via Internet. São geralmente câmeras portáteis e de baixo custo. Dicionários – UOL Tecnologia. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/dicionarios/>>. Acesso em: 27 ago. 2011. 21:12:50.

4.2 O chat como gênero emergente no meio virtual

O estudo dos gêneros textuais não é recente e vem sendo tratado desde a década de 1960 com o aparecimento da Linguística de Texto, da Análise Conversacional e da Análise do Discurso. Entretanto, focaremos nosso trabalho, no gênero textual no domínio da mídia eletrônica, gênero chat (bate-papo).

Carolyn Miller (1994, p. 71) vê o gênero como função social e como um constituinte específico e importante da estrutura comunicativa da sociedade, de modo a constituir relações de poder bastante marcadas, em especial dentro das instituições. Neste sentido, o gênero reproduz as estruturas de autoridade e as relações de poder que podem ser verificadas, por exemplo, no dia-a-dia na escola, na empresa ou associação de bairro. Marcuschi (2005, p. 16).

Observe-se o caso da vida acadêmica e veja-se quem pode emitir um parecer, dar uma aula, confeccionar uma prova, fazer uma nomeação, defender uma tese de doutorado e assim por diante. Os gêneros são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural. Contudo, os gêneros não são categorias taxionômicas para identificar realidades estanques.

O contexto da mídia eletrônica interfere na sociedade e, ao mesmo tempo, cumpre seu papel, ao oferecer novas formas comunicativas ligadas às tecnologias. Contudo, não podemos nos iludir com a suposta novidade trazida por alguns gêneros emergentes dos ambientes virtuais, como, por exemplo, a mensagem eletrônica (e-mail) e o bate-papo (chat) que podem ser vistos simplesmente como novas versões de meios já estabelecidos como a carta pessoal e a conversação espontânea realizada face a face, porém com suas próprias formas distintas da carta e da conversa. Para Marcuschi (2005, p. 19).

O fato incontestável é que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som. Por outro lado, a ideia que hoje prolifera quanto a haver “uma fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se

nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com acúmulo de representações semióticas.

Destes eventos textuais que emergiram da Internet e fundamentalmente são ligados à escrita, apresentamos o chat ou o bate-papo virtual em tempo real que surgiu na Finlândia no final da década de 1980, quando Jarkko “WIZ” Oikarinen escreveu o primeiro IRC (Internet Relay Chat), na universidade de Oulu, com o propósito de estender os serviços dos programas BBS (os e-mails da época) para se comunicarem em tempo real. Conforme palavras de Jarkko, “o nascimento do IRC se deu em agosto de 1988”. No começo, somente funcionava na rede pessoal de Jarkko denominada **tolsun oulu.fi**.

Em novembro do mesmo ano, depois de contatos com amigos norte-americanos, o novo serviço já estava ligado à Internet. No ano seguinte, já havia 40 servidores interligados pelo IRC em todo mundo, porém sujeitos a acessar com senhas e identificação pessoal. Isto mudaria em agosto de 1990 com o surgimento da **A-net (Anarchy net)** que autorizava o acesso a todas as pessoas sem a necessidade de senha. Para Marcuschi (2005, p. 43).

Desde então, os programas de bate-papo (chats) proliferaram a números espantosos. O certo é que um programa para comunicação limitada entre indivíduos que se conheciam cresceu e em menos de uma década tornou-se um dos gêneros mais praticados da civilização digital. Estima-se serem hoje mais de 100 milhões as pessoas diariamente interconectadas nos bate-papos pela Internet.

Vale lembrarmos que há vários tipos de chats como o chat em salas abertas, o chat *reservado*, o bate-papo ICQ *agendado* ou *agendável* (I Seek You), o chat em *salas privadas*, a *entrevista com o convidado*, os e-mails *educacionais (aulas virtuais por e-mails)*, aulas chat (o chat educacional), o vídeo conferência interativa, entre outros. O presente trabalho não pretende aqui tratar desses gêneros, mas daremos uma atenção especial à *sala aberta de bate-papo*.

O ingresso nesta sala se dá pela **seleção da sala** em que o usuário pretenda frequentar. Hoje em dia é possível escolher uma determinada sala, de acordo com interesses específicos. Há salas classificadas:

- a) Por idade (distribuídas por faixas etárias);
- b) Por cidades e regiões;
- c) Por temas;
- d) Para encontros;
- e) Para imagens eróticas ou outras;
- f) Por interesses específicos;
- g) Para bate-papos com convidados especiais.

Em seguida, é preciso que o usuário faça a **escolha do apelido**. Um breve exame realizado nos bate-papos virtuais mostra que os usuários dificilmente apresentam o nome verdadeiro, mantendo uma relação de desconhecimento pessoal caracterizada pelo anonimato mantido pelos *nicknames* (*apelidos, nomes de fantasia*) utilizados pelas pessoas.

Este anonimato gera repercussões relacionadas à natureza da construção da identidade e administração das faces e cria uma característica que distingue os grupos de bate-papo síncronos. Para Crystal (2001, p. 166), o *anonimato do meio é um dos traços mais interessantes que conduz da lingüística para a psicologia social*. Assim, essas verdadeiras “máscaras” possivelmente podem ter variações com enorme rapidez e o mesmo usuário pode acessar a sala com nomes variados e até personalidades variadas, o que representa uma diversidade e volatilidade das identidades sociais.

Tais nomes assumem diferentes formatos e possivelmente forneceriam um vasto material para uma pesquisa, devido à variedade e à imaginação (ou ausência dela) dos participantes quanto às escolhas de seus nomes com grande apelo ao sexo. A seguir alguns exemplos de *nicknames* de participantes de bate-papos virtuais.

Solteira, SEPARADO SP 41, Rodrigo33, Bombeiro, CAVALONA, RomanticoTeEspera, BonitoLegalSafado, gardenal, policial Civil 34h, Zeca- abc -Corintiano TARADO, Daniele gata d pantufa, Chupo Piriquitão, XupadorDeXoxota, JaponêsSolitárioSP, SPARRTACUS, julio 1;92/30, gato x coroa, Gatu Nu Teiadu!!!, GREEN HOUSE, EXCITADOPORSEIOS, já fui enrolado!!!, Sagitário Dotado, submisso AMA pés**, Dr.Timido, JARARACA DE CLASSE, H ZL, Um Feio Qualquer, Casado só, menina mulher, Negro46SP...msn, amandaSOLTEIRA

4.3 Concepção de emoticon

O emoticon é uma forma de comunicação de natureza paralinguística⁵⁸, derivada da união dos seguintes termos da língua inglesa: *emotion* (emoção) e *icon* (ícone). É uma imagem que traduz ou pretende traduzir o estado psicológico e emotivo de quem o emprega, por intermédio de ícones⁵⁹ ilustrativos de uma expressão facial. Os emoticons são empregados nas comunicações escritas de programas de mensagens como e-mails, MSN Messenger⁶⁰ e Skype. Alguns exemplos.

:) =) :]	Sorrindo
:-(Triste

⁵⁸ Paralinguística é a parte da linguística que estuda os aspectos não-verbais que acompanham a comunicação verbal. Em outras palavras, é o estudo da paralinguagem. Estes aspectos incluem o tom de voz, o ritmo da fala, o volume de voz, as pausas utilizadas na pronúncia verbal, e demais características que transcendem a própria fala. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Paralingu%C3%ADstica>>. Acesso em: 28 ago.2011. 23:50:31.

⁵⁹ A palavra ícone vem do Grego "eikon" e significa imagem, já na informática ícone é um pequeno símbolo gráfico, usado geralmente para representar um software ou um atalho para um arquivo específico, aplicação (software) ou diretório (pasta). Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dcone_\(inform%C3%A1tica\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dcone_(inform%C3%A1tica))>. Acesso em: 28 ago.2011. 23:55:11.

⁶⁰ MSN Messenger é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu a 22 de Julho de 1999, anunciando-se como um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger>. Acesso em: 28 ago.2011. 23:58:40.

;) ;D	Piscadela (piscada)
:D =D	Sorriso grande ou risada
:’(Chorando

Fig. 14 Emoticons

Também é chamado de Smiley ou Smiley Face, uma espécie de emoticon, que representa uma carinha sorridente (smiling, em inglês) criada pelo designer Harvey Ball por encomenda de uma empresa americana de seguros que tinha como objetivo estimular seus funcionários. Devido ao seu grande sucesso, ultrapassou as fronteiras da empresa e começou a ser aplicado em diversos produtos.

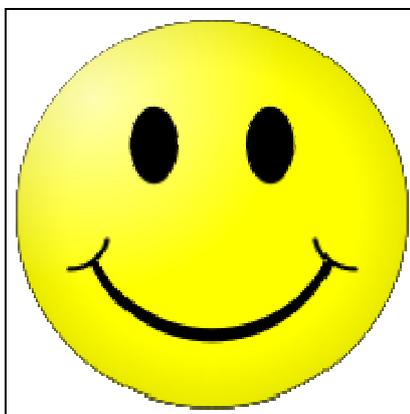


Fig. 15 - Smiley

Cabe aqui lembrarmos que o primeiro registro de caracteres de texto ocorreu no jornal News York Herald Tribune em 10 de março de 1953, página 20, coluna 4-6, ao tratar da propaganda do filme *Lili*, estrelado pela atriz francesa Leslie Caron. Esta foi a sequencia:

Original em Inglês	Tradução
Today	Hoje
You'll laugh :)	Você vai rir :)
You'll cry :(yes	Você vai chorar :(sim
You'll love S2 (heart-shaped face)	Você vai amar S2 (formato de coração)



Fig. 16 - Propaganda do filme Lili ,no jornal New York Herald Tribune, em 10 de Março de 1953.

Com o advento da Internet e de os gêneros textuais no contexto da mídia eletrônica, os emoticons se expandiram para tornar a interação mais ágil, dinâmica e produtiva, *fundamental para manter uma conversa em tempo real, ajudando a estabelecer uma relação de confiança entre quem está*

conversando, afirma Ronaldo Lemos, professor da FGV (Fundação Getúlio Vargas) em entrevista ao jornal Folha Online. De acordo com ele, mesmo aquelas expressões sem animação e compostas somente por caracteres, permanecerão em alta e se reinventando. *Ainda há muito espaço para os emoticons tradicionais evoluírem por conta própria*, prevê. (Folha Online, 24/03/2010).

Para Crystal (Crystal (2006, p. 86)

Elas podem prevenir uma percepção errada das intenções de um falante, mas um *smiley* individual ainda permite um vasto número de leituras (felicidade, piada, simpatia, bom humor, deleite, diversão etc.) que só podem ser despidas de ambiguidade com uma referência ao contexto verbal.

Além disso, o autor considera que tais símbolos são grosseiros por apresentar características básicas da expressão da face. Para ele, estes símbolos podem ainda levar a um mal entendido, por sua variedade de interpretações. Porém, não podemos negar que o emoticon contribui por trazer *indícios da transmutação de expressões faciais e estados de espírito, próprios da conversação face a face, para o chat, haja vista os interlocutores estarem impossibilitados de expressar, presencialmente, sensações*. (Araujo, 2005, 106).

4.4 Os emoticons nas mensagens de bate-papo

Selecionamos para nossa análise 3 salas de bate-papos pertencentes à região sudeste, na cidade de São Paulo, distribuídas em 3 faixas etárias, a primeira sala de 30 a 40 anos; a segunda sala de 40 a 50 anos e a terceira sala com mais de 50 anos. O critério para a escolha destas faixas se baseia na experiência linguística de uma geração de usuários que em sua trajetória não tiveram acesso às novas tecnologias, sendo esse acesso, portanto, mais recente. Evidente que há o risco de usuários de outras faixas etárias acessarem as salas que serão tratadas na presente pesquisa.

Em seguida, analisaremos alguns aspectos da escrita mesopotâmica e egípcia para então tratarmos das possíveis relações entre os emoticons e a escrita ideográfica (sinais ideográficos) utilizados por essas duas civilizações.

Diálogo 1

(01:11)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** 😞

(03:01:28)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** vc caiu?

(03:01:48)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** achei que tinha saido.....que eu falei algo que nao gostou

(03:01:57)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** ce ouve midi?

(03:02:15)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** onde ce vai?

(03:02:23)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** ah ta..tendi...rs

(03:02:28)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** 😊

(03:03:05)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** ah...shopping é bom uai....bater perna

(03:03:27)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** eu vou no shopping também, mas toda vez que eu vou eu me sinto tao tao pobre...

(03:03:28)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** kkkkkkkkkkkkkkkkk

(03:03:48)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** vontade de comprar Tudo..rs

(03:03:51) @k@w@s@ki entra na sala...

(03:04:00) @k@w@s@ki fala para **Todos:** tardes 😊

(03:04:05) **Homem Sério** fala para **CAVALONA:** vamos aki mesm 😊

(03:04:09) @k@w@s@ki fala para **CAVALONA:** 😞

(03:04:18)  **Ninguem quer eu :(** fala para **jully:** rrsrsrs..ce ta certa...quem paga caro é anta



Figura 19: Diálogo entre duas internautas com uso de imagem e escrita
 Fonte: Bate-papo UOL – Cidades – SP – Mais de 50 anos – sala 22

Com base no diálogo 1, verificamos que um problema de conexão motivou o reinício da conversa do participante *'Ninguém quer eu :('* com a participante *Jully*. O participante tenta usar o recurso com a sua interlocutora, ao perguntar-lhe se ela ouve midi, mas ele não é atendido. O recurso (*midi*) *permitir música* (nessa conversa), não é aproveitado. Outro aspecto a ser considerado é o uso da imagem (emoticon) pelo participante que busca complementar sua mensagem escrita e também se aproximar da sua interlocutora com simpatia por meio do emoticon que expressa o sorriso. O participante ainda no início da conversa utilizou o emoticon da dúvida concernente à saída repentina da colega. Há ainda a utilização de abreviações de palavras (*vc, ta, ce, tendi*), o uso de consoantes (*vc, rs*).

Observamos também a ausência de acentuação gráfica nas palavras (*saido, nao, tao, ninguem*) e um erro ortográfico na conversa do participante *'Homem sério'* (*aki, mesm*). Vale destacarmos que o participante *'Ninguém quer eu'* demonstra conhecimento no uso da vírgula antes de uma conjunção adversativa na frase (*eu vou no shopping também, mas toda vez que eu vou eu*

me sinto tao tao pobre...). Por outro lado, o participante utiliza uma variação quanto à regência verbal (*eu vou no shopping*).

Quanto à participante 'Jully', esta utiliza o recurso denominado *lol*, que provém do (acrônimo inglês para *Laugh Out Loud*), isto é, (*rir bem alto*) com a gargalhada (kkkkkkkkkkkkkkkk). Há outras interações que utilizam o emoticon para estabelecer o início de uma conversa como no caso @k@w@s@ki que procura chamar a atenção da participante CAVALONA para o começo de uma interação, usando um símbolo que mostra a língua.

Com base no diálogo 2, verificamos que a participante K@S@DINH@ utiliza a repetição de letras, estas em caixa alta (maiúscula) para chamar a atenção da sala. Usa o recurso do emoticon para ser convidativa, mas parece não querer estabelecer contato com os demais participantes. K@S@DINH@ se diz assustada com o apelido de algum participante e diz preferir qualidade, ao invés de quantidade. O seu tempo de permanência é de aproximadamente 20 minutos e seu diálogo parece mais um monólogo, ao proferir palavras que remetem à questão da personalidade.

Com base no diálogo 3, verificamos que o recurso disponível da música é utilizado na interação entre os participantes, tornando-se o assunto predominante do diálogo. Há a utilização de emoticons, algumas palavras abreviadas e quase nenhum erro de ortografia.

O importante nessa conversa é que ocorre diferentemente dos dois diálogos anteriores, *a intersemiose som-imagem-escrita através da superposição da marca visual, da manifestação sonora que decorre dessa marca e, finalmente, da escrita usada para construção do tópico conversacional.* (Araujo, 2005, p. 103).

Podemos dizer que há uma projeção da natureza hipertextual do gênero chat, pois as 3 linguagens não disputam entre si, mas coexistem, de forma harmônica, na tela do computador, no suporte do hipertexto. Assim sendo, destacamos que os participantes utilizam uma grafia (internetês) empregada em e-mails, chats e blogs por usuários que buscam uma interação com uma

linguagem própria, mais dinâmica, ágil e prazerosa, por intermédio de recursos semióticos.

4.5 Aproximações entre emoticons e sinais determinativos

O emoticon utilizado nas salas de bate-papo é um recurso semiótico que traz marcas da conversação do cotidiano - expressões faciais e estados de espírito. Possui a função de complementar a mensagem escrita, associada à negociação do sentido. Quanto aos sinais determinativos, possuem a função de determinar o significado da palavra, evitando ambiguidades.

Deste modo, emoticons e sinais determinativos transmitem ideias (possuem valor ideográfico) e acompanham palavras com valor fonético (som). Mas as semelhanças terminam nesses dois aspectos, pois enquanto os sinais determinativos tinham a finalidade de ajudar o leitor no entendimento das palavras, os emoticons possuem o papel de complementar a mensagem escrita.

Os determinativos buscam evitar as possíveis ambiguidades, os emoticons permitem um variado número de leituras (felicidade, piada, simpatia, bom humor, deleite, diversão) que só podem ser resolvidas pelo contexto verbal. Os sinais determinativos possuem um papel essencial, ao classificar categorias de palavras, substantivos próprios masculinos, formas de plural, e assim por diante. Os emoticons são secundários, às vezes, até dispensáveis, mas importantes na negociação de sentido do texto. São responsáveis pela agilidade e dinâmica na interação eletrônica.

Desta forma, é preciso considerar que cada escrita reflete um dado momento, que fica aliado a uma configuração de tecnologias com suas implicações sobre as nossas atividades, nosso cotidiano e nosso conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo centrado nosso tema na busca das relações entre os *emoticons*⁶¹ utilizados nas mensagens virtuais, inseridas no contexto da tecnologia digital, com os sinais *determinativos* da escrita ideográfica⁶² utilizada pelas antigas civilizações mesopotâmica e egípcia, entendemos, nessa busca, que deveríamos chegar ao contexto da tecnologia digital, período em a história da humanidade focaliza a comunicação atrelada ao desenvolvimento da informática e ao advento da rede mundial de computadores – a internet, que traz uma palavra que, há décadas, fazia parte apenas da ficção científica: o espaço virtual ou o *ciberespaço*⁶³.

Desta forma, decidimos fazer um estudo dos emoticons que, como mencionamos na introdução do presente trabalho, são recursos imagéticos expandidos com o surgimento da internet, formas de comunicação que traduzem ou querem transmitir o estado psicológico ou emocional de quem os emprega, dinamizando a interação dos usuários e auxiliando na construção dos sentidos. Focamo-nos no gênero digital, o chat⁶⁴.

Fizemos um panorama histórico dos sistemas de escrita ideográficos, para podermos estabelecer sua relação com os emoticons, visando estabelecer pontos de similaridade entre eles e os sinais ideográficos, o que nos levou a uma questão de pesquisa que será respondida a seguir.

⁶¹ Do inglês *emotin* + *icons* ou ícones de emoção. São combinações de caracteres do teclado do computador que os participantes utilizam nas comunicações escritas na Web.

⁶² Para Diringer (1971, p. 24), as escritas dos antigos mesopotâmicos, egípcios, cretenses e hititas são classificadas, incorreta e frequentemente, como 'ideográficas'. Na verdade, embora possam muito bem ter sido ideográficas na origem, os mais antigos exemplos conhecidos só em parte são ideográficos, apresentando também um elemento fonético, e combinando-se as duas formas de vários modos.

⁶³ Palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O ciberespaço designa ali o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Lévy (2007, p. 104).

⁶⁴ Em português significa "conversaço", ou "bate-papo" usado no Brasil, é um neologismo para designar aplicações de conversaço em tempo real.

Antes, porém, gostaríamos de retomar os objetivos que foram por nós alcançados: 1) apresentar os fundamentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística; 2) fazer o levantamento do clima de opinião do período correspondente às antigas civilizações da humanidade mesopotâmia e egípcia, para assim compreender a concepção de sinais *determinativos*; 3) fazer o levantamento do clima de opinião do fim do século XX e início do século XXI, entre os anos 1990 e 2000, para compreendermos o contexto da tecnologia digital; 4) estabelecer relações entre os emoticons e os sinais determinativos da escrita cuneiforme e hieroglífica, definindo semelhanças e diferenças.

Com relação ao primeiro objetivo, alcançamo-lo por termos assimilado os conceitos e os princípios da Historiografia Linguística. Quanto ao segundo e terceiro objetivos, traçamos o clima de opinião da época das civilizações antigas por conta do surgimento e desenvolvimento da escrita e de fins do século XX e do início do século XXI por conta do surgimento e desenvolvimento dos emoticons e do contexto da tecnologia digital. Em referência ao quarto objetivo, atingimo-lo por termos conseguido estabelecer as relações entre os emoticons e os sinais determinativos da escrita cuneiforme e hieroglífica, definindo semelhanças e diferenças.

Dessa forma, sintetizando nossas considerações finais, podemos asseverar que, na busca pela relação entre emoticons utilizados nas mensagens do chat e sinais determinativos utilizados na escrita cuneiforme e hieroglífica, percorremos um caminho histórico, desde os primeiros registros do homem até chegarmos à escrita alfabética ortográfica de origem latina.

Hoje vemos uma escrita ligada ao desenvolvimento tecnológico, uma escrita que está inserida ao contexto da mídia digital, ao contexto da Internet, disseminada no país, e em fase de popularização, *criando uma nova forma de expressão, engenhosa, repleta de gírias, abreviaturas e palavras transpostas com significado claro, mas diferentes do registro formal da língua portuguesa.* (Fruet, Winch, Fagan, Zemolin, 2009, p. 102-103).

Assim sendo, vemos uma língua *em constante processo de transformação* como tantas outras línguas no mundo globalizado, procurando

atender às necessidades dos indivíduos de nosso tempo. Como produto social, a língua é o resultado de um posicionamento social e histórico empregada pelos usuários e não podendo ser classificada como um sistema de signos ordenados por uma gramática prescritiva. *O fato de ser considerada produto histórico e social resulta na necessidade de se ter consciência de que constantemente estará suscetível a mudanças.* (ibid., p. 31).

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias

DIRINGER, David. *A escrita*. 12º volume da coleção “História Mundi”. Editorial Verbo, 1971.

PARKINSON, Richard. *Guia dos hieróglifos egípcios: como ler e escrever em egípcio antigo*. Tradução Martha Malvezzi Leal. São Paulo, Madras, 2006.

Fontes secundárias

ALMEIDA, Marly de Souza. *Metalinguagem e Identidade Lingüística Brasileira na Sátira Poética de Oswald de Andrade*. Tese de doutoramento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

ALTMAN, M. C. *Pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. (com a colaboração de Rodrigo Lacerda). 3ª ed. Ampl. e atualizada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BASTOS, Neusa Barbosa. (org.) *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino da Língua Portuguesa do século XVI ao XIX*. Lucerna, Rio de Janeiro, 2004.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo, Scipione, 1996.

CARVALHO, Marcelo S. R. M. de & CUKIERMAN, H. L. *Os primórdios da Internet no Brasil*. 2003. Disponível em:

<<http://www.nethistory.info/Resources/Os%20primordios%20da%20Internet%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2011.

CROUZET, Maurice. (org). *História geral das civilizações: o Oriente e a Grécia antiga: as civilizações imperiais*. (André Aymard & Jeannine Auboyer). Tradução de Pedro Moacyr Campos. Vol. 1. Bertrand Brasil. São Paulo, 1993.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita; tradução de Fúlvia M. L. Moreto – São Paulo: Editora UNESP, 2002*

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Trad. Ricardo Quintana; consultoria, Yonne Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DICWEB – Dicionário de Informática, 2008. Disponível em: <<http://www.dicweb.com/ee.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2009, 01:00.

FISCHER, Steven Roger. *Uma breve história da linguagem*. Tradução Flavia Coimbra. – Osasco, SP. Novo Século Editora, 2009.

GODOY, Eliana Vieira. *Historiografia Linguística: um percurso histórico linguístico*. Revista Múltiplas Leituras, v. 2, p. 177-188, jul. /dez. 2009.

HORCADES, Carlos. *A evolução da escrita*. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio, 2004

INTERNETÊS: AMEAÇA À OU EVOLUÇÃO NA LÍNGUA PORTUGUESA?
Disponível em: <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/rev/article/viewFile/131/139>. Acesso em 28 jul.2011.20:30.

KOERNER, Konrad. *Questões que persistem em historiografia lingüística*. In Revista da ANPOLL, nº 2, p. 45.1996

KOMESU, Fabiana Cristina. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução por Carlos Irineu da Costa. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MASSINI-CAGLIARI, G., CAGLIARI, L. C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ABL; São Paulo: FAPESP, 1999.

NASCIMENTO, Jarbas V. (org.) *Historiografia linguística: rumos possíveis*. São Paulo: Pulsar, 2005.

ORIENTE MÉDIO. In: ENCICLOPÉDIA DO ESTUDANTE. São Paulo: Moderna, 1998, vol.20, p. 262.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é Lingüística*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PRETI, Dino. A propósito do “palavrão” e de seu dicionário. In: _____. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1984a.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. Revista argentina de historiografía lingüística. RAHL – volumen 1 número 1, p. 67-76, 2009. Disponível em <<http://www.rahl.com.ar/Numeros/I-2009.html>>. Acesso em: 2 jul.2011. 20:50.

